



PUC  
RIO

UMA REAVALIAÇÃO METAPSICOLÓGICA  
DOS CONCEITOS DE  
DEFESA, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

Antonio Carlos de Sá Earp

TESE EM PSICOLOGIA

Rio de Janeiro, janeiro de 1973

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
DO RIO DE JANEIRO

Rua Marquês de São Vicente, 225 - Gávea

CEP 22453-900 Rio de Janeiro RJ Brasil

<http://www.puc-rio.br>

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

Departamento de Psicologia

UMA REAVALIAÇÃO METAPSICOLÓGICA  
DOS CONCEITOS DE  
DEFESA, REPRESSÃO E RESISTÊNCIA

Antonio Carlos de Sá Earp

Tese submetida como requisito  
parcial para a obtenção do grau  
de Mestre em Psicologia

Rio de Janeiro, janeiro de 1973.



30775

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
INSTITUTO DE QUÍMICA  
LABORATÓRIO DE QUÍMICA ANALÍTICA

150  
E12

DESE VC  
VC-19131-7

MCS

Aos professores que me acompanharam com dedicação no meu esforço em aprender, a todos que colaboraram direta ou indiretamente na minha formação acadêmica, à CAPES pela bolsa de estudos durante o ano de 1970, ao Departamento de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, meu mais sincero agradecimento.

Ao Dr. Carlos Paes de Barros pela lucidez e amizade que demonstrou na orientação da tese, a Marília Sodré Teixeira que sempre esteve presente, ajudando-me com carinho na execução desse trabalho, toda minha gratidão.

## SUMÁRIO

O objetivo deste trabalho é reavaliar alguns conceitos psicanalíticos estreitamente relacionados, ou seja, os conceitos de defesa, repressão e resistência. O estudo se situa dentro de uma perspectiva metapsicológica e não se preocupa diretamente com a colocação dos conceitos em questão dentro da teoria do desenvolvimento, da teoria dos quadros psicopatológicos ou da teoria da técnica psicoterapêutica. Inicialmente é feita uma sistematização da metapsicologia abordando os pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico. Dentro do ponto de vista topográfico, os vários sistemas neurônicos (Phi, Psi-nuclear, Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego) são discutidos nas suas correspondências com os sistemas Inc./Prec.(Cc.) de um lado e com os sistemas do Id/Ego/Super-Ego, do outro. Ao lado das "barreiras de contato" é introduzido o conceito de "estrutura interneurônica de valor variável". A idéia de neurônios secretores, proposta e depois abandonada por Freud, é reintroduzida e utilizada na explicação dos conceitos centrais deste trabalho. Para explicar o funcionamento das contracatexes é hipotetizada uma estrutura designada de "estrutura de comutação". Dentro do ponto de vista dinâmico, além da urgência, subdividida em urgência<sub>1</sub> e urgência<sub>2</sub>, do impulso-do-desejo, do impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego e do impulso-da-defesa, uma nova força é caracterizada: o impulso-do-bloqueio. Do ponto de vista econômico são enunciadas as duas leis fundamentais que regem os processos energéticos: o princípio da conservação de energia e o princípio da constância de intensidade (estacionaridade). O segundo capítulo apresenta uma discussão das formas de tensão definida como o aumento de catexes além do nível constante no aparelho psíquico. A dor, o afeto, o desprazer, a angústia e o sinal de angústia são apresentados diferencialmente e são propostas as explicações metapsicológicas para cada um desses fenômenos. Os mecanismos do aparelho psíquico são classificados em "mecanismos de proteção" e "mecanismos de satisfação". Dentro dos "mecanismos de proteção" é feita uma subdivisão que compreende o "bloqueio", que

seria o mecanismo mais primitivo, e a defesa. A defesa é analisada em dois aspectos complementares, o primeiro relacionado com a interrupção do aumento progressivo de catexes no aparelho psíquico e o segundo constando dos processos de derivação do excesso energético já acumulado. Dentro do "primeiro aspecto da defesa" são analisados a recusa, a repressão e o juízo de condenação. O isolamento e a de-negação são colocados como casos especiais da repressão. A repressão é vista como a base de toda defesa de índole neurótica. O conteúdo do material reprimido é caracterizado pela forte associação de memórias prazerosas com memórias do objeto hostil trazendo a situação de conflito. A incapacidade de consciência é vista como um sinal mas não como um fator constituinte da repressão. A defesa e a repressão secundárias são vistas como complicações resultantes ou de um enfraquecimento do Ego ou de um afluxo pulsional muito grande. A resistência como força de oposição ao tratamento é analisada em termos da resistência ligada ao "primeiro aspecto da defesa" e da resistência ligada ao "segundo aspecto da defesa". Da resistência ligada ao "primeiro aspecto da defesa" depende a manutenção da recusa, da repressão e do juízo de condenação. A resistência eventualmente ligada ao "segundo aspecto da defesa" depende do benefício secundário do sintoma. O trabalho termina com uma discussão sobre a fonte da resistência atribuindo-a ao Ego, ao Id e ao Super-Ego.

## SUMMARY

The objective of this work is to reevaluate some psychoanalytic concepts closely related, namely, the concepts of defense, repression and resistance. The study is carried out on a metapsychological perspective and is not concerned directly with questioning the same concepts inside the theory of development, the theory of psychopathological conditions or the theory of psychotherapeutic technique. The first part consists of a systematization of Metapsychology with reference to the topographic, dynamic and economic points of view. Under the topographic point of view, the various neuronic systems (Phi, Psi-nuclear, Psi-pallium and ego-inhibited-Psi pallium) are discussed in their correspondence with the Ucs/Pcs(Cs) systems on one hand and with the Id/Ego/Super-Ego systems, on the other. In addition to "contact barriers", the concept of "variable value interneuronic structure" is introduced. The idea of secretory neurones, proposed and abandoned by Freud afterwards, is reintroduced and used in the explanation of the central concepts in this paper. To explain the functioning of the anticathexis a structure is hypothesized designated as "commutation structure". Under the dynamic point of view, besides the urge, subdivided into  $urges_1$  and  $urges_2$ , the wishful-impulse, the ego-inhibited-wishful-impulse and the defense-impulse, a new force is characterized: the blocking-impulse. Under the economic point of view, two fundamental laws are enunciated which regulate the energetic processes: the principle of energy conservation and the principle of intensity constancy (stationarity). The second chapter presents a discussion of the forms of tension defined as the increase of cathexis beyond the constant level in the psychic apparatus. Pain, affect, displeasure, anxiety and signal of anxiety are differentially presented and the metapsychological explanations for each of these phenomena are proposed. The psychic apparatus mechanisms are classified into "mechanisms of protection" and "mechanisms of satisfaction". Under the "mechanisms of protection" a subdi-

vision is made which comprises "blockage", as the most primitive mechanism, and defense. Defense is analysed under two complementary aspects, the first related to the interruption of the progressive increase of cathexis in the psychic apparatus and the second composed by the derivation processes of the energetic surplus already accumulated. Under the "first aspect of defense" disavowal, repression and judgment of condemnation are analysed. Isolation and negation are placed as special cases of repression. Repression is viewed as the basis of all neurotic defenses. The content of the repressed material is characterized by strong association of pleasurable memories with the hostile object's memory, bringing in the conflict situation. The incapability of consciousness is seen as a sign but not as a constituent factor of repression. Secondary defense and secondary repression are seen as complications resulting either from a weakness of the Ego or a very large drive afflux. Resistance related to the "first aspect of defense" and resistance related to the "second aspect of defense" compose the resistance as a force of opposition to treatment. The maintenance of disavowal, repression and judgment of condemnation depends on the resistance related to the "first aspect of defense". The resistance contingently related to the "second aspect of defense" depends on the secondary gain from the symptom. The paper ends up with a discussion about the source of resistance, ascribing it respectively to the Id, to the Ego and to the Super-Ego.



## ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1 O APARELHO PSÍQUICO	10
1.1 - O Ponto de Vista Topográfico	13
1.1.1 - Os Sistemas Neurônicos Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego	13
1.1.2 - O Sistema Inc. e o Sistema Prec.(Cc.)	18
1.1.3 - O Id e o Ego	20
1.2 - O Ponto de Vista Dinâmico	20
1.2.1 - A Urgência	22
1.2.2 - O Impulso-do-desejo	23
1.2.3 - O Impulso-do-bloqueio	25
1.2.4 - O Impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego	26
1.2.5 - O Impulso-da-defesa	27
1.3 - O Ponto de Vista Econômico	28
1.3.1 - O Princípio da Conservação da Energia	28
1.3.2 - O Princípio da Constância da Intensidade	28
1.4 - Considerações Adicionais	29
1.4.1 - O Aparelho Psíquico	29
1.4.2 - O Id e o Ego	29
1.4.3 - O Super-Ego	30
1.4.4 - O Processo Psíquico Primário e o Processo Psíquico Secundário	30
1.4.5 - Energia Psíquica e Catexes	31
2 A TENSÃO	32
2.1 - A Dor	32
2.2 - O Afeto	33
2.3 - O Desprazer	35
2.4 - A Angústia	36
2.5 - O Sinal de Angústia	37

3	OS "MECANISMOS DE PROTEÇÃO"	39
3.1	- Natureza dos "Mecanismos de Proteção"	39
3.2	- As Formas dos "Mecanismos de Proteção"	40
3.3	- Avaliação Psicopatológica dos "Mecanismos de Proteção"	44
3.4	- Adições Metapsicológicas Relacionadas com o Mecanismo de Defesa	47
3.5	- O "Primeiro Aspecto da Defesa"	51
3.5.1	- O Juízo de Condenação	51
3.5.2	- A Repressão	52
3.5.3	- A De-negação e o Isolamento	53
3.5.4	- A Recusa	55
3.6	- O "Segundo Aspecto da Defesa"	57
3.7	- Considerações Finais sobre o "Primeiro Aspecto da Defesa"	60
3.7.1	- Repressão, a Base da Defesa Neurótica	60
3.7.2	- A Repressão e a Incapacidade de Cons- ciência	62
3.7.3	- A Natureza das Memórias Reprimidas	63
3.8	- A Evolução do Mecanismo de Defesa	65
4	A RESISTÊNCIA	68
4.1	- A Resistência ao Material Reprimido	71
4.2	- A Resistência ao Abandono do Sintoma	73
4.3	- O Id, o Ego, o Super-Ego e a Resistência	74
	CONCLUSÕES	76
	ESQUEMAS	
ESQUEMA 1	"O Impulso-do-Bloqueio"	86
ESQUEMA 2	"A Abolição Perceptiva"	87
ESQUEMA 3	"Os Dois Aspectos da Defesa"	88
ESQUEMA 4	"O Lugar de Atuação do 'Primeiro Aspecto da Defesa'"	89
	BIBLIOGRAFIA	90

## INTRODUÇÃO

A origem deste trabalho está nos estudos que começamos a fazer, no final de 1971, sobre o conceito de "resistência" dentro da obra de Freud. Achávamos que o esclarecimento deste conceito iria nos ajudar imensamente no entendimento do processo terapêutico psicanalítico. Percebemos, no entanto, logo de início, que seria insatisfatório pesquisar o conceito de resistência unicamente dentro dos trabalhos referidos à técnica de tratamento. Uma abordagem verdadeiramente esclarecedora deveria começar pela análise metapsicológica do fenômeno e deixar para uma segunda fase os aspectos técnicos da resistência. Este passo é uma base indispensável se nossa intenção é realizar um trabalho científico dentro da psicanálise. Voltamos então nossos olhos para a metapsicologia freudiana e encontramos no artigo de Carlos Paes de Barros, intitulado "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology"<sup>1</sup> a melhor ajuda para esclarecer os problemas que estávamos focalizando. Paralelamente foi se tornando claro para nós que a explicação metapsicológica da resistência supõe a explicação de outros conceitos com os quais a resistência está estreitamente vinculada, ou seja, os conceitos de tensão, defesa e repressão. Diante dessas conclusões o nosso interesse, inicialmente voltado para a resistência, deslocou-se para uma série de fenômenos interligados dos quais a resistência seria apenas um dos elementos. A ênfase do nosso trabalho está então na organização destes fenômenos e na explicação metapsicológica deles. Tanto a sistematização dos fenômenos em questão quanto a explicação metapsicológica dos mesmos exigiram que nós fizéssemos algumas inovações teóricas ao lado da utilização dos conceitos já conhecidos. Queremos nesta introdução anteciper o conteúdo de cada capítulo do nosso trabalho, apontando o que há neles de mais importante, o que está sendo proposto por nós como novidade e o que reproduz o pensamento original de Freud.

O primeiro capítulo se centralizará no estudo do aparelho psíquico proposto por Freud. Vamos começar esclarecendo a posição de Freud frente à ciência para indicar com precisão o lugar exato da teoria como fruto específico do trabalho científico, e o lugar das observações empíricas, como o instrumento de verificação da validade da teoria e campo de aplicação dela. Indicaremos o jogo dialético, que é observado nas obras de Freud, entre a elaboração teórica e a observação empírica.

Mostraremos depois a complexidade das teorias freudianas para isolar a teoria do aparelho psíquico, que constitui a metapsicologia, da teoria da técnica terapêutica, da teoria dos quadros clínicos e da teoria do desenvolvimento. Precisaremos a importância da metapsicologia como a base de toda a construção teórica e a única que pode dar unidade a ela. Justificaremos então o uso do modelo termodinâmico por Freud esclarecendo que o aparelho psíquico foi concebido como espacialmente extenso e materialmente composto. Vamos introduzir então os três pontos de vista clássicos da metapsicologia, ou seja, os pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico, referindo ao ponto de vista topográfico a organização material do aparelho psíquico, ao dinâmico as forças que nele atuam, e ao econômico as leis energéticas que o regulam.

No parágrafo 1.1 estudaremos as três formulações topográficas sucessivamente propostas por Freud. Começaremos pelas hipóteses de 1895<sup>1</sup> que descrevem vários sistemas neurônicos conjugados. Em primeiro lugar está o sistema Phi, incapaz de acumular energia, servindo unicamente como condutor da corrente energética. Segue-se o sistema Psi-nuclear, já capaz de acumular energia e que contém barreiras de contacto que represam a energia até determinado nível. Veremos depois o sistema Psi-pallium, com "estruturas interneurônicas de resistência variável", já capaz de se modificar em virtude de acontecimentos energéticos que ocorram nele, fundamentando, desta forma, a capacidade de memória e aprendizagem. Estudaremos finalmente o sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego.

com um grupo de neurônios com facilitações fixas entre si e a quantidade de energia aí acumulada, caracterizando o ego, que será capaz de regular o deslocamento das catexes evitando as facilitações duradouras e obtendo adaptação aos estímulos ambientais variados.

Continuaremos com as formulações que já aparecem em 1900 no livro "A Interpretação dos Sonhos",<sup>6</sup> e que estudam o aparelho psíquico como composto dos sistemas Inc. e Prec.(Cc.) aos quais pertenceriam os conteúdos arcaicos e recentes respectivamente, e com a reformulação dessas conceituações sobre os sistemas Inc. e Prec.(Cc.) estabelecida em 1915.<sup>14,17</sup> Terminaremos o estudo do ponto de vista topográfico analisando brevemente as idéias referentes ao Id e ao Ego propostas em 1923.<sup>19</sup>

No parágrafo 1.2 vamos abordar o ponto de vista dinâmico, esclarecendo as cinco forças básicas que atuam no aparelho psíquico; a urgência, já presente desde o sistema Psi-nuclear e que atua no sentido de manter um nível constante de catexes, procurando a descarga de todo excesso energético; o impulso-do-desejo, que aparece no sistema Psi-pallium e que visa a recatetização das memórias ligadas à vivência de satisfação; o impulso-do-bloqueio, simétrico ao impulso-do-desejo, que visa o apagamento das memórias ligadas à vivência de dor; o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego que procura a descarga de energia por vias adequadas, de tal forma a interromper o aumento do nível de catexes no aparelho psíquico a partir do soma; e o impulso-da-defesa, que visa a interrupção do aumento de catexes a partir dos neurônios secretores.

No parágrafo seguinte, o de número 1.3, vamos estudar o ponto de vista econômico, indicando o princípio de conservação de energia, correspondente ao primeiro princípio da termodinâmica, e o princípio da constância de intensidade, semelhante ao princípio de manutenção de equilíbrio, que regulam os processos energéticos do aparelho psíquico. Terminando o primeiro capítulo tocaremos brevemente em alguns conceitos adicionais e esclareceremos alguns aspectos dos

conceitos já estudados a fim de resolver dúvidas que poderiam trazer confusão posteriormente.

No segundo capítulo vamos tratar da tensão, entendida como o aumento de catexes no sistema Psi que ultrapasse o nível constante. Indicaremos então as formas básicas pelas quais a tensão é provocada, nos interessando particularmente pelas formas nas quais o aumento de catexes além do nível constante se dá de maneira brusca. Especificaremos então a base metapsicológica da dor, do afeto, do desprazer, da angústia e do sinal de angústia.

No parágrafo 2.1 trataremos da dor indicando que ela é provocada pela irrupção de grandes quantidades energéticas no sistema Psi, a partir de estímulos externos, transmitidos pelas vias nociceptivas do sistema Phi. Mostraremos como a dor vai botar em funcionamento a urgência, denotando movimentos reflexos de fuga e vai deixar facilitações fortíssimas entre os neurônios secretores e a memória do objeto hostil. Entra então em ação o impulso-do-bloqueio, com o apagamento da imagem do objeto hostil e, quando o Ego é capaz de inibir as forças primárias do sistema neurônico Psi-pallium, aparecem movimentos defensivos complexos, modificáveis pela experiência e adaptados à realidade específica de cada situação dolorosa.

Depois disso estudaremos, no parágrafo 2.2, o afeto definido como o aumento repentino e pronunciado do nível de catexes além do nível constante em virtude de grandes quantidades de energia despendida pelos neurônios secretores e levada até o aparelho psíquico quando aqueles neurônios são ativados livre e intensamente pela memória do objeto hostil. Distinguiremos então a dor do afeto e mostraremos as relações entre estes dois fenômenos. Vamos apontar como o afeto faz entrar em ação o impulso-do-bloqueio que será caracterizado como a interrupção da ativação dos neurônios secretores pelo esvaziamento das catexes da memória do objeto hostil que serão atraídas na direção do grupo de neurônios de Psi-pallium que estavam muito carregados de energia e que funcionam, nessas ocasiões, como catexes laterais.

Veremos então o desprazer, no parágrafo 2.3, como o aumento lento e continuado do nível de catexes em função das pulsões somáticas. Apontaremos como o desprazer faz entrar em ação a urgência, no sistema Psi-nuclear, o impulso-do-desejo no Psi-pallium e o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego no Psi-pallium-inibido-pelo-ego.

A seguir discutiremos a angústia introduzindo a noção de limiar de tensão a partir do qual tanto a dor quanto o afeto e o desprazer produzem angústia. Indicaremos, então, como no caso de tensão supraliminar há uma descarga de catexes por vias próprias que provocam as modificações nos ritmos cardíaco, circulatório e respiratório; sudorese; etc. , ou seja, as manifestações clínicas da angústia. Indicaremos ainda que Freud hipotetizava que na situação de angústia, isto é, na situação de tensão supraliminar há uma recatetização da memória de castração.

No parágrafo seguinte analisaremos o sinal de angústia indicando sua dependência à atividade do Ego. Será mostrado como o Ego é capaz de dosar a ativação dos neurônios secretores a partir da memória do objeto hostil substituindo, desta forma, o afeto e a angústia pelo sinal de angústia. Tentaremos explicar a substituição do afeto e da angústia pelo sinal de angústia através da competição de facilitações na direção dos neurônios secretores e na direção do Ego como catexes laterais. Procuraremos indicar como o sinal de angústia, aumentando o nível de catexes no Ego, põe em funcionamento o impulso-da-defesa que evita a catetização excessiva da memória do objeto hostil.

O terceiro capítulo do nosso trabalho será o mais extenso de todos e vai tratar dos "mecanismos de proteção" procurando caracterizar suas diversas fases e suas múltiplas formas e propondo as explicações metapsicológicas que achamos mais adequadas a elas. O primeiro parágrafo terá a denominação de "Natureza dos Mecanismos de Proteção" e nele vamos explicitar mais extensamente o que já teremos introduzido no final do segundo capítulo, isto é, a nossa proposta de distinguir os "mecanismos de proteção" dos "mecanismos de sa

tisfação". Diremos que ambos visam fazer voltar o nível aumentado de catexes ao nível constante mas se distinguem de dois modos: 1º) o aumento de catexes acima do nível constante, nas situações ligadas aos "mecanismos de proteção" é ou supraliminar ou brusco enquanto que nas situações ligadas aos "mecanismos de satisfação" é subliminar, lento e continuado; 2º) as forças compreendidas dentro do "mecanismo de proteção" são o impulso-do-bloqueio e o impulso-da-defesa enquanto que dentro dos "mecanismos de satisfação" são o impulso-do-desejo e do desejo-inibido-pelo-ego.

No parágrafo 3.2 iremos estudar as formas dos "mecanismos de proteção" e vamos propor duas formas básicas que denominaremos "repulsa da causa do afeto" ou "bloqueio", e defesa. Para explicarmos o "bloqueio" como o mecanismo de proteção mais primitivo lançaremos mão das noções de afeto, impulso do bloqueio e catexes lateral já introduzidas nos capítulos anteriores. Na explicação do mecanismo de defesa iremos utilizar os conceitos de sinal de angústia, impulso de defesa e ego, como grupo de neurônios com massa de catexes lateral constante e pré-existente ao desenvolvimento da tensão.

Passaremos então para uma avaliação psicopatológica dos "mecanismos de proteção" no parágrafo 3.3. Indicaremos, de início, a importância de se considerar a idade do indivíduo para estabelecer a natureza patológica ou não de determinado "mecanismo de proteção" e introduziremos depois a distinção dos "dois aspectos do mecanismo de defesa"; o primeiro relacionado com a interrupção do aumento de catexes e o segundo relacionado com a derivação do excesso de catexes já acumulada. Mostraremos então como o mecanismo de defesa é patológico, no seu "primeiro aspecto", quando não permite a catetização da memória do objeto hostil - essas memórias ficariam inacessíveis ao indivíduo. Diremos que o mecanismo de defesa será patológico, no seu "segundo aspecto", quando uma via de derivação estiver tão facilitada que se torne compulsiva. Deixaremos lugar, então, para uma forma de mecanismo de defesa não patológico que será caracterizado pela interrupção da ativação dos neurônios secretores sem que seja



impedida a catetização da memória do objeto hostil e pela possibilidade de derivação do excesso de catexes sem que haja compulsividade de uma forma de descarga. Diremos que o mecanismo-do-bloqueio é sempre patológico, a não ser em idades muito precoces, e vamos levantar a hipótese dele ser a base metapsicológica da abolição perceptiva.

No parágrafo 3.4 faremos algumas adições metapsicológicas que julgamos necessárias para termos uma explicação convincente dos "mecanismos de proteção" e da resistência. Discutiremos a hipótese metapsicológica que estávamos usando para explicar o sinal de angústia e a defesa, que se baseava na competição de facilitações fixas na direção dos neurônios secretores com as facilitações temporárias na direção do ego, quando o ego estivesse fortalecido como catexes lateral. Ampliaremos essa hipótese propondo a existência das "estruturas de comutação" situadas nos pontos de bifurcação e ativáveis pelas catexes do Ego denominadas contracatexes.

Estudaremos então no parágrafo 3.5 o "primeiro aspecto da defesa", referido à interrupção do aumento de tensão, e alinharemos vários mecanismos particulares. Mostraremos como o juízo de condenação é o mecanismo adequado de defesa e atua interrompendo a ativação dos neurônios secretores sem impossibilitar a catetização da memória do objeto hostil. Analisaremos depois a repressão indicando como é um processo mais primitivo que o juízo de condenação e que impede a catetização de algumas memórias que ficam inacessíveis ao sujeito. Passaremos depois ao estudo da de-negação e do isolamento mostrando como a de-negação é o resultado do levantamento ainda parcial da repressão e o isolamento é uma forma especial de repressão, que impede a catetização da memória das sensações e sentimentos que acompanham a situação traumática. Terminaremos este parágrafo estudando a recusa como um mecanismo do "primeiro aspecto da defesa" ainda mais primitivo que a repressão e que impossibilita o acesso a certas percepções ou a elaboração psíquica delas.

No parágrafo 3.6 voltaremos nossos olhos para o "segundo aspecto da defesa" que trata da descarga do excesso energético acumulado além do nível constante. Indicaremos a dificuldade de estudar os processos que compõem o "segundo aspecto da defesa" sem tratar dos "mecanismos de satisfação" aos quais eles se ligam. Indicaremos, rapidamente, dois modos básicos do Ego se livrar do excesso de catexes citando a somatização e o deslocamento e relacionando estes processos com a histeria e com a neurose obsessiva respectivamente.

No parágrafo 3.7 voltaremos ao "primeiro aspecto da defesa" para indicar como existe um contínuo juízo de condenação-repressão-recusa onde o juízo de condenação seria a defesa adequada, a recusa teria já uma natureza psicótica e a repressão seria a base da defesa neurótica. Trataremos depois da natureza das memórias reprimidas indicando como Freud propunha que ela era sempre sexual. Discutiremos a hipótese do efeito póstumo das experiências sexuais infantis para concluir que a natureza do material reprimido está na forte vinculação de memórias de experiências prazerosas, sexuais ou não, com memórias de objetos hostis.

Terminaremos o terceiro capítulo do nosso trabalho discutindo a luta defensiva secundária. Usando as hipóteses metapsicológicas propostas anteriormente procuraremos esclarecer os conceitos de defesa e de repressão secundárias indicando como elas aparecem quando há ou um enfraquecimento do Ego ou um afluxo pulsional excessivo.

No quarto capítulo vamos fazer o estudo da resistência. Mostraremos a sutil diferença de sentidos atribuídos ao termo resistência, ora como oposição do paciente à resolução das suas dificuldades, ora como oposição ao levantamento da repressão. Indicaremos como os sintomas podem eventualmente trazer benefícios secundários e, a partir disso, o Ego resiste em abandoná-los. A resistência seria portanto um fenômeno complexo, com duas vertentes, voltado para os dois aspectos da defesa. Será explicado como a resistência mantém a repressão no "primeiro aspecto" e o caminho de derivação responsável pelo sintoma no "segundo aspecto".

No parágrafo 4.1 vamos estudar a resistência ao material reprimido e descenderemos então aos detalhes metapsicológicos explicativos deste fenômeno. Nesta ocasião vamos esclarecer que a repressão se dá somente no início do processo defensivo, quando as idéias a serem reprimidas ainda tinham acesso à consciência. Posteriormente o que ocorre é a atuação do Ego no sentido de impedir que se dê a recatetização das memórias originalmente reprimidas. Este processo será a resistência do Ego ao material reprimido. Generalizaremos então a resistência do "primeiro aspecto da defesa" como atuando não só contra o material reprimido mas também contra o material recusado ou contra o material negado pelo juízo de condenação.

No parágrafo 4.2 estudaremos a eventual resistência ao abandono do sintoma explicando-a em termos da aderência do Ego aos modos de descarga produtores de prazer. A resistência ao abandono do sintoma está ligada ao impulso-do-desejo e sua explicação mais detalhada exigiria o estudo dos "mecanismos de satisfação". No parágrafo 4.3 discutiremos brevemente a fonte da resistência para localizá-la no Ego, no Id e no Super-Ego.

Terminando esta introdução queremos esclarecer, reafirmando o que já foi dito acima, que nosso trabalho tem como base a sistematização da metapsicologia freudiana apresentada no trabalho de Barros<sup>1</sup>, já citado, e procura utilizar a aquele corpo de conhecimentos, com a inclusão de algumas hipóteses adicionais para sistematizar e explicar os processos defensivos e a resistência.

## O APARELHO PSÍQUICO

O primeiro ponto que gostaríamos de esclarecer se refere à posição de Freud em relação ao trabalho científico. Se lermos suas obras notamos uma dupla preocupação: de um lado ele está voltado para os dados empíricos, para a observação direta, que ele faz com grande penetração; de outro lado Freud se volta para a elaboração de um esquema teórico, logicamente encadeado, que permita a explicação dos dados observados e que transcenda cada fenômeno particular, alcançando uma validade universal. Esse esquema racional é que vem a se constituir na teoria psicanalítica propriamente dita. Como em toda ciência, também na psicanálise há um jogo entre essas duas atividades, a da observação e a da elaboração teórica, e é desse jogo que se estabelece um movimento de enriquecimento crescente da ciência em questão. Os dados de observação formam o material que a teoria procura explicar; a teoria construída permite uma observação mais apurada e a detecção de fenômenos ainda não estudados; estes se tornam o material para o aperfeiçoamento da teoria, e o ciclo se continua indefinidamente. Esse movimento de elaboração crescente da psicanálise, com modificações teóricas continuadas, podemos constatar facilmente quando lemos as obras de Freud na ordem cronológica em que foram escritas.

Uma outra observação de grande importância para podermos nos situar bem no estudo da teoria psicanalítica se refere ao fato de que, sendo Freud um pioneiro na pesquisa de uma área tão complexa quanto é o psiquismo humano, seus trabalhos abrangeram inúmeros tópicos que precisavam ser esclarecidos a fim de poder chegar a um quadro unificado da área que ele estudava. Notamos então o interesse de Freud em construir uma teoria dos quadros psicopatológicos que explicasse e ordenasse suas observações clínicas; uma teoria da técnica terapêutica que permitisse uma explicação dos suces-

sos e dos fracassos terapêuticos e da qual se pudesse inferir normas orientadoras para o atendimento de pacientes; uma teoria evolutiva de personalidade que permitisse o entendimento dos fenômenos psíquicos em diversas idades e satisfizesse o requisito de continuidade próprio a qualquer fenômeno biológico; e finalmente uma teoria do aparelho psíquico, isto é, do lugar onde se dariam os fenômenos psíquicos. Esses vários aspectos da teoria psicanalítica se unificam quando percebemos que se referem a aspectos do aparelho psíquico: sua natureza, seu desenvolvimento, seus distúrbios e os modos de reequilibrá-lo. Freud construía cada um desses aspectos da teoria psicanalítica de permeio com os outros, dentro de sua necessidade, como pioneiro, de chegar a um quadro referencial cada vez mais útil e unificado. Se quisermos, no entanto, esclarecer um aspecto específico qualquer, temos que saber localizá-lo dentro do conjunto de trabalhos de Freud e, atentos para nosso enfoque, isolá-lo dos outros vizinhos sem o que traremos mais confusão do que esclarecimentos!

Com esse cuidado em vista podemos delimitar as construções de Freud referentes ao aparelho psíquico nos seus encaixes e nos seus modos de funcionamento. Esse conjunto de conhecimentos parece ser o fundamental para o entendimento fidedigno das outras hipóteses de Freud, quer referentes ao processo de desenvolvimento, quer aos distúrbios psicopatológicos ou ainda às técnicas terapêuticas. O conjunto de conhecimentos a respeito do aparelho psíquico é fundamental se nosso interesse se coloca em termos de uma análise científica de sua obra, e é fundamental na medida em que é nele que as outras hipóteses ganham esclarecimento. Talvez as descobertas clínicas de Freud e sua elaboração de uma técnica terapêutica tenham mais alcance, do ponto de vista prático, que as elaborações referentes ao aparelho psíquico mas, enquanto estivermos interessados no aspecto propriamente científico da obra de Freud a ênfase deve permanecer nos estudos fundamentais a respeito do aparelho psíquico. A esses estudos Freud denominou de metapsicológicos.<sup>17</sup> O fato de Freud ter entremeadado as elaborações metapsicológicas com outros estudos foi fruto de sua situação peculiar de pioneiro que procurava lan

çar luz em todas as áreas de um território novo, mas isso não deve confundir quem avalia os conhecimentos já adquiridos. Nosso trabalho pretende se situar dentro da metapsicologia e as referências às teorias dos quadros clínicos, da técnica terapêutica e do desenvolvimento serão meramente auxiliares.

Sabemos que a metapsicologia é o estudo do aparelho psíquico, que Freud hipotetizou como espacialmente extenso.<sup>6, 17, 29</sup> Afora a localização no sistema nervoso central nenhuma localização mais precisa foi tentada. Isto seria uma responsabilidade para Freud devido aos atrasos dos conhecimentos de sua época sobre a anatomia e a fisiologia do sistema nervoso. Vamos tratar portanto de um aparelho psíquico materialmente concebido e de existência hipotética. No estudo metapsicológico do aparelho psíquico essa consideração é de grande importância já que nos faz entender a utilização do modelo termodinâmico por Freud. Se a termodinâmica se mostra apta a explicar o funcionamento de sistemas materiais deve servir como modelo explicativo para o funcionamento do aparelho psíquico, que também seria um sistema material.

Ao estudar o aparelho psíquico como um sistema concebido materialmente Freud faz uso de três pontos de vista logicamente necessários. Fala ele nos pontos de vista topográfico, dinâmico e econômico.<sup>17</sup> O esclarecimento exato do que sejam estes pontos de vista torna-se indispensável para o entendimento claro do aparelho psíquico. Da consideração de que o aparelho psíquico é um sistema concebido materialmente podemos perceber como o seu estudo deve esclarecer, necessariamente, a organização material de seus elementos, as forças que neles atuam e as leis energéticas que o regulam. Em outras palavras, como sistema material em transformação, o aparelho psíquico tem necessariamente uma organização material onde se dão processos energéticos determinados, regidos por leis próprias, que se manifestam através de forças específicas. O estudo da organização material do aparelho psíquico é o conteúdo do ponto de vista topográfico; ao ponto de vista econômico cabe especificar os processos energéticos e suas leis; as forças específicas que resultam dos proces -

os energéticos são o assunto do ponto de vista dinâmico. Esses três pontos de vista fazem parte do estudo estritamente metapsicológico. Não devem ser aplicados ao estudo clínico onde os pontos referenciais são outros. Fala-se, por exemplo, de uma neurose atual, de uma neurose narcisista ou de uma neurose transferencial num enfoque clínico, mas somente quando o enfoque é metapsicológico se aplica o estudo dos pontos de vista topográfico, econômico e dinâmico.

### 1.1 - O PONTO DE VISTA TOPOGRÁFICO

Freud não concebeu o aparelho psíquico como um simples ponto material mas sim como um complexo de sistemas acoplados que continham, cada um deles, estruturas próprias, reguladoras das forças que lá atuassem. O ponto de vista topográfico procura esclarecer quais são esses sistemas e quais são essas estruturas reguladoras.<sup>1,33</sup> Dos estudos metapsicológicos de Freud parece que os que mais sofreram modificações foram os dedicados ao esclarecimento do ponto de vista topográfico. Três elaborações sucessivas foram realizadas. A primeira tem seu ponto alto no "Projeto de uma Psicologia Científica" de 1895.<sup>33</sup> A segunda começa já em 1900, no livro "A Interpretação dos Sonhos"<sup>8</sup> e se amplia nos trabalhos metapsicológicos de 1915.<sup>14,15,16,17</sup> A terceira se centra no "O Ego e o Id" de 1923.<sup>19</sup> Vamos estudar cada uma de per si.

#### 1.1.1 - OS SISTEMAS NEURÔNICOS PSI-PALLIUM E PSI-PALLIUM-INIBIDO-PELO-EGO

Para entender o ponto de vista topográfico exposto por Freud no início de seus trabalhos psicanalíticos, e que se centram no "Projeto de uma Psicologia Científica"<sup>33</sup>, deve-se atentar para a preocupação norteadora das elaborações desse primeiro esquema. Freud tinha em vista um critério evolutivo e a ele se ateu ao procurar justificar sua concepção topográfica do aparelho psíquico. Freud estava interessado na história do aparelho psíquico desde seus antecedentes até sua forma atual e no esclarecimento dos motivos dessa evolu-

ção.<sup>33</sup> Essa preocupação se justifica se concordarmos com o ponto de vista evolutivo que indica como podemos entender melhor o modo presente de uma organização se conseguirmos perceber nela os resquícios das fases anteriores. E assim procede Freud, delimitando no aparelho psíquico atual do homem os restos de organização mais primitiva.

a) SISTEMA NEURÔNICO PHI. No sistema nervoso hipotético proposto por Freud em 1895<sup>33</sup> a primeira estrutura é denominada sistema neurônico Phi. Este sistema é uma organização bastante simples, que compreende exclusivamente neurônios interligados sem nenhuma estrutura reguladora especial e que fica caracterizado como vias de condução livres, por onde podem correr, sem empecilhos, as formas de energia que lhe são próprias. Essas vias de condução, que compõem o sistema neurônico Phi, podem ser percorridas numa só direção, tendo seu início nos órgãos de captação dos estímulos exógenos e seu ponto terminal quer nas placas motoras quer nos sistemas seguintes, de organização mais complexa. A estrutura do sistema neurônico Phi é tal que nenhuma forma de energia é armazenada nela - há simplesmente uma corrente energética.<sup>1,33</sup>

b) SISTEMA NEURÔNICO PSI-NUCLEAR. Do estudo do sistema neurônico Phi Freud passa ao estudo de uma segunda estrutura, o sistema neurônico Psi. Essa segunda estrutura foi hipotetizada por Freud como necessária para explicar aqueles fenômenos nervosos que mostram um dispêndio de energia maior que a quantidade de energia que o sistema nervoso está recebendo num determinado momento, ou seja, para explicar os fenômenos nervosos que supõem um armazenamento de energia no sistema nervoso. Do ponto de vista da evolução filogenética Freud mostra como essa segunda estrutura é indispensável para a manutenção do ser vivo e daí a perpetuação da espécie. Enquanto no sistema neurônico Phi encontram-se apenas neurônios interligados, cuja função é a simples condução da corrente energética, no sistema neurônico Psi os elementos constituintes hipotéticos são os neurônios, suas interligações e novas estruturas denominadas barreiras de contacto. Essas barreiras de contato se situariam entre os neurônios e permitiriam o armazenamento de energia, até determinado nível. As barreiras



ras de contato não retardam simplesmente a passagem de energia mas funcionam como transformadores termodinâmicos capazes de transformar a pulsão em energia armazenada.<sup>1, 33</sup>

Essas duas estruturas iniciais fazem parte do sistema nervoso hipotético de Freud mas não são capazes de explicar os fenômenos psicológicos propriamente ditos. Para obter tal fundamentação Freud subdivide o sistema neurônico Psi em dois sistemas: o sistema Psi-nuclear e o sistema neurônico Psi-pallium.<sup>33</sup> O primeiro se comporia de neurônios, suas interligações e barreiras de contato, tal como foi descrito acima. Teria seu polo de entrada voltado para o interior do organismo e o polo de saída voltado quer para as placas motoras quer para o sistema neurônico Psi-pallium.

c) SISTEMA NEURÔNICO PSI-PALLIUM. Dando continuidade ao seu trabalho de construir um sistema nervoso hipotético que desse conta dos fenômenos observados, Freud precisou especificar uma nova estrutura que, não só explicasse os fenômenos nervosos caracterizados por um dispêndio de energia maior do que a quantidade de energia que entrava concomitantemente no sistema nervoso mas que desse conta, também, da direcionalidade dos processos nervosos modificada pelos processos anteriores, ou seja, que desse conta da capacidade do sistema nervoso de dirigir seus processos a partir de experiências passadas. Já aqui Freud entrava na construção de um aparelho psíquico que possibilitasse o entendimento dos fenômenos psicológicos.<sup>33</sup> A estrutura hipotética em questão foi denominada sistema neurônico Psi-pallium e compreende os seguintes elementos: os neurônios e suas interligações, como no sistema neurônico Phi; barreiras de contato, como no sistema neurônico Psi-nuclear; e novas "estruturas interneurônicas de resistência variável" que servem como resistências à passagem de energia, resistências essas que diminuem de grandeza duradouramente na proporção em que são vencidas e que diminuem de grandeza temporariamente na medida em que ambos os neurônios que se comunicam através dela estão carregados de energia.<sup>33</sup> Essas "estruturas interneurônicas" são características e exclusivas do sistema neurônico Psi-pallium e permitem o fenômeno de facilitação quer duradoura, pela passagem de energia

através dela, quer temporária, pelo que Freud chama de facilitação de catexes laterais.<sup>33</sup>

A facilitação duradoura se dá pela passagem de grande quantidade de energia através dessas "estruturas interneurônicas de resistência variável" e isso ocorre em dois momentos característicos - a vivência de satisfação e a vivência de dor. Na vivência de satisfação as "estruturas interneurônicas de resistência variável" que são vencidas são aquelas que se encontram entre a imagem do objeto externo, levada até Psi-pallium por Phi, a imagem kinestésica dos movimentos reflexos e a imagem tensional levada até Psi-pallium por Psi-nuclear. Sendo essas resistências diminuídas estabelecem-se facilitações duradouras de tal forma que quando a imagem tensional é novamente despertada em Psi-pallium por Psi-nuclear, as catexes tendem a correr na direção das imagens do objeto e da imagem kinestésica do movimento reflexo.<sup>33</sup> Na vivência de dor as "estruturas interneurônicas de resistência variável" que são vencidas são as que existem entre a imagem do objeto externo, a imagem do movimento reflexo e os neurônios secretores. Esses neurônios secretores são hipotetizados por Freud como existentes dentro do organismo e capazes de produzir energia que é levada a Psi-pallium.<sup>33</sup> O que sucede então na vivência de dor é um aumento muito grande de tensão em Psi-pallium que atrai a si, como facilitação temporária, enquanto catexes laterais, a energia que poderia correr noutra sentido. O sistema neurônico Psi-pallium com seus neurônios interligados, suas barreiras de contato e suas "estruturas interneurônicas de resistência variável" tem seu polo de entrada de energia voltado para o sistema neurônico Phi e para o sistema Psi-nuclear, e seu polo de descarga voltado para os aparelhos motores. Neste sistema os processos energéticos passados deixam marcas que atuam sobre os processos energéticos presentes.

d) SISTEMA NEURÔNICO PSI-PALLIUM-INIBIDO-PELO-EGO. Uma última estrutura foi concebida por Freud nesse primeiro trabalho sobre o aparelho psíquico. Essa última e mais complexa estrutura é necessária para explicar os fenômenos de adaptação que o aparelho psíquico leva o organismo a executar fren

te aos estímulos ambientais constantemente variados. Sem esta última estrutura o aparelho psíquico seria escravo de suas primeiras vivências de satisfação e de dor, respondendo sempre como se aquelas mesmas situações estivessem presentes, tornando impossível a conservação do organismo e a perpetuação da espécie. Justificada evolutivamente, a nova estrutura é denominada de sistema neurônico Psi-pallium-inibido-pelo ego e a ela são atribuídos todos os elementos do sistema neurônico Psi-pallium já descritos e mais essa nova estrutura chamada de ego por Freud.<sup>33</sup> O ego é descrito como o conjunto de facilitações fixas entre um grupo de neurônios e a massa energética aí armazenada que serve como catexes laterais. Este grupo de neurônios com facilitações fixas entre si vai se ampliando progressivamente com o decorrer do desenvolvimento psíquico e se situa originária e basicamente em torno dos neurônios de imagens perceptivas, principalmente as proprioceptivas.<sup>33</sup> A função dessa nova estrutura, o ego, é impedir que a corrente energética corra na direção da imagem mnêmica do objeto da vivência de satisfação a partir da imagem tensional e na direção dos neurônios secretores a partir da imagem mnêmica do objeto hostil.<sup>33</sup> Este impedimento se dá em virtude da facilitação das "estruturas interneurônicas de resistência variável" na direção do ego, já que ele contém uma massa constante de energia armazenada como catexes laterais. Como o ego é construído em torno das imagens perceptivas, a própria percepção, representativa da realidade externa, passa a dominar as descargas energéticas na direção da motilidade. Predominam então ações específicas que se encontram adaptadas à realidade externa.<sup>33</sup> O sistema neurônico Psi-pallium já descrito anteriormente acrescentado dessa nova estrutura que é o ego compõe o sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego que tem seus polos de entrada voltados para o sistema neurônico Phi e para o sistema Psi-nuclear e seu polo de saída voltado para os aparelhos de motilidade. Resta esclarecer que os sistemas Phi, Psi-nuclear, Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego compõem o sistema nervoso hipotético de Freud enquanto que o aparelho psíquico propriamente dito só compreende as duas últimas estruturas pois só aí

se dão os fenômenos psicológicos.<sup>1,33</sup>

Até aqui descrevemos a primeira tentativa de Freud de esclarecer o aparelho psíquico quanto ao ponto de vista topográfico. Como os conhecimentos anatômicos e neurofisiológicos da época eram muito limitados para a verificação de suas hipóteses Freud abandonou a terminologia que estava usando e se apoiou mais fortemente na terminologia psicológica, sem que com isso perdesse a continuidade no seu trabalho, o que é facilmente percebido se notarmos a sua posição epifenomenista.<sup>1</sup> Com isso entramos nos estudos metapsicológicos da segunda fase iniciada na "Interpretação dos Sonhos".<sup>6</sup> Continuamos voltados para o ponto de vista topográfico.

#### 1.1.2 - O SISTEMA INC. E O SISTEMA PREC. (Cc.)

Nos trabalhos de Freud, tanto clínicos quanto teóricos, houve um conceito que tomou uma significação muito especial, ocupando uma posição de centralidade desde os primeiros escritos psicanalíticos: é o conceito de inconsciente. Já pensado anteriormente não foi, no entanto, até Freud, objeto do enfoque científico. Freud combate ardentemente a Psicologia acadêmica de sua época por limitar o campo dos fenômenos psíquicos aos puramente conscientes, e procura demonstrar a existência de fenômenos inconscientes principalmente através do fenômeno de sugestão pós-hipnótica, dos atos falhos, dos fenômenos psicopatológicos e de seus próprios resultados no campo do trabalho terapêutico que ele ia exercendo.<sup>4,6,17</sup> A primeira acepção do termo inconsciente tinha um caráter meramente descritivo e servia para distinguir o que estava presente na mente de um indivíduo num determinado momento de tudo aquilo que não estava sendo objeto de sua atenção. Inconsciente era um adjetivo que se opunha ao qualificativo consciente. Essa acepção era a única aceita pela Psicologia contemporânea de Freud no início de seus trabalhos. Com o decorrer do seu trabalho clínico, abandonando a hipnose e adotando o método da associação livre, tornou-se claro para Freud a existência de uma força contrária ao aparecimento na consciência de seus pacientes de determinados conteúdos. A esses conteúdos Freud passou a reservar a denominação de in-

conscientes. Outros conteúdos não conscientes, mas mais facilmente acessíveis, ficaram caracterizados como pré-conscientes. Em 1900<sup>6</sup> foram hipotetizados os sistemas Inc. e Prec. (Cc.) nos quais se encontrariam os conteúdos inconscientes e pré-conscientes respectivamente. A partir das observações que fazia Freud considerou que pertenciam ao sistema Inc. as memórias arcaicas enquanto que no sistema Prec. (Cc.) ficariam os conteúdos recentes do indivíduo. Nessa primeira caracterização dos sistemas Inc. e Prec. (Cc.) haviam, então, dois critérios superpostos. Eram considerados inconscientes os conteúdos que encontravam uma forte resistência na passagem para a consciência e que se referiam a situações arcaicas; eram pré-conscientes os conteúdos de fácil acessibilidade à consciência e que se referiam a situações recentes.<sup>6</sup> Posteriormente Freud reconheceu que esses dois critérios não se superpunham, havendo conteúdos arcaicos que não encontravam resistência na passagem para a consciência enquanto que certos conteúdos recentes eram reprimidos, tornando-se praticamente inacessíveis à consciência. O critério arcaico-recente foi então abandonado e em 1915<sup>14, 17</sup> ficou claramente estabelecido que ao sistema Inc. pertenciam os conteúdos que encontravam forte resistência na passagem para consciência enquanto que o sistema Prec. (Cc.) compreendia os demais conteúdos.

Os detalhes estruturais desses dois sistemas não são tão bem estudados quanto o foram os componentes do aparelho psíquico apresentados no período anterior a 1900. Os maiores cuidados se restringiram a situar uma estrutura entre o sistema Inc. e o Prec. (Cc.) denominada de Censura, a levantar a hipótese de uma segunda Censura entre o Pré-consciente e o Consciente, a aproximar o sistema Prec. (Cc.) da percepção, a ligar o acesso à motilidade ao sistema Prec. (Cc.), e a mostrar a comunicação do sistema Inc. com o soma. A Censura é estudada com mais cuidado e fica caracterizada como uma estrutura do sistema Prec. (Cc.) nos trabalhos de 1915.<sup>6, 17</sup> A pequena elaboração do ponto de vista topográfico parece que se deve à preocupação de Freud com a caracterização dos processos primários e secundários que ocorreriam nessas estruturas.

### 1.1.3 - O ID E O EGO

A concepção do aparelho psíquico composto de um sistema Inc. e de um sistema Prec. (Cc.) trazia alguns problemas e não respondia a algumas exigências de Freud. O maior problema surgiu quando a Censura devia ao mesmo tempo ser considerada como inconsciente e como estrutura do sistema Prec. (Cc.). Isso trazia um desequilíbrio dentro do esquema proposto. Freud estava interessado, por outro lado, em apresentar um critério estrutural do aparelho psíquico que incluísse distinções evolutivas, dinâmicas e econômicas. Elaborou então uma nova concepção do aparelho psíquico. Do ponto de vista topográfico este novo aparelho psíquico compreende dois sistemas: o Id e o Ego.<sup>19</sup> O Ego (diferente do ego de 1895) é entendido como uma estrutura desenvolvida do Id, com origem nas camadas mais periféricas do aparelho psíquico, isto é, aquelas voltadas para a percepção. O desenvolvimento do Ego dá a ele controle sobre a motilidade. Ficam hipotetizadas estruturas capazes de bloquear a comunicação entre o Ego e o Id. O Id seria uma estrutura mais ampla do aparelho psíquico, da qual se desenvolveria o Ego e que estaria conectada com o soma, de onde receberia energia continuamente. Dentro dessa concepção os termos inconsciente, pré-consciente e consciente perdem o caráter substantivo, e fica esclarecida a possibilidade de existirem no Ego processos tanto conscientes quanto inconscientes.<sup>19, 25</sup>

### 1.2 - O PONTO DE VISTA DINÂMICO

Dando prosseguimento ao estudo do aparelho psíquico, depois de esclarecê-lo sob o aspecto topográfico, torna-se necessário focar agora a natureza e as características das forças que nele atuam. Este passo é indispensável para o esclarecimento do funcionamento do aparelho psíquico que é hipotetizado como algo capaz de produzir trabalho. A atenção volta-se, então, para a delimitação das forças atuantes no aparelho psíquico. Dessas forças não temos nenhuma observação direta; são mais especificamente constructos hipoteti-

zados dentro da metapsicologia, de caráter explicativo, para trazer compreensão aos fenômenos particulares do comportamento.

Também aqui Freud achou útil ter em vista o critério evolutivo para esclarecer a natureza dessas forças. Na medida em que, através da evolução, o aparelho psíquico se complica no seu aspecto topográfico, tal como foi estudado no parágrafo anterior, também as forças peculiares a ele se complicam e, na sua forma mais evoluída vamos encontrá-las todas presentes e interatuantes.

Deve ficar claro que este estudo do ponto de vista dinâmico é uma parte, um aspecto da teoria metapsicológica, que se refere ao aparelho psíquico materialmente existente e extenso, embora não localizado e que, portanto, as forças hipotetizadas são de natureza física. O caráter psicológico dos termos usados por Freud para descrevê-las não nos trará confusão se nos lembrarmos que ele adotava uma posição epifenomenista.

Outro esclarecimento deve ser feito no sentido de enfatizar que quando se fala em ponto de vista dinâmico o quadro referencial em jogo é o da teoria do aparelho psíquico, isto é, o da metapsicologia. Falar no ponto de vista dinâmico de um quadro clínico como a histeria, ou no ponto de vista dinâmico de uma intervenção terapêutica, é não perceber a distinção entre a teoria metapsicológica e os estudos sobre a psicopatologia e sobre a técnica terapêutica. O que é possível de ser feito é a abordagem metapsicológica de um quadro clínico ou de um fenômeno psíquico, como uma intervenção interpretativa, e dentro dessa abordagem metapsicológica seria então não só possível como necessário tratar do ponto de vista dinâmico, isto é, das forças em jogo no fenômeno estudado. De outra forma, o que queremos dizer é que o estudo de um quadro clínico ou da técnica terapêutica psicanalítica compreende a abordagem metapsicológica mas não se reduz a ela e só na abordagem propriamente metapsicológica cabe falar no ponto de vista dinâmico. Feitos esses esclarecimentos iniciais podemos agora abordar o estudo das forças que compõem o ponto de vista dinâmico.

### 1.2.1 - A URGÊNCIA

A primeira força estudada por Freud, a mais geral e a mais antiga numa perspectiva filogenética foi denominada por ele de "Drang" que recebeu a tradução variada em inglês de "urgency", "urge" ou "pressure" e que nós vamos chamar aqui de urgência. A urgência é a força atuante no aparelho psíquico no sentido de descarregar pelas vias motoras toda energia que se acumula acima do nível constante.<sup>1,33</sup> Essa força já está presente no sistema nervoso antes mesmo da constituição do aparelho psíquico e é encontrada no que Freud caracterizou como sistema Psi-nuclear. Ela foi hipotetizada por Freud como a força mais geral e vai atuar também nos sistemas mais complexos do aparelho psíquico, podendo, no entanto, ser inibida, parcialmente, por outras forças de aparecimento filogenético mais recente. A urgência é uma força hipotetizada para explicar o fato do aparelho psíquico não ser danificado por um excesso de acumulação de energia que está constantemente entrando a partir do soma ou que pode entrar em grandes quantidades em Psi-nuclear pelas vias nociceptivas e no aparelho psíquico a partir dos neurônios secretores. O resultado da atuação da urgência pode ser observado nas formas particulares de comportamento quanto ao seu aspecto puramente motor. A urgência é uma força com intensidade variável dependendo da quantidade de energia acumulada no aparelho psíquico, aumentando de intensidade na medida em que aumenta a quantidade de energia. Essa intensidade alcança seu nível zero não quando inexistente energia no aparelho psíquico mas quando a quantidade de energia se situa num nível determinado chamado de nível constante.<sup>33</sup> Neste nível, ou abaixo dele, o aparelho psíquico não produz nenhum trabalho, porque a intensidade de força é zero, o que não implica que o organismo e o sistema nervoso nas suas estruturas mais elementares não possam estar em transformação. A urgência possui não só intensidade como também direção, como toda força física. A direção da urgência é a descarga da energia acumulada no sistema Psi através ou dos reflexos adequados, para interromper a excitação das fontes pulsionais no interior do soma, ou



dos reflexos de fuga para o afastamento do objeto hostil. Podemos caracterizar como urgência<sub>1</sub> a que se manifesta através dos reflexos adequados e de urgência<sub>2</sub> a que se manifesta através dos reflexos de fuga. A energia se extravaza através da motilidade. Os obstáculos vencidos pela urgência são aquelas estruturas descritas como barreiras de contato. A energia se escoia então pelos caminhos em que as barreiras de contato são menores e isso se manifesta como reflexos. Os movimentos reflexos dependem, então, topograficamente, dos caminhos com maior permeabilidade e dinamicamente da urgência. Isto se refere unicamente a um sistema que não apresenta estruturas e forças mais complexas como as que vão aparecer no sistema Psi-pallium e no sistema Psi-pallium-inibido-pelo ego. Quando estes sistemas mais recentes, com suas respectivas forças, estão presentes os movimentos reflexos podem ficar substituídos por outros fenômenos, esses já com componente psicológico.

Em toda descarga de energia do aparelho psíquico a força atuante é a urgência. As vias de descarga podem no entanto ser inibidas por outras forças mais complexas como veremos. Freud já no "Projeto de uma Psicologia Científica"<sup>33</sup> reconhecia na tendência à descarga a força mais geral do aparelho psíquico e, numa transposição para a linguagem psicológica, reconhecendo na tendência ao prazer a força pré-psicológica mais geral, pode-se falar na tendência ao prazer como equivalente à urgência. Reconhecendo que a vida psicológica existe sempre em referência a objetos podemos concluir que a tendência ao prazer não é de fato uma força psicológica ainda mas sim pré-psicológica. Isto se encaixa perfeitamente dentro da concepção freudiana da urgência como uma força já presente no sistema neurônico Psi-nuclear, aquém do aparelho psíquico e aquém portanto da vida psicológica.

### 1.2.2 - O IMPULSO-DO-DESEJO

Continuando a elaboração do ponto de vista dinâmico encontramos uma segunda força atuante no aparelho psíquico. O impulso-do-desejo é a força no sentido de levar toda energia para a memória do objeto de satisfação, isto é, do obje-

to percebido por ocasião da descarga de energia com vivência de satisfação.<sup>1,6,13,19,33</sup> Essa força não existe nas estruturas mais elementares do sistema nervoso, vindo a se constituir somente no sistema Psi-pallium (o Id), e é a primeira força específica do aparelho psíquico, ou seja, a primeira força verdadeiramente psicológica.<sup>1,33</sup> O impulso-do-desejo está presente também no sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego, mas ali ela é modificada por outras forças mais recentes como será descrito a seguir.<sup>2,10</sup> O impulso-do-desejo tem uma intensidade que é determinada em parte pelo nível de energia em Psi-pallium e em parte pela diferença entre a memória do objeto de satisfação e a percepção no momento do aparecimento do desejo. A direção da força denominada impulso-do-desejo é no sentido da recatetização da memória do objeto de satisfação. As "estruturas interneurônicas de resistência variável" ficam com suas resistências duradouramente diminuídas naquela direção, caracterizando e canalizando o impulso-do-desejo. O resultado do impulso-do-desejo, quando não há nenhuma força que se opõe, é o aumento de catexes até a reprodução mnêmica e alucinatória do objeto de satisfação.<sup>1,6,13,33</sup> O impulso-do-desejo deve ser entendido como a tendência a reproduzir a percepção do objeto e de situações prazerosas e introduzir a referência ao objeto, característica do mundo psicológico. Enquanto que a urgência é uma força já atuante no Psi-nuclear, fora do aparelho psíquico, o impulso-do-desejo é verdadeiramente a primeira força de natureza psicológica. Podemos dizer que quando há um aumento de catexes a partir das fontes somáticas em Psi-nuclear e daí em Psi-pallium entram em funcionamento as duas forças estudadas até aqui, a urgência<sub>1</sub> e o impulso-do-desejo. Numa referência ontogenética podemos concluir que o impulso-do-desejo entra em ação muito precocemente, desde que sejam preenchidas duas condições: a maturação mínima dos sistemas perceptivos e mnêmicos de um lado, e alguma vivência de satisfação, do outro.

## 1.2.3 - O IMPULSO-DO-BLOQUEIO

Na elaboração da dinâmica do aparelho psíquico uma terceira força deve ser proposta, simétrica ao impulso-do-desejo: o impulso-do-bloqueio, que seria a força que atua no sentido de atrair para fora toda catexes da memória do objeto hostil, isto é, do objeto percebido por ocasião de um grande e repentino aumento de tensão.<sup>33</sup> A explicação desse aumento repentino de catexes se encontra na entrada em funcionamento dos neurônios secretores que estariam interligados com as vias nociceptivas e ficariam facilitados nas suas ligações com a memória do objeto hostil. O impulso-do-bloqueio é uma força que aparece simétrica ao impulso-do-desejo no sistema Psi-pallium e, como o impulso-do-desejo, inexistente nas estruturas mais elementares do sistema nervoso.<sup>33</sup> Também como o impulso-do-desejo, o impulso-do-bloqueio atua na estrutura mais complexa do aparelho psíquico denominada Psi-pallium-inibido-pelo-ego mas aí sua ação é modificada pelo encontro de outras forças. O impulso-do-bloqueio tem sua intensidade aumentada pelo aumento do nível de catexes em Psi-pallium a partir dos neurônios secretores. A direção da força denominada impulso-do-bloqueio pode ser descrita como a atração das catexes para fora da memória do objeto hostil no sentido dos demais grupos neurônicos do Psi-pallium. As "estruturas interneurônicas de resistência variável" que estão com suas resistências diminuídas no sentido dos neurônios secretores ficam temporariamente mais diminuídas no sentido do escoamento das catexes da memória do objeto hostil para os demais grupos neurônicos de Psi-pallium.

Assim como o impulso-do-desejo, o impulso-do-bloqueio toma sentido em referência a objetos e forma junto com o primeiro o mais elementar par de forças psíquicas. O aumento de catexes em Psi-nuclear, no caso da dor, e em Psi-pallium, no caso da ativação dos neurônios secretores, produz, de um lado, a urgência<sub>2</sub> com os movimentos reflexos de fuga e, do outro, o impulso-do-bloqueio com a anulação da memória do objeto hostil. Também como o impulso-do-desejo, o impulso-do-bloqueio entra em ação assim que se completa uma maturação mínima do aparelho psíquico e logo após a primeira

vivência de dor.

Até aqui vimos as três forças atuantes em Psi-nuclear e Psi-pallium. Passaremos agora às forças próprias do sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Analisando o aparelho psíquico, tal como foi descrito até aqui, vemos que o trabalho se exerce no sentido de evitar a tensão e fazer retornar o nível de catexes ao ponto constante; de reproduzir as percepções ligadas à vivência de satisfação e bloquear as reproduções da memória do objeto hostil. Temos, no entanto, um aparelho psíquico ainda incapaz de fazer frente às exigências de adaptação ao mundo externo.<sup>13, 16, 33</sup> Uma espécie cujos exemplares fossem dotados de tal aparelho, sem nenhum outro aperfeiçoamento, desapareceria imediatamente por desadaptação à realidade. Uma nova adição ao aparelho psíquico hipotético de Freud torna-se necessária para justificar o fenômeno da adaptação do organismo à realidade externa. Em termos estruturais esta adaptação se encontra no sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Em termos dinâmicos o aperfeiçoamento do aparelho psíquico se faz pela adição de duas novas forças.

#### 1.2.4 - O IMPULSO-DO-DESEJO-INIBIDO-PELO-EGO

O impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego é uma força complexa no sentido de obter a descarga de energia por vias motoras adequadas de tal forma a interromper o aumento do nível de catexes no aparelho psíquico a partir do soma. O impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego, resultante da inibição estrutural do deslocamento das catexes na direção da memória do objeto de satisfação e da inibição dos atos reflexos enquanto não houver a percepção real do objeto adequado é uma força que realiza a procura mental e a utilização motora dos caminhos que modifiquem o mundo exterior até que haja a presença percebida do objeto real de satisfação.<sup>1, 13, 15, 19, 29, 33</sup> O impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego tem sua intensidade determinada pelo nível de catexes no ego que seria, como vimos, aquele conjunto de neurônios de Psi-pallium com facilitações fixas entre si. A direção do impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego tal como foi descrito corresponde às vias que vão desen-

cadear a ação específica. Enquanto que a intensidade do impulso-do-desejo varia com o aumento de catexes em *Psi-pallium* e com a diferença entre a memória do objeto de satisfação e a percepção, a intensidade do impulso-do-desejo-inibido-pelo ego varia em função do nível de catexes, da diferença entre a memória do objeto de satisfação e a percepção real e, das estruturas topográficas que inibem o impulso-do-desejo.

#### 1.2.5.- O IMPULSO-DA-DEFESA

O impulso-da-defesa é uma força complexa no sentido de obter a descarga de energia por vias motoras adequadas de tal forma a interromper ou evitar o aumento de catexes no aparelho psíquico a partir dos neurônios secretores. O impulso-da-defesa, como seu par, o impulso-do-desejo-inibido-pelo ego, realiza uma série de trabalhos que promovem a adaptação do organismo ao meio. Entre esses trabalhos o impulso-da-defesa realiza: a inibição da descarga das catexes da memória do objeto hostil na direção dos neurônios secretores; a inibição dos atos reflexos de fuga frente a simples memória do objeto hostil; a procura mental e a utilização motora dos caminhos que modifiquem o mundo externo com evitação dos estímulos reais nociceptivos; e a desinibição dos atos reflexos de fuga perante os estímulos reais nociceptivos.<sup>1, 13, 19, 29, 33</sup> A intensidade do impulso-da-defesa varia com o nível de catexes e com as estruturas topográficas que inibem o impulso-do-bloqueio. A direção do impulso-da-defesa, tal como foi descrito, pode ser caracterizada como a evitação da ativação dos neurônios secretores e a evitação do contato com os estímulos nocivos. Assim como o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego, o impulso-da-defesa ganha intensidade na medida em que o Ego se expande durante o decorrer da existência. Como podemos notar essas duas forças formam um par atuante no sentido de adequação à realidade, e respondem, assim, à exigência de explicar os fenômenos observados de adaptabilidade ao meio ambiente.

### 1.3 - O PONTO DE VISTA ECONÔMICO

O aparelho psíquico, considerado como um sistema materialmente extenso, organizado e produtor de trabalho, para ser suficientemente entendido deve ser estudado não só nos seus elementos estruturais e nas suas forças, como também nos seus processos energéticos e nas leis que os regulam. Este último estudo é o que compõe o ponto de vista econômico.<sup>1,17</sup> Sua justificação e necessidade são facilmente deduzíveis se nos lembrarmos que o aparelho psíquico é hipotetizado como um sistema físico. O estudo da economia do aparelho psíquico se centra em torno de dois princípios básicos: o princípio de conservação de energia e o princípio de constância de intensidade.

#### 1.3.1 - O PRINCÍPIO DE CONSERVAÇÃO DE ENERGIA

O aparelho psíquico proposto por Freud é um sistema que se encaixa dentro das definições de um sistema fechado mas não isolado, isto é, um sistema capaz de trocar energia mas não matéria através de seus limites com o mundo exterior.<sup>1</sup> Ficam supostas, portanto, entradas e saídas energéticas. O princípio de conservação de energia, semelhante ao primeiro princípio da termodinâmica, indica uma relação de equivalência entre o total de energia que entrou no aparelho psíquico e o total de energia que se encontra no seu interior mais a energia que dele saiu. O aparelho psíquico não é capaz portanto de produzir energia própria e seu funcionamento se deve exclusivamente à energia que nele entra. Existem deste modo fontes energéticas exteriores que Freud vai localizar no interior do soma.<sup>1,19,29,33</sup>

#### 1.3.2 - O PRINCÍPIO DE CONSTÂNCIA DE INTENSIDADE

Diferentemente do sistema Phi, o aparelho psíquico é capaz de reter energia, no seu interior. A energia armazenada no sistema Psi é denominada catexes, enquanto que a armazenada no Psi-pallium é denominada energia psíquica.<sup>1</sup> O princípio de constância de intensidade, semelhante ao princípio

de manutenção de equilíbrio, indica que a energia tende a se manter num nível constante no interior do aparelho psíquico, descarregando-se para fora dele quando este nível ultrapassa a constante.<sup>1,13,29,33</sup> Da relação entre a quantidade de energia no interior do aparelho psíquico e sua capacidade estrutural de armazená-la estabelece-se o potencial ou o fator tensional que é o que define a intensidade da energia psíquica. Basta lembrar que o conceito de energia psíquica não se refere a um tipo especial de energia física mas indica a energia total de um sistema, a soma de várias formas hipotéticas de energia física, como seriam a energia libidinal, a energia agressiva, etc.<sup>1</sup>

#### 1.4 - CONSIDERAÇÕES ADICIONAIS

Vamos agora voltar a alguns aspectos da teoria meta psicológica para esclarecer questões que talvez tenham ficado um tanto obscuras e abordar alguns outros conceitos mais complexos até aqui não referidos.

##### 1.4.1. - O APARELHO PSÍQUICO

Deve ficar bem entendido que o aparelho psíquico compreende os sistemas Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego, com exclusão dos demais sistemas mais elementares propostos por Freud, ou seja, os sistemas Phi e Psi-nuclear. No aparelho psíquico teríamos o lugar dos fenômenos psicológicos. Por outro lado, ao sistema denominado sistema Psi, como sistema mais vasto, pertencem os sistemas Psi-nuclear e os sistemas Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Esta distinção é importante se quisermos compreender com justeza outras noções, como veremos a seguir.

##### 1.4.2 - O ID E O EGO

Ao Id e ao Ego correspondem, do ponto de vista topográfico, os sistemas Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego, respectivamente. A diferença reside no fato de que ao

descrever o Id e o Ego Freud se interessava também em responder a uma série de questões não propriamente topográficas, como seriam, a natureza das forças típicas de cada uma dessas estruturas, os processos específicos de cada um deles, etc.

#### 1.4.3 - O SUPER-EGO

Esse conceito não se refere a uma outra estrutura paralela ao ID (sistema Psi-pallium) e ao Ego (Psi-pallium-inibido-pelo-ego) mas sim a uma sub-estrutura do Ego. O conceito de Super-Ego indica o conjunto de caminhos fortemente facilitados no Ego, adquiridos por identificação com as figuras parentais, e que visam à satisfação da realidade sócio-cultural tal como é percebida pela criança de tenra idade. Essa sub-estrutura do Ego, adquirida por identificação com as figuras parentais, tende a se perpetuar depois da infância pelo resto da existência do indivíduo.<sup>19,27,29</sup>

#### 1.4.4 - O PROCESSO PSÍQUICO PRIMÁRIO E O PROCESSO PSÍQUICO SECUNDÁRIO

São conceitos complexos que procuram caracterizar processos psíquicos e subentendem, portanto, noções topográficas, dinâmicas e econômicas. O processo psíquico primário é o que ocorre no sistema Psi-pallium (Id), em função dos impulsos-do-desejo e do-bloqueio e em obediência ao princípio de "relação de objeto". O processo psíquico secundário indica o que ocorre no sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego(Ego), em função dos impulsos-do-desejo-inibido-pelo-ego e da-defesa, e em obediência ao princípio da realidade. As caracterizações "relação de objeto" e realidade para os dois princípios que regem os processos psíquicos primário e secundário respectivamente indicam como as forças resumidas no primeiro princípio são já de natureza psíquica e as forças reguladas pelo segundo princípio são aquelas responsáveis pela adaptação ao meio ambiente.<sup>1,6,13,19,29,33</sup>



#### 1.4.5 - ENERGIA PSÍQUICA E CATEXES

Como a energia psíquica, a catexe é um construto hipotetizado, indicativo da energia armazenada num sistema. A diferença dos dois construtos é que a energia psíquica se re refere ao total de energia localizada no aparelho psíquico, com posto dos sistemas Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego, enquanto que a catexes seria a energia armazenada em todo o sistema Psi, incluindo também o Psi-nuclear.<sup>1,33</sup>

Terminando esta primeira parte do nosso trabalho que remos esclarecer que as idéias de "estrutura interneurônica de resistência variável" de impulso-do-bloqueio e impulso-da defesa estão presentes na estruturação do pensamento freudiano tal como nós o entendemos, mas não foram isoladas e denominadas da maneira como nós fizemos. Como estes conceitos são centrais no entendimento da resistência e dos "mecanis-mos de proteção" realizamos essa investigação metapsicológica prévia a fim de tê-los adequadamente localizados e enten-didos. Podemos passar agora para a segunda etapa de nosso trabalho.

## A TENSÃO

Dentro das concepções de Freud, explicativas dos fenômenos psíquicos, encontra-se uma série de conceitos que podem ser englobados dentro da idéia generalizante de tensão. Esses conceitos são de primeira importância para o entendimento da vida psicológica, principalmente no que se refere aos "mecanismos de proteção" tais como serão abordados abaixo. A atenção de Freud está voltada para a idéia de tensão desde seus primeiros trabalhos até os últimos de 1938.<sup>6,13,25,29,33</sup> É um conceito central e nuclear, referido continuamente, e sem ele cai por terra toda a teoria freudiana. O termo tensão tem uma conotação psicológica, mas como todos os termos escolhidos para designar os constructos de Freud, se refere a um fenômeno hipoteticamente real do aparelho psíquico e de natureza físico-biológica. Isto fica esclarecido quando tensão é entendida, como o deseja Freud, como o aumento de catexes além do nível constante peculiar ao sistema.<sup>13</sup>

<sup>33</sup> Devemos esclarecer ainda que esse fenômeno pode ocorrer no sistema Psi-nuclear, no Psi-pallium e no Psi-pallium-inibido-pelo-ego, mas não se dá no sistema Phi já que nesse nenhuma energia é acumulada em forma de catexes. A tensão, isto é, o aumento de catexes além do nível constante, pode ser provocada por diversos modos. Passemos agora ao estudo de cada uma dessas formas específicas.

## 2.1 - A DOR

A dor seria caracterizada pelo grande aumento de quantidade de energia no sistema Psi, elevando rápida e acen-  
tuadamente o nível de catexes bem acima do nível constante quando esta quantidade de energia é proveniente do exterior. Tal estímulo, em forma de grandes quantidades de energia, é levado ao sistema Psi por vias específicas denominadas vias nociceptivas. Quando ao sistema Psi-nuclear chegam, pelas vias nociceptivas, essas grandes quantidades de energia, que

ali são transformadas em catexes e fazem subir o nível além do ponto constante, entra em funcionamento a urgência<sub>2</sub> que, se não houver inibição de outras forças, provoca os movimentos reflexos de fuga por vias pré-determinadas. Já no sistema Psi-pallium as consequências da vivência de dor são mais complexas. Quando, através das vias nociceptivas de Phi chegam a Psi-pallium grandes quantidades energéticas, o que se dá é a descarga na direção dos neurônios secretores. Estabelece-se então uma grande facilitação entre a imagem do objeto hostil e os neurônios secretores. Com a ativação dos neurônios secretores o nível de catexes continua elevado, mesmo quando o objeto hostil é afastado e deixam de chegar grandes quantidades de energia através das vias nociceptivas. Esse alto nível de catexes é mantido em função da ativação dos neurônios secretores. Entra então em funcionamento o impulso-do-bloqueio que atrai para fora da memória do objeto hostil toda a energia que correria na direção dos neurônios secretores. No sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego a irrupção repentina de grandes quantidades energéticas, através das vias nociceptivas do sistema Phi, caracterizando a dor, faz entrar em ação o impulso-da-defesa que é responsável por fenômenos muito mais complexos que os movimentos reflexos, e que são influenciados pelas experiências prévias que ficaram gravadas como aprendizagem.

## 2.2 - O AFETO

Além da dor, tal como foi caracterizada e que é um fenômeno que atinge tanto o sistema Psi-nuclear como o aparelho psíquico, há uma segunda forma do aparelho psíquico receber repentinamente grandes quantidades energéticas com aumento rápido de seu nível de catexes. Ao processo que vamos descrever Freud deu o nome de afeto.<sup>33</sup> Diferentemente do que poderia parecer à primeira vista o conceito de afeto tem, nas obras de Freud, como tantos outros conceitos, um sentido muito próprio e específico, diferente do que é atribuído a esse termo pela Psicologia tradicional. Afeto não é para Freud

aquele fenômeno subjetivo que a Psicologia acadêmica dava como conteúdo da vida afetiva, paralela às vidas cognitiva e volitiva. Com esse termo ocorre algo semelhante ao que nos referimos quando falamos da tensão. Afeto é um termo tirado do vocabulário psicológico mas que dentro dos escritos freudianos indica um tipo de acontecimento no aparelho psíquico, isto é, um acontecimento físico que pode ou não ser percebido através da introspecção.

No sentido freudiano afeto é o aumento repentino e pronunciado do nível de catexes além do ponto constante, no aparelho psíquico, em virtude de grandes quantidades de energia desprendida pelos neurônios secretores e levada até o aparelho psíquico quando os neurônios secretores são ativados livre e intensamente pela memória do objeto hostil.<sup>33</sup> Essa extensa definição de afeto pode ser analisada nas suas partes. Assim como a dor, o afeto é caracterizado basicamente pelo aumento repentino e pronunciado do nível de catexes além do nível constante mas, enquanto que a dor abrange tanto o sistema Psi-nuclear quanto o aparelho psíquico, o afeto é específico do aparelho psíquico. Isso é compreensível quando percebemos que a fonte de energia que vai aumentar o nível de catexes é, no caso do afeto, os neurônios secretores e não os estímulos dolorosos conduzidos pelas vias nociceptivas de Phi. Enquanto os estímulos nociceptivos atuam sobre o sistema Psi-nuclear e sobre o aparelho psíquico, as vias que saem dos neurônios secretores levam energia unicamente ao aparelho psíquico. A ativação dos neurônios secretores, por sua vez, é realizada pelas descargas energéticas que chegam da memória do objeto hostil. As vias que ligam esses dois grupos de neurônios têm suas "resistências de valor variável" muito reduzidas quando anteriormente houve uma vivência de dor associada à imagem daquele objeto. Podemos concluir, portanto, que não seria possível haver afeto antes da vivência de dor, que fica como uma pré-condição. Freud diz que a ativação da memória do objeto hostil pode ser feita ou por sua recatetização a partir do sistema Phi, quando o objeto hostil é novamente percebido, ou por uma recatetização fortuita no fluxo da energia psíquica dentro do sistema Psi-pal

lium, ou seja, na associação de imagens mnêmicas.<sup>33</sup> Quando, no sistema Psi-pallium, o nível de catexes sobe repentina e pronunciadamente pelas descargas dos neurônios secretores o que ocorre é que as "resistências de valor variável" que estão nas vias que ligam a memória do objeto hostil com o grupo de neurônios de Psi-pallium que recebem a energia despreendiada pelos neurônios secretores ficam temporariamente diminuídas, e tanto mais diminuídas quanto mais aumenta o nível de catexes naquele grupo de neurônios de Psi-pallium. A facilitação das catexes correrem da memória do objeto hostil para aquele grupo de neurônios de Psi-pallium aumenta e acaba por ser maior que a facilitação entre a memória do objeto hostil e os neurônios secretores. Dá-se então um estancamento do aumento progressivo do nível de catexes em Psi-pallium com a decaatetização da imagem do objeto hostil e a interrupção da ativação dos neurônios secretores. Em outras palavras, o grande aumento do nível de catexes em Psi-pallium, em função das quantidades energéticas provenientes dos neurônios secretores, põem em funcionamento o impulso-do-bloqueio cujo resultado é o estancamento do aumento progressivo de catexes em Psi-pallium e a decaatetização da imagem do objeto hostil<sup>33</sup> (v. esquema 1). Quando está em funcionamento o sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego (o Ego de 1923), o desenvolvimento do afeto pode ser impedido por que entra em jogo outra força, o impulso-da-defesa.

### 2.3 - O DESPRAZER

Até aqui analisamos a dor e o afeto, todos os dois, fenômenos que se encaixam dentro da caracterização de tensão, isso é, do aumento de energia, no sistema Psi-nuclear ou no aparelho psíquico, além do nível constante. Esses dois fenômenos tem a característica comum de se referirem ao aumento rápido do nível de catexes em virtude ou de estímulos nociceptivos ou da ativação dos neurônios secretores. Resta lembrar, embora isso não venha a se tornar um ponto de especial interesse neste trabalho, que a tensão pode ser provocada de

modos inteiramente diferentes. De fato, tanto o sistema Psi nuclear quanto o aparelho psíquico através daquele primeiro sistema, estão conectados com o interior do soma que serve como fonte continuada de energia para o sistema Psi-nuclear e para o aparelho psíquico. Com isso encontramos outra forma de aumento de nível de catexes. As pulsões, com fontes no interior do soma, seriam responsáveis pelo desprazer, caracterizado como o aumento lento e progressivo do nível de catexes. As forças decorrentes nesse caso são a urgência, no sistema Psi-nuclear, o impulso-do-desejo no sistema Psi-pallium, quando houver diferença entre a memória do objeto de satisfação e a percepção, e o impulso-do-desejo-inibido-pelo ego, quando houver diferença entre a memória do objeto de satisfação e a percepção e estiver em funcionamento as estruturas inibitórias da satisfação alucinatória do desejo.

#### 2.4 - A ANGÚSTIA

Até aqui falamos na dor, no afeto e no desprazer como aumento de catexes além do nível constante mas ainda não introduzimos a noção de um limiar de tensão a partir do qual aqueles fenômenos se transformam em angústia. A angústia deve ser entendida como o aumento muito grande de catexes no aparelho psíquico, além de determinado limiar, e que põe em funcionamento os "mecanismos de proteção", mesmo quando esse aumento de catexes tiver sido provocado pelas pulsões a partir de suas fontes somáticas. A noção de angústia foi elaborada por Freud desde o início de seus trabalhos e ficou visto claramente como o aumento continuado das catexes pulsionais, quando não há descarga através de "mecanismos de satisfação", acaba por transformar o desprazer em angústia.<sup>2,3,5,</sup>

<sup>32</sup> Quando se estabelece a angústia, isso é, quando o nível de catexes ultrapassa determinado limiar muito elevado de tensão, a energia acumulada é descarregada por vias típicas que provocarão as manifestações clínicas de angústia (modificações dos ritmos cardíaco, respiratório e circulatório; sudorese; etc.).<sup>25</sup> Freud procurou explicar o porquê dessas rea-

ções, que são típicas de situações de perigo e que aparecem quando o nível de catexes pulsionais é muito elevado. A hipótese freudiana é que a angústia pulsional ativa a memória (filogenética?) de castração.<sup>25</sup> A angústia pode se estabelecer, no entanto, não só pelo acúmulo supra-liminar de energia pulsional como também pelo aumento excessivo de tensão a partir das vias nociceptivas, no caso da dor, e dos neurônios secretores, no caso da ativação deles pela memória do objeto hostil. No primeiro caso teríamos a angústia pulsional e nos outros a angústia real (perante o objeto hostil, presente ou memorizado).

## 2.5 - O SINAL DE ANGÚSTIA

Além da dor, do afeto e do desprazer há ainda outra forma de se produzir um aumento tensional no aparelho psíquico que eleva o nível de catexes além do nível constante mas aquém do limiar de angústia. Enquanto que a dor abrangia tanto o sistema Psi-nuclear quanto o aparelho psíquico, e o afeto como o desprazer eram específicos do aparelho psíquico em geral, o sinal de angústia só ocorre quando o Ego entra em funcionamento. O sinal de angústia pode ser definido como o aumento repentino e moderado do nível de catexes além do nível constante, no aparelho psíquico, em função de quantidades energéticas provenientes dos neurônios secretores quando esses neurônios são dosadamente ativados a partir da memória do objeto hostil (inclusive da memória de castração). Assim como nos fenômenos da dor e do afeto, o aumento do nível de catexes no aparelho psíquico se dá de maneira repentina quando se trata do sinal de angústia, mas enquanto que na dor e no afeto o aumento é grande e descontrolado, no sinal de angústia tal aumento é feito sob controle e moderadamente.<sup>25</sup> Esse efeito é obtido quando já existe uma massa de catexes lateral capaz de drenar, parcialmente, na sua direção, o fluxo energético que de outra forma correria livre e inteiramente da memória do objeto hostil para os neurônios secretores. Para entendermos esse processo devemos recapitular que a partir da vivência de dor as "resistências de valor variável"

das vias que ligam a imagem mnêmica do objeto hostil com os neurônios secretores ficaram duradouramente diminuídas: devemos recapitular também que a presença de catexes laterais do ego diminuem temporariamente as "resistências de valor variável" das vias que ligam os neurônios adjacentes com esse grupo de neurônios de massa catética constante, isto é, com o ego. O que ocorre é então uma competição de facilitações e só uma fração do fluxo energético que parte da memória do objeto hostil correrá na direção dos neurônios secretores. Como a ativação dos neurônios secretores vai aumentar o nível de catexes no ego, naquela competição de facilitações o ego ganha predomínio. É em função da competição de facilitações que dizemos que o aumento de catexes no sinal de angústia é feito moderadamente e sob controle. Com o fortalecimento do Ego fica possível as catexes se aproximarem cada vez mais da memória do objeto hostil sem que isso traga a estimulação dos neurônios secretores e o conseqüente aumento de tensão. O aumento moderado e sob controle do nível de catexes no ego, caracterizando o sinal de angústia, põe em funcionamento o impulso-da-defesa, cujo resultado é a possibilidade de manter-se presente a imagem mnêmica do objeto hostil, ao contrário da sua deocatetização completa como ocorre no impulso-do-bloqueio; promove o estancamento do aumento de tensão num nível moderado; e permite a substituição dos movimentos reflexos de fuga por um comportamento mais adaptado às situações reais complexas e variadas.



## OS "MECANISMOS DE PROTEÇÃO"

Antes de entrarmos no estudo mais detalhado do que denominamos de "mecanismos de proteção" devemos tornar claro que sendo o objeto deste trabalho unicamente os "mecanismos de proteção" do aparelho psíquico, deixaremos de lado os movimentos reflexos de fuga, ligados à experiência de dor, próprios do sistema neurônico Psi-nuclear. Estes movimentos reflexos de fuga compõem os "mecanismos de proteção" dessa parte do sistema Psi que está excluída do aparelho psíquico. Passemos então para os "mecanismos de proteção" do aparelho psíquico.

### 3.1 - NATUREZA DOS "MECANISMOS DE PROTEÇÃO"

Se procurarmos compreender o aparelho psíquico tal como foi elaborado por Freud vamos notar que o mesmo é considerado como um sistema ativo, produtor de trabalho, extremamente complexo, conectado ao sistema mais vasto do organismo, e organizado de tal forma a manter, como sua lei mais geral, um nível constante de catexes no seu interior. Como vimos, o nível de catexes no aparelho psíquico pode subir em razão de dois grupos de fenômenos basicamente distintos; de um lado existem as fontes de energia localizadas no interior do organismo atuando normal e periodicamente que provocam a acumulação gradual de catexes no aparelho psíquico; de outro lado existem os estímulos nocivos, externos ou internalizados sob a forma de memória do objeto hostil, que através das vias nociceptivas do sistema Phi, no primeiro caso, e através dos neurônios secretores, no segundo, provocam o aumento brusco e irregular de catexes. As duas situações de tensão, por aumento gradual e periódico e por aumento rápido e irregular, fazem entrar em ação forças específicas no interior do aparelho psíquico que compõem mecanismos diferentes e que nós gostaríamos de caracterizar como "mecanismos de satisfação", no

primeiro caso, e como "mecanismos de proteção"<sup>4</sup>, no segundo. Os "mecanismos de proteção" também atuam quando o aumento gradual e periódico de catexes a partir das fontes somáticas ultrapassa o limiar em que o desprazer se transforma em angústia com a ativação da memória (filogenética?) da castração. Estamos interessados em distinguir os "mecanismos de satisfação" dos "mecanismos de proteção" segundo a natureza das forças que os compõem; ou o impulso-do-desejo e o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego, de um lado, ou o impulso-do-bloqueio e o impulso-da-defesa, do outro. Essas generalizações em torno de "mecanismos de satisfação" e "mecanismos de proteção" são muito úteis para o entendimento de vários fenômenos, principalmente de índole psicopatológica, tal como veremos mais abaixo.

### 3.2 - AS FORMAS DOS "MECANISMOS DE PROTEÇÃO"

O aparelho psíquico apresenta duas formas básicas de "mecanismos de proteção" em função da inibição ou não, feita pelo Ego, sobre o impulso-do-bloqueio, mais primitivo. Da ativação exclusiva do impulso-do-bloqueio teríamos como consequência a primeira forma de "mecanismo de proteção" que denominaremos "repulsa da causa do afeto", ou simplesmente "bloqueio". Para entendermos bem o "bloqueio" devemos verificar o que ocorre com o nível de catexes no sistema Psi-pallium, o que sucede com a imagem do objeto hostil provocadora do afeto e que outros fenômenos concomitantes podem ocorrer em Psi-pallium. A primeira observação importante é que o "bloqueio" supõe um nível de catexes em Psi-pallium muito além do nível constante. O "mecanismo do bloqueio" supõe a entrada em ação do impulso-do-bloqueio e este depende da competição de "resistências de valor variável" que existem da memória do objeto hostil para os neurônios secretores, de um lado e, da memória do objeto hostil para o grupo de neurônios de Psi-pallium que recebe catexes dos neurônios secretores, do outro. Só quando o nível de catexes nesse grupo de neurônios de Psi-pallium for muito alto é que a facilitação do caminho da memória do objeto hostil para esse grupo de neurô-

nios do sistema Psi-pallium será maior que a facilitação na direção de neurônios secretores. O "mecanismo do bloqueio" supõe portanto um nível de catexes em Psi-pallium muito elevado, ou seja, só ocorre quando há um afeto muito intenso.

Outra consequência do "mecanismo do bloqueio" é o apagamento da imagem do objeto hostil. Com efeito, na medida em que aquele outro grupo de neurônios de Psi-pallium esteja muito catetizado as "resistências interneurônicas de valor variável" que separam a imagem do objeto hostil dos neurônios daquele primeiro grupo ficarão temporariamente anuladas e com isso toda carga energética fugirá da memória do objeto hostil na direção daquele grupo de neurônios de Psi-pallium.

Essas duas características do "mecanismo do bloqueio", o alto nível de catexes e o apagamento da imagem do objeto hostil, não são favoráveis ao funcionamento do aparelho psíquico. De fato, o alto nível de catexes é por si mesmo nocivo e evitado como lei geral do aparelho psíquico. Por outro lado, o apagamento da imagem do objeto hostil impediria ao aparelho psíquico o aproveitamento das experiências ligadas a ele, isso é, em termos de contato com o meio ambiente, mutilaria a realidade.

Como consequências adicionais do "mecanismo do bloqueio" queremos hipotetizar o seguinte: quando há um aumento muito pronunciado do nível de catexes no grupo de neurônios de Psi-pallium que recebe as catexes emanadas pelos neurônios secretores é de se esperar que fiquem facilitadas não só as "resistências de valor variável" que ligam a memória do objeto hostil àquele grupo de neurônios de Psi-pallium mas também as resistências que ligam outras imagens ao mesmo grupo de neurônios. Com isso ocorreria não unicamente um apagamento da imagem do objeto hostil mas o apagamento ou diminuição mais generalizados de imagens psíquicas (v. esquema 2). No plano do contato com a realidade há então uma mutilação muito mais ampla do que a suposta anteriormente. Numa perspectiva clínica o quadro que estávamos descrevendo talvez seja a base metapsicológica da abolição perceptiva. Cabe lembrar que a abolição perceptiva se diferencia da recusa, que descreveremos mais abaixo, na medida em que o primeiro fenômeno

é um processo generalizado, sem intervenção do Ego, enquanto que no segundo há um Ego atuante que faz a discriminação das percepções a serem recusadas. Se nos lembrarmos, no entanto, que estamos tratando do "mecanismo do bloqueio" que supõe, para seu pleno funcionamento, a inexistência do Ego veremos que ainda é prematuro falar em quadros clínicos. O que estamos aqui focalizando debaixo da denominação de "mecanismo do bloqueio" foi abordado por Freud quando ele falava em defesa primária ou repressão primária.<sup>33</sup> A aproximação do "mecanismo do bloqueio" com a defesa ou repressão primárias é encontrada nos primeiros trabalhos de Freud e especificamente no "Projeto de uma Psicologia Científica".<sup>33</sup>

Analisando o "bloqueio" aparece agora para consideração a segunda forma básica dos "mecanismos de proteção", que denominaremos de mecanismos de defesa. Diferentemente do "bloqueio" a defesa depende da existência e do funcionamento do Ego. Freud, na sua preocupação de elaborar um quadro teórico que desse conta dos fenômenos observados não poderia se contentar com um aparelho psíquico restrito ao sistema Psi-pallium e ao "bloqueio" com o único "mecanismo de proteção"<sup>6, 13, 17, 19, 33</sup>. De fato, os fenômenos observados não podiam se encaixar dentro desse quadro explicativo restrito. Com a inclusão do Ego, ou seja, do sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego, fica possível hipotetizar o mecanismo de defesa cujos resultados correspondem aos fenômenos observados.

Para entendermos adequadamente a defesa devemos, antes, voltar nossas vistas para a organização do sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Vemos então que este sistema é composto basicamente de uma série de neurônios interconectados onde a energia psíquica se localiza. Nas vias de conexão encontram-se as "estruturas de resistência variável" que, como vimos, diminuem duradouramente pela passagem, através dela, de catexes. Essa diminuição da resistência é proporcional à quantidade energética que a superou. Desta forma, dentro de múltiplas conexões do sistema Psi-pallium uns caminhos ficam mais facilitados que os outros, ou seja, em termos psicológicos, estabelecem-se associações ideativas. Se considerarmos

agora a memória do objeto hostil podemos entender que ela não se encontra solta dentro do aparelho psíquico mas é um elemento dentro de caminhos facilitados, ou seja, é evocada depois de algumas idéias e traz, por sua vez, a lembrança de outras tantas. No sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego existe, também, um conjunto de neurônios fortemente facilitados entre si, com catexes acumuladas num nível constante. Essas catexes, denominadas catexes laterais do ego, também atuam sobre as "resistências interneurônicas" provocando facilitações temporárias na direção do próprio ego. Quanto mais alto for o nível de catexes do ego maiores serão essas facilitações temporárias para a energia correr das memórias catetizadas em Psi-pallium na direção do ego. A presença do ego modifica portanto, o fluxo associativo anterior de Psi-pallium baseado nas facilitações duradouras. O que ocorre é que o caminho na direção da memória do objeto hostil fica mais ou menos dificultado e isso se dá progressivamente, na medida em que o nível de catexes aumenta no ego, pela atuação dos neurônios secretores. É o que denominamos de  sinal de angústia. Paralelamente, as catexes acumuladas no ego são descarregadas nas direções mais facilitadas.

A defesa tem, dessa forma, seu agente no sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego, isto é, no Ego e é composta de dois processos básicos: o desvio das catexes, que se dirigiam sem nenhuma inibição para os neurônios secretores e a descarga do excesso de catexes no ego, pelos caminhos mais facilitados. Podemos então perceber que a defesa traz como consequência uma série de fenômenos bem diferentes do "bloqueio". Em primeiro lugar podemos notar que na defesa a memória do objeto hostil não desaparece inteiramente, como ocorria no "bloqueio". Estando o Ego suficientemente desenvolvido ele é capaz de atrair a energia, que correria da memória do objeto hostil para os neurônios secretores, sem, no entanto, impedir alguma catetização daquela memória. Outra diferença notável entre o "bloqueio" e a defesa é que nesta última há um aumento moderado e limitado de catexes no aparelho psíquico, isto é, temos o  sinal de angústia mas não o desenvolvimento do afeto ou da angústia. Podemos também perceber que o sinal de angústia, isso é, o aumento repentino e

moderado de catexes será tanto menor quanto mais desenvolvido o Ego. Finalmente um último aspecto da defesa é que, diferentemente do que ocorre no "bloqueio", o excesso de catexes trazidas ao ego pode ser descarregado pelas vias mais facilitadas, tal como veremos com maior detalhe. Por enquanto, queremos deixar claro que na defesa existem dois processos simultâneos, ou seja, a inibição maior ou menor das vias na direção dos neurônios secretores, e a facilitação das vias na direção da descarga do excesso de catexes no ego (v. esquema 3). Resta lembrar que o mecanismo de defesa só ocorre quando o impulso-da-defesa entra em ação detonado pelo aumento repentino da catexe no ego característico do sinal de angústia e só atua, no seu aspecto inibidor, sobre as vias que levam a ativação dos neurônios secretores. A defesa tem portanto um efeito localizado, diferentemente do "bloqueio" cujo efeito é generalizado em todo o sistema Psi-pallium.

### 3.3 - AVALIAÇÃO PSICOPATOLÓGICA DOS "MECANISMOS DE PROTEÇÃO"

Depois de uma primeira análise dos "mecanismos de proteção" e sua classificação nos dois grupos, o "bloqueio" e a defesa, podemos tentar uma avaliação em termos psicopatológicos. Para isso a consideração da fase evolutiva do indivíduo é de máxima importância. Quanto ao "bloqueio" fica aparente que ele é um mecanismo caracteristicamente patológico, a não ser em fases muito precoces do desenvolvimento. De fato, o "bloqueio" supõe um Ego inexistente ou tão rudimentar que não seja capaz de contrapor nenhuma força suficientemente grande ao impulso do bloqueio. O "bloqueio" normal pode ocorrer nos primeiros meses de vida, quando o Ego ainda não se desenvolveu suficientemente. Mais tarde ele é sinal de um Ego muito enfraquecido e já inoperante. É o que talvez ocorra na abolição perceptiva.

Quanto à defesa temos um quadro mais complexo onde precisamos fazer distinções. Dentro da defesa colocamos a maioria dos fenômenos psicopatológicos encontrados na clínica mas deve haver lugar, também, para a defesa adequada, in

dispensável à proteção do aparelho psíquico e do sistema mais geral do organismo como um todo. Se nos lembrarmos da análise feita da defesa veremos que a inibição das vias associativas na direção da memória do objeto hostil, e daí na direção dos neurônios secretores, pode ser maior ou menor, conforme o ego esteja mais ou menos catetizado previamente. Quanto mais catetizado estiver o ego mais próximo dos neurônios secretores se dará o desvio das catexes. Este processo é mais claro de ser entendido da seguinte forma: suponha-se uma série de imagens associadas "1", "2", "3", progressivamente mais próximas da memória do objeto hostil "O.H." e esta associada aos neurônios secretores "N.S.", suponha-se as facilitações entre "1", "2", "3", "O.H." e "N.S." cada vez maiores; suponha-se que o sinal de angústia, isto é, o incremento repentino de catexes no ego a partir dos neurônios secretores, detone o impulso da defesa; temos então que o ponto de desvio se aproximará tanto mais de "N.S." quanto mais forte for o ego (v. esquema 4). É como se o ego permitisse o fluxo associativo de "1" na direção de "N.S." enquanto sua capacidade de inibição fôsse maior que a facilitação da associação, e, desviasse as catexes quando esses dois valores se aproximassem além de certo limite. Temos assim um quadro referencial para determinar um critério de patologia da defesa. Será adequada a defesa que fizer incidir o desvio das catexes entre "O.H." e "N.S.", isto é, entre a imagem do objeto hostil e os neurônios secretores; será patológica a defesa que fizer incidir o desvio das catexes antes de "O.H.", isto é, antes da memória do objeto hostil. Como vimos, o lugar de incidência do desvio do fluxo energético depende da força do Ego, prévia ao sinal de angústia, e com isso voltamos ao aspecto evolutivo. Devemos então corrigir a formulação anterior dizendo que será adequada a defesa que fizer incidir o desvio das catexes entre os neurônios da memória do objeto hostil "O.H." e os neurônios secretores "N.S." quando o indivíduo já tiver ultrapassado a idade de pleno desenvolvimento do Ego. Em idades mais precoces será adequada a defesa que provocar o desvio do fluxo energético mesmo entre elementos associativos anteriores à memória do objeto hostil.

"O.H.". Devemos ainda esclarecer que a defesa atua, de fato, sobre toda a série associativa simultaneamente, e não sobre um só ponto, tal como estávamos afirmando para simplificar o esclarecimento do processo. O que ocorre é que a defesa dificulta progressivamente a passagem das catexes de um elemento ao outro da cadeia associativa até o ponto em que o desvio é praticamente completo. Se o ponto de incidência do desvio é entre a memória do objeto hostil e os neurônios secretores podemos dizer que o acesso das catexes aos neurônios secretores está praticamente impedido e a memória do objeto hostil está dificultado. Se o ponto de incidência do desvio do fluxo energético é entre o elemento "3" e a memória do objeto hostil teremos a memória do objeto hostil praticamente impedida e o elemento "3" dificultado, enquanto que o elemento "2" estará menos dificultado e assim por diante.

Até aqui descrevemos o "primeiro aspecto da defesa", isto é, seu processo inibitório. Se nos voltarmos agora para a descarga do ego do excesso de catexes acumulada, isso é, para o "segundo aspecto da defesa", vamos observar um critério semelhante de demarcação entre a defesa adequada e a patológica. Quando um caminho de derivação está extremamente facilitado em relação aos outros temos uma defesa patológica; poderíamos falar de caminho compulsivo de derivação do excesso de carga após o sinal de angústia. Quando vários caminhos estão disponíveis para a descarga temos uma defesa normal no seu aspecto de derivação. A explicação metapsicológica detalhada da facilitação excessiva de um caminho de descarga nos levaria aos "mecanismos de satisfação", paralelos aos "mecanismos de proteção" e esse não é o nosso interesse aqui. Recapitulando, os "mecanismos de proteção" patológicos seriam o "bloqueio" e a defesa quando ela impede qualquer catetização da memória do objeto hostil e, ou, quando torna compulsivo um caminho de derivação do excesso de catexes. Estes critérios valem se tomarmos em consideração a fase do desenvolvimento e estivermos nos referindo ao indivíduo, que ultrapassou a idade de pleno desenvolvimento do Ego. Seria mais adequada a defesa que permitisse alguma catetização da memória do objeto hostil e que não contivesse caminhos compulsivos de derivação do excesso de catexes.



### 3.4 - ADIÇÕES METAPSICOLÓGICAS RELACIONADAS COM O MECANISMO DA DEFESA

Podemos neste ponto nos preparar para darmos mais um passo na construção de uma explicação metapsicológica do mecanismo da defesa. O que foi hipotetizado e organizado até aqui não resolve ainda todas as dúvidas que poderíamos levantar. Queremos, no entanto, antes de focalizar estes novos aspectos, voltar ao que já foi exposto a fim de explicitar com mais clareza um aspecto do mecanismo de defesa.

Quando falamos de defesa dentro de um contexto psicanalítico nossa atenção pode se voltar para as perguntas que indagam o "porquê" e o "de que" se defende o aparelho psíquico. Estaremos preocupados então com o que a defesa esconde, o que fica obscurecido por ela na vida psíquica e em função de que lei se dá este obscurecimento. Tal como vimos acima essas perguntas encontram resposta na tensão e na ativação dos neurônios secretores. A defesa ocorre porque há uma situação de tensão, ou mais especificamente, há um aumento no nível de catexes no aparelho psíquico percebido como sinal de angústia e, como essa tensão advém dos neurônios secretores, é da ativação desses neurônios que o aparelho psíquico se defende.

Até aqui mostramos uma visão parcial do mecanismo de defesa. A lei mais geral do aparelho psíquico é manter o nível de catexes em torno de seu ponto constante e não apenas impedir que o aumento de tensão seja cada vez maior, ou seja, o princípio básico exige não só um impedimento do aumento de catexes como também pede uma diminuição dela até que alcance o ponto constante. Há então dois processos bem nítidos a serem estudados. Uma outra distorção possível ocorre com ênfase demasiada, nos estudos sobre a defesa, nos processos de descarga com o esquecimento de que o nível aumentado de catexes também exige uma explicação. Para não incorrerem nestes erros vamos então compreender a defesa como um processo complexo do aparelho psíquico, e entendê-la como composta por grupos de processos parciais, uns que visam impedir o aumento da tensão e outros que visam a descarga do excesso de ca-

texes já acumuladas. Falaremos então do "primeiro aspecto" e do "segundo aspecto da defesa". O "primeiro aspecto da defesa" está relacionado com a inibição do caminho pré-existente que liga algumas memórias à memória do objeto hostil e essa aos neurônios secretores. O "segundo aspecto da defesa" está relacionado com a facilitação maior ou menor da via de descarga do excesso energético já acumulado no aparelho psíquico, facilitação essa que pode chegar até a compulsão da descarga por uma via, com exclusão das demais.

Devemos deixar claro que esses dois aspectos da defesa são complementares um ao outro e sempre ocorrem paralelamente, desde as primeiras etapas do desenvolvimento em que o Ego está suficientemente forte para se antecipar ao "mecanismo do bloqueio". Com isso queremos deixar claro que o "segundo aspecto" não é uma complicação ou uma forma evoluída do "primeiro aspecto do mecanismo da defesa". Com o desenvolvimento e fortalecimento do Ego ocorre uma evolução dos processos que compõem o "primeiro aspecto" e o "segundo aspecto", mas isso é diferente de dizer que o "segundo aspecto da defesa" é uma evolução do primeiro.

Feito este esclarecimento podemos agora verificar as lacunas na explicação metapsicológica do mecanismo da defesa das quais falávamos. Se nos referirmos ao "primeiro aspecto da defesa" podemos notar que estamos tentando entender o desvio das catexes do caminho previamente facilitado usando a hipótese da competição entre as resistências duradouramente diminuídas e as resistências temporariamente diminuídas em virtude das catexes laterais do ego. Podemos então perguntar se essa competição de resistências é de fato suficiente para explicar o desvio das catexes. A resposta poderia ser positiva se hipotetizássemos que nessa competição de resistências o valor de uma fosse extremamente inferior ao valor da outra, e isso não nos parece provável. Que outra hipótese podemos então levantar para explicar a interrupção do fluxo de energia pelo caminho previamente facilitado? Tocamos aqui no problema metapsicológico discutido por Freud quando tratava das contracatexes.<sup>6,16,18,25</sup> Os dados clínicos exigem mais esta elaboração teórica. No caso da defesa adequada há um estancamento do aumento de tensão e isso su-

põe uma interrupção no caminho anteriormente facilitado até os neurônios secretores. No caso da defesa patológica há o desaparecimento de algumas imagens, isto é, as do objeto hostil, além do apagamento, frequente, de imagens muito próximas a ele, e isso também supõe uma interrupção no fluxo associativo. Como se dá isso? Parece que este problema não ficou suficientemente esclarecido. Numa de suas tentativas de solução Freud chegou a hipotetizar uma dualidade de forças, introduzidas com a denominação de catexes inconsciente e catexes pré-consciente<sup>17</sup>, mas tal formulação exigiria uma reorganização muito grande das hipóteses metapsicológicas, o que nunca chegou a ser feito.

Imaginamos uma pequena modificação na concepção das "resistências interneurônicas de valor variável" que talvez desse conta da explicação do fenômeno em estudo. Se nos lembrarmos da organização do sistema Psi-pallium encontraremos a hipótese de que nas vias que ligam os seus vários neurônios estariam situadas as estruturas responsáveis por uma resistência que teria seu valor passível de variação, quer duradoura, quer temporariamente. Indicamos ainda que a passagem de grande quantidade de energia através dessas resistências deixariam-nas duradouramente diminuídas enquanto que a presença de catexes elevadas nos neurônios laterais seria o modo de diminuição temporária do valor da resistência. Podemos agora completar este esquema da seguinte forma: as vias de condução da energia psíquica entre um neurônio e outro devem conter "bifurcações" de tal modo que a energia que se desloca de um neurônio de saída pode ou não chegar a um outro neurônio de chegada após passar pela "bifurcação" da via de condução num ponto dado; nessa "bifurcação" se situam as "estruturas interneurônicas de valor variável" que funcionam como "comutadores" que quando abrem uma via para a passagem do fluxo energético fecham a outra; essa abertura deve ser variável e proporcional ao fechamento da via contínua de tal modo que o fluxo energético possa passar por uma das vias em graus variáveis, desde o valor zero até o valor total do fluxo energético; uma das vias, e somente uma, sempre segue para o grupo de neurônios denominado de ego e a essa via deno-

minaremos de "via adicional"; quando a carga do ego se encontra no seu nível constante as resistências das "bifurcações" se encontram fechadas para a "via adicional" e quando sobe o nível de catexes no Ego dá-se, então, a abertura da "via adicional" e o fechamento da "via ordinária". Essas seriam as "estruturas interneurônicas" que têm suas resistências temporariamente modificadas. As "resistências interneurônicas de valor duradouramente variável" não se encontrariam nos pontos de "bifurcação" das vias de condução energética mas no interior das vias, quando elas são contínuas. Com estas novas hipóteses talvez fique esclarecido o problema das contracatexes. Voltando agora à formulação em discussão poderíamos corrigi-la afirmando que o desvio das catexes dos caminhos previamente facilitados na direção do ego se dá não exatamente por uma competição de resistências mas pela ação das catexes laterais sobre as "estruturas de comutação", fechando a "via ordinária" e abrindo a "via adicional".

Até aqui ampliamos nossas hipóteses metapsicológicas para esclarecer o "primeiro aspecto da defesa", isso é, aqueles processos que visam a interromper o aumento do nível de catexes. É neste contexto que o problema das contracatexes deve ficar situado. Olhando agora para o "segundo aspecto da defesa", que se relaciona com a descarga do excesso energético já acumulado, vamos notar que aí pode ocorrer uma facilitação muito grande de determinadas vias de descarga. Essa facilitação pode ser tão pronunciada que determine uma compulsão. A explicação desse fenômeno não exige modificações de nosso quadro teórico e é explicável em termos de diminuição das resistências no interior daquela via de descarga pela passagem anterior de grandes quantidades de energia através delas. O fenômeno só se complica quando essa via de descarga se associa, por sua vez, às vias de ativação dos neurônios secretores. Temos então um processo muito mais complexo que será estudado mais abaixo em termos de luta secundária de defesa. Podemos passar agora ao estudo mais detalhado dos dois aspectos da defesa.

### 3.5 - O "PRIMEIRO ASPECTO DA DEFESA"

Vamos resumir agora o que já foi dito sobre o "primeiro aspecto da defesa" para passarmos depois para o estudo de alguns fenômenos mais específicos. Como vimos, a defesa entra em ação quando às catexes previamente acumuladas no Ego se somam repentinamente catexes adicionais provenientes dos neurônios secretores, caracterizando o sinal de angústia. As catexes do Ego agem então como contracatexes sobre as "estruturas de comutação" na via associativa que está ativando os neurônios secretores, e o faz ordenadamente, dos pontos de bifurcação mais próximos dos neurônios secretores para os mais distantes, interrompendo a passagem de catexes elevadas no ponto onde a força de atuação das contracatexes - sobre as "estruturas de comutação" é maior que a facilitação no sentido dos neurônios secretores. Sobre os pontos de "bifurcação" anteriores àquele onde se deu o desvio completo do fluxo energético o Ego também atua, porém com menos intensidade, permitindo a passagem de alguma quantidade energética. Quanto mais forte for o Ego antes do sinal de angústia, isso é quanto mais extensa e diferenciada for a estrutura neurônica que o compõe e quanto mais o seu nível de catexes estiver próximo do constante, tanto mais próximo dos neurônios secretores será o ponto de "bifurcação" onde se dará o desvio do fluxo energético. Ora, se mantivermos este quadro em mente e voltarmos nossa atenção para os dados clínicos veremos que estamos tratando da explicação metapsicológica de uma série de fenômenos. É o que procuraremos mostrar em relação ao juízo de condenação, à repressão, à de-negação, ao isolamento e à recusa.

#### 3.5.1 - O JUÍZO DE CONDENAÇÃO.

Esta seria a forma de defesa adequada no que se refere ao "primeiro aspecto do mecanismo de defesa"<sup>16</sup>. Freud indica como no homem plenamente desenvolvido o Ego é capaz de permitir que as catexes tenham acesso a todas as imagens mnêmicas, inclusive as do objeto hostil, já que ele está su-

ficientemente forte para impedir a ativação dos neurônios secretores, causadores do aumento da tensão. Este modo de funcionamento é considerado como a defesa adequada já que supõe um grande ganho para o organismo na sua adaptação à realidade. Com efeito, nos casos em que o processo de defesa é mais elementar que o juízo de condenação certas imagens mnêmicas, representativas de situações vividas pelo indivíduo, ficam inacessíveis ao fluxo energético mais copioso e, com isso, é como se parte da experiência do indivíduo não pudesse ser aproveitada para ajustamentos mais perfeitos ao meio ambiente, em situações futuras similares. Quando, por outro lado, o Ego é capaz de permitir todo o fluxo associativo, só o interrompendo quando vai ativar os neurônios secretores, o que sucede é o enriquecimento da capacidade adaptativa, com o aproveitamento de todas as experiências anteriores do organismo, fixadas no aparelho psíquico. Quanto mais forte estiver o Ego, isto é, quanto mais extensa e diferenciada for a estrutura neurônica que o compõe e quanto mais o seu nível de catexes estiver próximo do ponto constante, tanto menor precisará ser o sinal de angústia para que entre em funcionamento o mecanismo de defesa e, no caso em questão, o juízo de condenação. Ora, como o juízo de condenação supõe um Ego bastante bem desenvolvido, antes disso suceder, isso é, em fases evolutivas mais precoces, ou em casos patológicos de Ego enfraquecido ou de energia pulsional muito aumentada, o mecanismo de defesa atua de forma diferente que recebe a denominação de repressão. Antes de passarmos para o estudo da repressão queremos esclarecer que a explicação metapsicológica do juízo de condenação não se esgota no que ficou dito acima. Há ainda alguns aspectos adicionais que introduziremos mais adiante.

### 3.5.2 - A REPRESSÃO

O conceito de repressão ocupa um lugar de centralidade dentro da teoria psicanalítica explicativa dos quadros psicopatológicos de natureza neurótica. Sua existência foi descoberta muito cedo pelas observações de Freud que a carac

terizou como a inaccessibilidade de algumas memórias à cadeia associativa<sup>4,6,16,33</sup>. O que se passa, em termos metapsicológicos, é que a algumas memórias não chegam elevadas catexes porque nas vias de acesso a essas memórias se encontram barreiras que desviam o fluxo energético noutra direção. Essas barreiras são as "estruturas de comutação" que entram em ação quando são ativadas pelo Ego. A força que o Ego utiliza para ativar a "estrutura de comutação" é a que Freud denominou de contracatexes. As contracatexes entram em ação após o sinal de angústia, utilizando o excesso de energia proveniente dos neurônios secretores. O que caracteriza a repressão, diferenciando-a do juízo de condenação, é que, enquanto que no juízo de condenação o Ego está bastante forte para permitir que o fluxo energético percorra todas as vias associadas, só desviando seu curso dos neurônios secretores, na repressão o Ego desvia o fluxo energético prematuramente, não permitindo que catexes elevadas cheguem à memória do objeto hostil. Como analisamos anteriormente isso se dá, quando o Ego ainda não está suficientemente desenvolvido, quando está enfraquecido, ou quando é a energia pulsional que está muito aumentada. Podemos dizer então, que num plano de desenvolvimento a repressão antecede o juízo de condenação enquanto que num plano de análise psicopatológica o substitui<sup>16</sup>.

Tivemos o cuidado de afirmar que o Ego impede que cheguem catexes elevadas às imagens mnêmicas reprimidas. De fato, algumas catexes chegam a essas memórias e daí continuam até os neurônios secretores. Disso temos mostra pelo sinal de angústia. O que a repressão faz é impedir que o grupo das imagens mnêmicas reprimidas seja fortemente catetizado<sup>25</sup>.

Temos ainda que esclarecer que as imagens mnêmicas reprimidas podem ser, e de fato são, muito complexas, mas há sempre um elemento constante que é a imagem do objeto hostil. Esse ponto será analisado mais abaixo.

### 3.5.3 - A DE-NEGAÇÃO E O ISOLAMENTO

Ao lado do conceito de repressão surge um outro conceito, o de de-negação, muito associado ao primeiro e que se

refere a processos específicos que Freud procurou isolar e esclarecer. No seu trabalho clínico Freud observou que antes da repressão ser inteiramente levantada frequentemente surgiam na mente dos pacientes as idéias reprimidas de uma forma peculiar, ou seja, surgiam como meras idéias, como meras associações, sem que a elas fosse atribuído o valor de memórias verdadeiras. O paciente dizia, por exemplo: "Nunca pensei nisso" ou então "isso eu não desejo". Esse fenômeno, ao qual Freud atribuía um significado especial dentro da evolução do trabalho terapêutico, foi objeto de sua atenção e se constituiu como o conteúdo de um trabalho de 1925<sup>24</sup>. Freud via a de-negação como um primeiro sinal do levantamento da repressão. Se considerarmos as associações psíquicas na sua complexidade veremos que a memória reprimida não se constitui, na realidade, de uma só imagem mnêmica ou um grupo reduzido delas. A hipótese mais provável indica que a memória reprimida compreende um complexo muito vasto de imagens associadas e só a livre circulação do fluxo energético através delas pode ser considerada como um verdadeiro levantamento da repressão. Em termos metapsicológicos o que parece ocorrer na de-negação é que as contracetexes do Ego já não atuam sobre certos elementos do complexo mnêmico reprimido, mas continuam atuando sobre outros. O que surge, então, é uma imagem ainda muito parcial da memória reprimida que, como tal, não merece o valor de verdade. A de-negação é uma atenuação mas não a interrupção da ação das contracetexes do Ego sobre o complexo mnêmico reprimido. É quando o Ego se expande e dispõe de mais energia utilizável no desvio do fluxo energético que iria ativar os neurônios secretores, que ele pode levantar as contracetexes de alguns elementos do complexo mnêmico reprimido. A de-negação é então um passo intermediário entre a repressão e o juízo de condenação.

Um mecanismo que parece muito próximo do da de-negação é o isolamento. No isolamento, que Freud propôs a partir de suas observações clínicas, o Ego age de forma semelhante à sua forma de atuação na de-negação; permite o acesso das catexes a alguns elementos do complexo reprimido e mantém as



contracatexes sobre outros<sup>25</sup>. No caso do isolamento os elementos que se mantêm reprimidos são os referentes à memória das sensações e dos sentimentos que acompanharam a situação traumática. A representação ideativa tem livre acesso às associações mas as representações afetivas permanecem reprimidas. Há no entanto outra diferença entre a de-negação e o isolamento. Se olharmos os casos clínicos onde ocorre o isolamento veremos que ele não é um momento dentro da evolução do trabalho terapêutico mas ocorreu desde o primeiro movimento repressivo do Ego. Podemos dizer que no isolamento as contracatexes do Ego sempre atuaram sobre as representações afetivas que acompanharam a situação traumática, bloqueando o caminho de tal forma que novas catexes não chegassem até elas. O isolamento é então uma forma específica da repressão, caracterizada pelo desvio da energia que iria recatetizar a memória das representações afetivas. A proximidade das explicações metapsicológicas da de-negação e do isolamento é portanto mais aparente que real. No isolamento, diferentemente do que acontece na de-negação, não há nenhuma retirada de contracatexes do Ego, de alguns elementos do complexo originalmente reprimido; as contracatexes simplesmente sempre se situaram somente nas vias condutoras da energia para a memória das representações afetivas.

#### 3.5.4 - A RECUSA

Além do juízo de condenação e da repressão, com suas formas particulares aqui estudadas, há um outro modo de funcionamento do mecanismo de defesa, no seu "primeiro aspecto", que pode ser denominado de recusa. Como no caso da de-negação, também sobre a recusa Freud fez estudos especiais<sup>20,21,22,23</sup> e é de 1938 um trabalho intitulado "A divisão do Ego no Processo Defensivo"<sup>24</sup> que se centraliza em torno do conceito de recusa. Esse processo defensivo foi hipotetizado para explicar uma série de dados clínicos já próximos dos fenômenos psicóticos e se situa no extremo oposto ao juízo de condenação, dentro de um contínuo de mecanismos defensivos do Ego que tem na repressão seu ponto intermediário.

Enquanto que o juízo de condenação deve ser considerado como defesa adequada, tanto a repressão quanto a recusa cairiam - dentro do terreno da psicopatologia sempre que estivermos levando em consideração o momento evolutivo do aparelho psíquico, e estivermos falando de fases posteriores à idade de pleno desenvolvimento do Ego. Em termos metapsicológicos o que ocorre é que as contracatexes do Ego, que desviam o fluxo das catexes dos caminhos previamente facilitados são colocadas, no caso da recusa, logo no início de tais caminhos não permitindo nenhuma ou quase nenhuma associação psíquica em torno do conteúdo perceptivo. Se nos lembrarmos do aparelho psíquico, no seu sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego, veremos que ele recebe os estímulos exteriores através do sistema Phi. Em Psi-pallium-inibido-pelo-ego haveria portanto um primeiro grupo de neurônios, receptores da corrente energética de Phi, que seriam responsáveis pela percepção psíquica do mundo exterior. Já nesses pontos de ligação de Phi e Psi-pallium-inibido-pelo-ego se encontrariam as primeiras "bifurcações", com "vias ordinárias" e "adicionais", onde estariam localizadas as primeiras "estruturas de comutação", ativáveis pelas contracatexes do Ego. No caso da recusa são sobre essas primeiras "estruturas de comutação" que atuam as contracatexes do Ego, o que traz como resultado a inibição da percepção psíquica de determinados conteúdos, ou seja, sua recusa. Como vimos anteriormente, as contracatexes do Ego, ou seja, a defesa no seu "primeiro aspecto", sempre atuam num ponto qualquer ao longo de uma via facilitada que termine sobre os neurônios secretores. Vimos também que as contracatexes entrarão em ação assim que houver o sinal de angústia, ou seja, que algumas catexes tenham se deslocado através daquela via, atingindo os neurônios secretores e daí aumentando o nível de catexes do Ego. Vimos também que quanto mais forte estiver o Ego, isso é, quanto mais extensas e diferenciadas forem suas ramificações e mais catexes contiver, mais próximo dos neurônios secretores será o ponto de localização das contracatexes. Quanto mais fraco o Ego, tanto mais próximo do ponto de entrada das catexes em Psi-pallium-inibido-pelo-ego estarão situadas as contracatexes. Temos então, no caso

da recusa, um Ego extremamente débil embora ainda atuante. Podemos agora completar esse aspecto de nossa tentativa de explicação metapsicológica dos "mecanismos de proteção". Se no caso da recusa o Ego extremamente débil é ainda atuante, no caso do Ego ainda mais debilitado ou inexistente não haverá nenhuma possibilidade de defesa; as catexes percorrerão livremente todo o caminho, de Phi até a memória do objeto hostil e daí até os neurônios secretores, provocando, então, o desenvolvimento descontrolado de tensão, ou seja, o afeto e a angústia em vez do sinal de angústia. Ao invés da defesa o "mecanismo de proteção" que vai atuar será o do "bloqueio".

Devido à complexidade do sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego o tal caminho, de Phi aos neurônios secretores, onde atuam as contracatexes do Ego, não é de fato composto de uma só via isolada, mas de uma série delas conjugadas. Pode haver então dois processos particulares conjugados compondo a defesa, ou seja, pode ocorrer a recusa, com contracatexes muito antecipadas em algumas vias, ao lado da repressão, com contracatexes mais tardias noutras vias. No nosso modo de ver isso indica mais uma composição de modos defensivos do que uma divisão do Ego. Com isso terminamos uma abordagem inicial do "primeiro aspecto da defesa". Algumas considerações adicionais sobre este assunto serão acrescentadas depois de analisarmos o "segundo aspecto da defesa".

### 3.6 - O "SEGUNDO ASPECTO DA DEFESA"

Conforme analisamos previamente a defesa é uma das formas básicas dos "mecanismos de proteção", aquela que aparece quando o Ego está suficientemente desenvolvido para inibir o "bloqueio", que seria a forma mais elementar de proteção. A defesa, também como já vimos, não se reduz a atuar no sentido de impedir que o aumento do nível de catexes continue e se dando indefinidamente. Ao lado dos processos que visam a impedir esse aumento continuado de tensão existem outros processos paralelos e complementares que têm por função descarregar o excesso de catexes já acumuladas além do nível

constante<sup>2,4,25,33</sup>. Esses processos são os que compõem o "segundo aspecto da defesa". Ao tentarmos, no entanto, o estudo detalhado desses processos nos encontramos dentro de uma região de estudo muito mais complexa que aquela que encontramos ao elaborar o "primeiro aspecto da defesa". Na realidade, os processos de descarga de excesso de catexes acumuladas a partir do sinal de angústia reúnem não só "mecanismos de proteção" como "mecanismos de satisfação". Ora, os "mecanismos de satisfação" para serem esclarecidos necessitariam os estudos preliminares referentes ao prazer, paralelos aos que fizemos sobre o desprazer e referentes aos impulsos-do-desejo e do desejo-inibido-pelo-ego. Com isso fugiríamos ao âmbito de nosso trabalho. Deixaremos de lado qualquer tentativa de esclarecimento metapsicológico mais detalhado do "segundo aspecto da defesa" e, ao invés disso, tocaremos superficialmente em alguns pontos mais relevantes. Fica no entanto esclarecido, e isso é o mais relevante para nós, que a defesa só se completa no seu "segundo aspecto", isso é, quando o excesso de catexes acumuladas é descarregado.

Um dos aspectos que gostaríamos de salientar é que um caminho de derivação qualquer pode ficar extremamente facilitado em relação aos outros, e isso ocorrerá na medida em que o Ego estiver enfraquecido e sua força de inibição do impulso-do-desejo estiver diminuída. Teremos aí a explicação metapsicológica do que a observação clínica formaliza em termos de vantagem secundária do sintoma. Essa facilitação excessiva de um caminho de derivação se opõe a uma outra situação onde o Ego mais forte pode adequar a descarga à realidade externa, variando-a conforme essa varie. A vantagem secundária do sintoma é como que uma desconsideração, ou melhor, uma consideração parcial da realidade presente ao organismo. Poderíamos então tentar entender as formas particulares de facilitação de caminhos de descarga mas vamos apenas citar dois: a somatização e o deslocamento. Na somatização o excesso energético acumulado após o sinal de angústia é descarregado para fora do aparelho psíquico e para o interior do organismo provocando uma série enorme de sintomas psico-somáticos<sup>2,4,5,25,32</sup>. No deslocamento a carga acumulada no Ego é

descarregada de volta para certas vias associativas facilitadas do Psi-pallium provocando idéias super-intensas<sup>2, 3, 5, 25, 32</sup>. Devemos notar que a facilitação excessiva de um modo de descarga leva à estabilização daquele processo defensivo e teremos então o quadro formado de uma neurose estruturada. No que se refere ao "segundo aspecto da defesa" podemos situar na somatização a base da neurose histérica e no deslocamento a base da neurose obsessiva. Quando, no que se refere ao "primeiro aspecto da defesa", existe repressão, mas, no que se refere ao "segundo aspecto" não existe facilitação de descarga, o acúmulo de catexes no Ego tenderá a aumentar até ultrapassar o limiar em que o desprazer e o sinal de angústia se transformarão em angústia. Haverá então uma forma particular de descarga produzindo modificações nos ritmos cardíaco, respiratório e circulatório; sudorese; etc<sup>25</sup>. Podemos perceber que a neurose de angústia ocupa um lugar peculiar dentro dos quadros psicopatológicos. De fato, é o primeiro quadro que costuma aparecer dentro da história psicopatológica de um indivíduo. Isso se explica se notarmos que quando se instala a repressão as catexes acumuladas no Ego não encontram caminhos facilitados de escoamento. Com a repetição de situações de angústia podem se formar facilitações de descarga, estabelecendo-se então um quadro clínico diverso. O quadro de angústia pode, no entanto, reaparecer, como costuma ocorrer, quando as facilitações de descarga ficam inibidas, quer terapêuticamente quer em virtude da complicação do quadro psicopatológico como veremos adiante quando tratarmos da luta defensiva secundária. Temos agora que lembrar, como fizemos ao tratar do mecanismo defensivo como um todo, e ao estudarmos o "primeiro aspecto da defesa", que também no "segundo aspecto" existem processos defensivos adequados, que serão formas adaptadas de descarga. Quando o Ego estiver bastante forte ele será capaz não só de utilizar o juízo de condenação, ao invés da repressão, como também será capaz de inibir adequadamente o impulso-do-desejo e com ele a vantagem secundária do sintoma ligada às facilitações excessivas nos caminhos de descarga. Ao Ego bem desenvolvido será possível, frente ao sinal de angústia, não só o juízo de condenação

mas também o uso do excesso de catexes no sentido de obter o afastamento das situações reais e atuais de tensão.

Resta lembrar que a avaliação da psicopatologia da forma de descarga do excesso energético depende, também, da consideração da etapa evolutiva de desenvolvimento do Ego. Tanto a angústia prolongada e intensa quanto a somatização e o deslocamento serão processos não patológicos mas perfeitamente adequados sempre que se tratar de um Ego em etapas de evolução anteriores à de seu pleno desenvolvimento. Há toda uma gradação no que se refere ao uso desses processos de descarga quando tomamos em consideração o desenvolvimento do aparelho psíquico. Essas são as considerações gerais que gostaríamos de fazer quanto ao "segundo aspecto da defesa". Podemos agora voltar ao "primeiro aspecto" para discutir alguns pontos adicionais, principalmente referidos à repressão.

### 3.7 - CONSIDERAÇÕES FINAIS SOBRE O "PRIMEIRO ASPECTO DA DEFESA"

Nessas últimas considerações teremos nossa atenção mais voltada para a repressão que para os outros processos do "primeiro aspecto da defesa". A repressão não só foi o mecanismo mais estudado por Freud como também ocupa um lugar de destaque dentro dos quadros psicopatológicos. As referências que faremos ao juízo de condenação e à recusa serão secundários.

#### 3.7.1 - REPRESSÃO, A BASE DA DEFESA NEURÓTICA

O primeiro problema que queremos abordar é o da colocação precisa da repressão dentro dos mecanismos defensivos. Nosso modo de ver esse problema pode perfeitamente ser deduzido do que expusemos até aqui. Queremos, no entanto, voltar à questão devido à importância que ela teve e continua tendo dentro dos trabalhos de orientação psicanalítica. A repressão foi o primeiro mecanismo de defesa isolado e pesqui-

sado com vigor por Freud. Mas mesmo nos primeiros escritos, principalmente nos manuscritos e cartas enviados a Fliess, já havia referências muito extensas e precisas a outros mecanismos de defesa<sup>31, 32</sup>. Depois disso, quando o próprio processo de defesa recebia atenção mais destacada, a distinção clara do que seria repressão foi perdida. O próprio Freud diz que houve época em que os termos defesa e repressão eram usados mais ou menos como equivalentes. Posteriormente, diz Freud, o termo defesa foi sendo pouco a pouco menos usado<sup>25</sup>. Em 1926, no trabalho intitulado "Inibição, Sintoma e Angústia"<sup>26</sup>, a defesa é reintroduzida como um conceito amplo que incluiria muitos processos particulares entre os quais a repressão. A repressão estava então colocada em pé de igualdade com outros mecanismos. Nosso ponto de vista é que a defesa é um processo amplo com dois aspectos: o de interrupção do aumento de catexes, e a derivação do excesso de catexes acumuladas.

Quando as contracatexes do Ego são usadas na defesa podem sê-lo de formas diferentes que, distinguidas como fizemos, dariam o contínuo juízo de condenação, repressão e recusa. O juízo de condenação seria a forma adequada de defesa quanto ao "primeiro aspecto" do mecanismo defensivo<sup>16</sup>. A recusa seria como a repressão, um processo patogênico, mas enquanto que a repressão parece ser um mecanismo bastante frequente a recusa seria mais rara e já de natureza psicótica<sup>21, 22, 26, 30</sup>. Poderíamos, portanto, dizer que a repressão é o mecanismo neurótico por excelência, no que se refere ao "primeiro aspecto da defesa"<sup>25</sup>. Estamos nessa análise colocando o isolamento como uma forma especial de repressão, tal como procuramos esclarecer anteriormente. Se notarmos que o "primeiro aspecto da defesa" é essencial para que ela exista e se considerarmos que a energia descarregada pelos processos defensivos que compõem o "segundo aspecto da defesa" é a energia que foi acumulada no Ego até o momento da repressão e, ainda, se nos situarmos dentro do estudo dos mecanismos de natureza neurótica, poderemos dizer que a repressão está na base de toda defesa, embora não a esgote.

Com isso fica claro que a repressão não é sinônimo de defesa, mas parte dela; fica claro também que ocupa um lugar especial dentro dos mecanismos de defesa, ou seja, em pê de igualdade com o juízo de condenação e a recusa enquanto uma forma de mecanismo defensivo no seu "primeiro aspecto", mas como base da defesa, se nos referirmos unicamente à defesa de índole neurótica. Situada a repressão dentro dos mecanismos defensivos passemos agora para um segundo problema, esse ainda não abordado no nosso trabalho.

### 3.7.2 - A REPRESSÃO E A INCAPACIDADE DE CONSCIÊNCIA

Foi a partir de suas observações clínicas que Freud chegou a elaborar o conceito da repressão. Junto aos seus clientes observou que neles havia uma impossibilidade de evocação de determinadas memórias, geralmente de natureza sexual, que ficavam sepultadas no passado<sup>2,3,4</sup>. Freud supôs que determinados acontecimentos, produtores de grande tensão na criança, e caracterizados por isso de fatos traumáticos, produzem um mecanismo no aparelho psíquico que resultava no desaparecimento daquelas memórias da vida psíquica pré-consciente. Eram então consideradas reprimidas aquelas memórias - que uma vez conscientes nunca mais tiveram a possibilidade - de voltar à consciência, ou seja, a idéia reprimida é necessariamente uma idéia inconsciente. Freud procurou a explicação metapsicológica da dualidade inconsciente, pré-consciente, e elaborou três hipóteses no decorrer de seus trabalhos. Em primeiro lugar levantava a hipótese mais simples de localizações diferentes, dentro do aparelho psíquico, das memórias inconscientes. Haveria, por assim dizer, duas regiões distintas de inscrição das memórias, uma reservada para aquelas que fizessem parte da vida pré-consciente e a outra reservada para as inconscientes<sup>17</sup>. Essa hipótese, aparentemente mais simples, foi logo abandonada por que trazia a questão muito difícil de resolver relativa aos processos de deslocamento - das inscrições de um lugar para outro que exigiria, para ser respondida, de uma reformulação global dos pressupostos metapsicológicos.



Uma outra explicação se funda na caracterização quantitativa das catexes envolvidas nos fenômenos inconscientes e pré-conscientes. As idéias reprimidas seriam então aquelas às quais as contracatexes do Ego impossibilitam a chegada de catexes elevadas. As idéias pré-conscientes, por outro lado, corresponderiam às representações livremente cate- tizáveis. Nessa perspectiva a distinção entre fenômenos pré-conscientes e conscientes se faz do seguinte modo; enquanto que as memórias inconscientes são aquelas às quais o Ego não permite que cheguem catexes elevadas as memórias tanto pré-conscientes como conscientes são facilmente acessíveis ao acrêscimo de catexes e, quando o nível de energia realmente se eleva a memória se torna consciente e quando escoar noutra direção volta ao estado pré-consciente<sup>17,33</sup>.

Uma terceira hipótese caracteriza a idéia ou memória a como pré-consciente na medida em que ela está enlaçada com restos verbais. Se esse enlace está impedido teríamos o caso de fenômenos inconscientes. Essa hipótese foi pensada por Freud inúmeras vezes no decorrer de sua obra<sup>17,29,33</sup>, e se liga à necessidade de Freud justificar seu método terapêutico, que visa a superação da repressão e funciona com uso exclusivo da palavra. O terapeuta então ajudaria, através da interpretação, a refazer o enlace da memória à consciência, desfazendo a repressão. Essa é a hipótese que Freud mantém até o final de seus trabalhos.

Queremos aqui deixar claro, mais uma vez, a distinção entre o fenômeno a ser explicado e a explicação propriamente dita. Nas últimas elaborações freudianas os termos conscientes, inconsciente e pré-consciente descrevem fenômenos a serem estudados mas não entram na teoria explicativa desses fenômenos<sup>19,25</sup>. Em outras palavras, a incapacidade de consciência é o sinal fenomenológico da repressão mas não a constitui.

### 3.7.3 - A NATUREZA DAS MEMÓRIAS REPRIMIDAS

Outro problema a ser estudado se refere à natureza do conteúdo das memórias reprimidas. Freud encontrava segui-

damente, junto aos seus clientes em tratamento, que o material reprimido era de natureza sexual. Esse fato intrigante necessitava explicação. Devia haver alguma peculiaridade no processo de repressão que s<sup>o</sup> o tornava possível sobre as idéias de índole sexual. Das especulações sobre esse assunto surgiu a hipótese de que s<sup>o</sup> seriam passíveis de repressão as idéias que despertassem como memória, posteriormente aos acontecimentos a que elas se referiam, um desencadeamento de afeto maior que o desenvolvido por ocasião do acontecimento, ou seja, s<sup>o</sup> seria reprimida a memória que despertasse mais desprazer que o próprio fato. Que tipo de conteúdo ideativo poderia provocar esse resultado? Freud encontrou a resposta na vida sexual com seu desenvolvimento peculiar. Se a vida sexual já existe na infância, embora com pouca intensidade, e se depois do período de latência ela é despertada com muito mais vigor, teríamos nela as condições da repressão. A memória de uma experiência sexual infantil provocaria na adolescência um desencadeamento afetivo muito mais intenso que o próprio acontecimento passado e o resultado seria então a repressão. Como esse efeito póstumo, como o denominava Freud, era peculiar da vida sexual a repressão sempre caía sobre vivências de natureza sexual<sup>33</sup>. Essa hipótese explicativa não pode no entanto ser mantida se constatamos a existência de neurose e repressão na própria infância.

No nosso modo de ver, a natureza sexual, frequente mas não exclusiva, das memórias reprimidas pode ser explicada de outra forma. Se nos lembrarmos do aparelho psíquico na sua complexidade de neurônios e de vias de comunicação veremos que o material reprimido é representado nele não por uma única memória mas por um vasto grupo delas, firmemente facilitadas entre si. Como já sabemos esse grupo de idéias é reprimido porque ele provoca o desenvolvimento de angústia. Ora, a angústia é resultante da ativação dos neurônios secretores e esses por sua vez s<sup>o</sup> são estimulados, como mostramos acima, pela memória de um objeto hostil. Temos então que no grupo de idéias reprimidas existe necessariamente a memória do objeto hostil como um dos componentes. Mas isso não seria suficiente. Como também foi mostrado acima o fluxo livre das

catexes corre no sentido das memórias associadas à vivência de satisfação, isso é, obedece ao impulso-do-desejo, ou do desejo-inibido-pelo-ego. Em outras palavras, a mera memória do objeto hostil não necessita de contracatexes especiais do Ego, constitutivas de repressão, para que a ela não retornem elevadas catexes porque simplesmente o impulso-do-desejo e do desejo-inibido-pelo-ego não conduzem o fluxo energético nessa direção mas sim na direção das memórias associadas à vivência de satisfação. Se há repressão de um grupo de idéias deve haver, necessariamente, nesse grupo, memórias de objetos ligados à satisfação como outra componente. Temos então um quadro complexo no grupo de memórias reprimidas e podemos afirmar, concluindo, que a natureza do material reprimido radica na forte associação de memórias de objetos ligados à satisfação com memórias de objetos hostis. Se percebermos que as memórias sexuais são memórias de objetos de satisfação, porque correspondem à descarga de energia acumulada no aparelho psíquico a partir do soma, e se percebermos que na nossa cultura as experiências sexuais precoces trazem, como norma geral, experiências punitivas, veremos então a razão da frequência da natureza sexual do material reprimido. Teremos a situação de conflito, que é condição para que haja repressão. A hipótese explicativa que levantamos serviria, então, também para as repressões e neuroses infantis assim como para a repressão de conteúdos não sexuais mas implicados em situações de conflito. Terminamos aqui as considerações adicionais que gostaríamos de fazer sobre o "primeiro aspecto da defesa". Podemos agora tratar da evolução do mecanismo defensivo, incluindo a luta secundária da defesa.

### 3.8 - A EVOLUÇÃO DO MECANISMO DA DEFESA

Antes de entrarmos no estudo dos detalhes da evolução do mecanismo de defesa queremos explicitar a que estamos nos referindo ao falarmos aqui em evolução. Há dois sentidos possíveis de interpretação desse termo que nós queremos excluir para o entendimento mais claro desse parágrafo. Não va

mos falar, como seria possível, da evolução normal dos mecanismos de defesa que acompanham a evolução do Ego desde os primeiros dias de vida até a idade adulta. Não é esse o sentido que estamos dando, aqui à expressão "evolução" do mecanismo de defesa. Também não vamos tratar da evolução dos mecanismos de defesa, das formas mais patológicas até as formas mais adequadas, tal como ocorre durante o tratamento psicanalítico bem sucedido. O que nos interessa aqui é a complicação do mecanismo de defesa dentro de um quadro psicopatológico, quando a forma de defesa anterior não estava sendo suficiente para impedir o desenvolvimento de angústia. É esse terceiro sentido que estamos atribuindo à expressão título deste parágrafo. A observação de que o mecanismo psicopatológico de defesa pode falhar, provocando defesas novas e mais extensas, foi feita por Freud no decorrer de suas observações clínicas. Ao procurar a explicação do que estava ocorrendo Freud lançou mão das expressões "repressão secundária" e "luta defensiva secundária"<sup>16, 17, 25</sup>. Utilizando as hipóteses explicativas elaboradas até aqui chegamos sem dificuldade ao entendimento da luta defensiva secundária. De início as contracatexes do Ego atuam sobre aquele grupo mínimo de memórias fortemente associadas entre si, que poderiam ativar os neurônios secretores provocando angústia. Essa é a repressão inicial. Paralelamente, o excesso de catexes no Ego é ou descarregado, ou deslocado. Estes dois processos juntos compõem a defesa inicial. Pode, no entanto, acontecer por diversos fatores um enfraquecimento do Ego, e a defesa inicial é já em si mesma um desses fatores. Pode ocorrer também que haja um afluxo pulsional muito grande em relação à capacidade de controle do Ego. Nesses dois casos as contracatexes do Ego já não seriam suficientes para impedir a chegada de catexes elevadas ao grupo de memórias primitivamente reprimidas, ou seja, a grandeza da facilitação do escoamento de catexes das memórias vizinhas às memórias reprimidas para as próprias memórias reprimidas se torna relativamente maior que a força das contracatexes que procuram desviar o fluxo energético. As contracatexes do Ego se deslocam, então, para impedir que catexes elevadas cheguem às memórias vizinhas ao gru

po das memórias primitivamente reprimidas. Com isso novas memórias são reprimidas. Este é o processo denominado repressão secundária, de natureza evitativa, que tende a continuar se houver um enfraquecimento progressivo do Ego ou se, por qualquer motivo, houver um afluxo pulsional muito grande. Se, no entanto, o enfraquecimento do Ego ou o afluxo pulsional - se tornarem ainda maiores as contracatexes se deslocarão para os primeiros neurônios da cadeia associativa, que são os neurônios responsáveis pela percepção psíquica do mundo exterior - a recusa substituirá então a repressão e a neurose começará a se transformar em psicose. Com o enfraquecimento ainda maior do Ego, suas contracatexes já não conseguem atuar como recusa. As catexes fluirão livremente e irão ativar os neurônios secretores provocando o desenvolvimento de grande tensão. O "mecanismo de proteção" já não será mais a defesa mas o "bloqueio". Quando a repressão secundária é crescente e as modificações dos caminhos de derivação do excesso de catexes são continuadas fala-se em luta defensiva secundária. Com isso terminamos o estudo dos "mecanismos de proteção" e estamos prontos para abordarmos a resistência.

## A RESISTÊNCIA

O conceito de resistência é um dos conceitos mais importantes dentro da teoria psicanalítica, especialmente dentro da teoria da técnica terapêutica. O estudo desse conceito levou-nos a problemas inesperados que nos fizeram ver que por trás de uma aparente simplicidade esconde-se uma complexidade bastante grande. Parece-nos que esse mesmo termo é usado para significar duas idéias dessemelhantes, embora muito próximas, que evoluíram uma da outra no decorrer da elaboração da teoria psicanalítica. Como sabemos o fenômeno da resistência foi observado por Freud quando ele abandonou o uso da hipnose como procedimento técnico para obter acesso às memórias reprimidas. A hipnose foi substituída por que os resultados curativos obtidos com ela eram transitórios, e mais cedo ou mais tarde reapareciam os sintomas.<sup>4</sup> Um fato paralelo, que também levou Freud a não mais usar a hipnose foi a constatação de que o uso desse instrumento terapêutico não era possível com inúmeros pacientes. Freud se via incapaz de hipnotizar grande parte dos clientes que o procuravam para tratamento.<sup>4</sup> A explicação desse fenômeno só ficou mais clara posteriormente, quando Freud descobriu a resistência. Antes da virada do século, procurando resolver os problemas criados pela tentativa de usar a hipnose terapêuticamente, Freud elaborou uma nova técnica, intermediária entre a hipnose e a técnica psicanalítica clássica que foi estabelecida posteriormente. Essa técnica intermediária era ainda uma técnica sugestiva, no sentido de facilitar o retorno do material reprimido, mas evitava que o paciente diminuísse seu nível de vigília como ocorria no sono hipnótico. Freud pedia ao paciente que deixasse seus pensamentos fluírem livremente e os fosse relatando e, sempre que um impedimento maior aparecesse, Freud intervinha. O que ocorria era que no fluxo associativo frequentemente apareciam momentos em que o cliente dizia que sua mente estava em branco, vazia de qualquer idéia ou imagem. Freud dizia então ao paciente que isso não podia ser assim, que alguma idéia devia estar bloqueada, e que ela apa

receria quando Freud tocasse a cabeça do paciente com as mãos. Era portanto uma atividade sugestiva do terapeuta, propiciadora da continuação do fluxo associativo. Foi nesse contexto que Freud isolou o fenômeno da resistência.<sup>4</sup> Supôs ele que à força sugestiva do médico se opunha uma força no interior do cliente que impedia o retorno das idéias reprimidas. Essa era a resistência que devia ser superada pelo terapeuta. Com a descoberta da resistência Freud podia então explicar a dificuldade que tinha encontrado anteriormente ao tentar hipnotizar seus pacientes. De fato, os pacientes resistiam à hipnose como resistiam ao retorno do reprimido. Descoberto o fenômeno Freud percebeu que tanto a hipnose quanto aquela técnica sugestiva intermediária não desfaziam a resistência mas simplesmente contornavam-na. Terminada a ação do terapeuta a resistência reaparecia e as idéias reprimidas continuavam fora do acesso à consciência. Notando isso Freud mais uma vez modificou sua técnica e estabeleceu então o procedimento psicanalítico clássico que, ao invés de procurar contornar a resistência tenta, pelo contrário, enfocá-la, fazendo-a nítida, e analisá-la para que ela se desfaça.<sup>7, 8, 9, 10, 11, 12, 23</sup> Até esse momento da evolução das teorias psicanalíticas a resistência estava identificada com as forças que procuravam manter a repressão. Com a continuação dos trabalhos clínicos, do apuramento das observações e da tentativa de se chegar a teorias explicativas mais abrangentes o conceito de resistência tomou um sentido ligeiramente diferente, que sem uma análise cuidadosa não é distinguível do primitivo. Talvez fosse mais justo dizer que esse segundo sentido do termo não é propriamente posterior ao primeiro mas veio intrincado com ele desde o início. O fato é que foi se tornando claro para Freud que os pacientes que o procuravam para tratamento não vinham movidos por uma força clara e indiscutível no sentido de obter a cura. Mais exatamente, eles chagavam a Freud com um conflito interno de forças, uma no sentido de conseguir a superação dos sintomas e outra no sentido de mantê-los. A intenção de cura era fácil de constatar - era um dado conhecido para o próprio paciente. O desejo de se manter doente, pelo contrário, era inteiramente in-

consciente para o cliente. A Freud, como observador externo, essa segunda força ficava à mostra tanto quanto a primeira. Resistência era então o termo empregado para significar a tendência do cliente de manter-se doente ou opor-se ao tratamento. Como a doença era entendida como a resultante da repressão, as forças usadas para manter a repressão se confundiam com as forças usadas para manter a doença. Dessa maneira, esses dois sentidos que nós queremos distinguir ficavam muito intrincados um com o outro. A confusão provocada pela semelhança de sentidos do termo "resistência" percorreu toda a obra freudiana e no nosso modo de ver nunca foi suficientemente esclarecida. Quando, no entanto, voltamos nossa atenção para a explicação metapsicológica da resistência encontramos nos trabalhos de Freud uma discrepância explicativa nítida que só podemos resolver satisfatoriamente através do esclarecimento da dualidade de sentidos que o termo "resistência" esconde, tal como procuramos mostrar.

De qualquer forma, e antes de entrarmos nos detalhes explicativos, queremos apontar a relevância do conceito de resistência dentro da teoria da técnica psicanalítica que, junto com a transferência forma o par de fenômenos de maior importância no processo terapêutico. Freud indicava, depois do estabelecimento da técnica psicanalítica clássica, que as memórias reprimidas apareciam normalmente após a resistência ter sido desfeita.<sup>7</sup> Com isso o esforço do terapeuta devia sempre ter em vista a detecção das resistências e seu esclarecimento.

Com o decorrer da análise fica claro que a resistência não é superada toda de uma vez no início do tratamento.<sup>12, 18</sup> Pelo contrário, a análise da resistência acompanha todo o processo terapêutico desde as primeiras sessões até as últimas. Segundo as formulações freudianas a resistência cresce sempre que há uma aproximação de material reprimido. Depois que esse conteúdo vem à consciência a resistência diminui de intensidade para novamente se enrigecer quando o cliente chega mais perto de nova camada de material reprimido.<sup>4, 18, 25</sup> Esse processo se repete continuamente até que o paciente tenha podido explorar suficientemente as memórias



às quais ele não tinha acesso antes da terapia.

A resistência que o paciente mostra ao tratamento não advém, no entanto, exclusivamente dessa força no sentido de manter a repressão. Tal como vimos anteriormente a derivação do excesso de catexes não segue caminhos aleatórios e pode eventualmente procurar caminhos de satisfação secundária o que conferiria vantagem secundária aos sintomas. Ao abandono dos sintomas, dos quais se derivam vantagens secundárias, o Ego também opõe resistência. Temos então um quadro complexo onde a resistência à cura, no sentido mais amplo, pode ser melhor estudada se a entendermos composta da resistência que o Ego opõe ao material reprimido e da eventual resistência do Ego ao abandono dos sintomas, quando deles se deriva vantagem secundária.<sup>25</sup> Podemos agora, depois desses esclarecimentos preliminares, tentar uma explicação metapsicológica da resistência.

#### 4.1 - A RESISTÊNCIA AO MATERIAL REPRIMIDO

Estudamos cuidadosamente o mecanismo metapsicológico da repressão, dentro do "primeiro aspecto da defesa", e agora, para entendermos a resistência ao material reprimido bastará fazermos a correção de algumas distorções contidas na nossa exposição. Dissemos que a repressão se explicava pela força das contracatexes do Ego que desviavam as catexes que corriam na direção de um grupo dado de memórias. Esse era o grupo das memórias reprimidas que, como vimos, devia conter a memória do objeto hostil. O grupo das memórias reprimidas se encontra no interior de um caminho associado que tem início nos neurônios responsáveis pela percepção psíquica e o término nos neurônios secretores. Analisamos o ponto de localização das contracatexes do Ego nesse caminho e reconhecemos três pontos básicos característicos da recusa da repressão e do juízo de condenação. Estudamos então o porquê de uma dessas três localizações em função do equilíbrio da força das contracatexes com as forças das facilitações as quais crescem na medida em que se aproximam dos neurônios se

cretores. Diremos agora que é na primeira vez que as contracatexes do Ego são usadas no sentido de desviar o fluxo das catacatexes de certas memórias é que se dá a repressão. Nesse momento existiam elevadas catexes nas memórias a serem reprimidas, ou seja, no momento da repressão as memórias eram conscientes. Posteriormente as contracatexes são usadas antes que cheguem catexes elevadas àquelas mesmas memórias e isso caracteriza a resistência, ou seja, a resistência se dá antes de haver consciência do material.<sup>18</sup>

Ao fazermos essa distinção entre a repressão, que se dá uma só vez, quando se estabelece o "primeiro aspecto da defesa", e a resistência, que se repete inúmeras vezes e sempre que há um fluxo de catexes na direção do material reprimido, estamos de fato introduzindo uma nova hipótese metapsicológica. Estamos estabelecendo que o fluxo de catexes por um caminho associado qualquer é no seu início um fluxo de catexes menos intensas que depois se tornam mais elevadas, ou seja, uma associação é antes inconsciente para logo após se tornar consciente. Dessa forma, catexes pouco intensas chegam às memórias reprimidas e daí, alcançando os neurônios secretores, provocam no Ego o excesso de energia responsável pelas contracatexes que impedirão que a memória reprimida cheguem as cargas mais elevadas e mais lentas determinadoras de consciência. Durante o processo terapêutico não assistimos a atuação do processo repressivo mas observamos o funcionamento da resistência. Essa regra geral pode ter uma exceção; é quando se dá, durante uma hora de análise, o processo repressivo secundário. Nesse caso assistiremos uma idéia desaparecer da consciência do cliente. Esse fenômeno é, no entanto, infrequente já que o próprio trabalho do terapeuta atua no sentido oposto. A resistência, por outro lado, é um fenômeno de observação frequentíssima durante as sessões analíticas.

Podemos agora generalizar a noção da resistência para todos os mecanismos do "primeiro aspecto da defesa". De fato a resistência não atua unicamente contra o material reprimido mas também contra o material recusado e contra o material condenado através do juízo de condenação. O que carac

teriza então a resistência do "primeiro aspecto da defesa" é que as contracatexes do Ego são colocadas nos caminhos que conduzem aos neurônios secretores logo depois que por esses caminhos começam a passar as catexes ainda pouco intensas.

#### 4.2 - A RESISTÊNCIA AO ABANDONO DO SINTOMA

Como já analisamos anteriormente, o mecanismo de defesa não se reduz ao seu "primeiro aspecto", de recusa, de repressão ou de juízo de condenação, mas só se completa quando o excesso de catexes já acumulado é descarregado. Esse excesso de catexes, como já vimos, provém das catexes que são desviadas para o Ego pelas contracatexes, e das catexes resultantes da ativação dos neurônios secretores, base do sinal de angústia. Com esse excesso de energia entra em atuação a força no sentido de fazer voltar o nível ao ponto constante e para isso o excesso de catexes deve deixar o aparelho psíquico. Entra em funcionamento, então, o "segundo aspecto da defesa" que é constituído exatamente pela derivação do excedente energético. Também já vimos que a descarga energética não se dá aleatoriamente em qualquer direção. Pode entrar em jogo, nesse momento, o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego, constitutivo dos "mecanismos de satisfação". Por não termos voltado nossa atenção, nesse trabalho, para os "mecanismos de satisfação" o estudo do "segundo aspecto da defesa" só pôde ser feito parcialmente e essa é a mesma situação em que nos encontramos agora, ao tentarmos esclarecer a resistência ao abandono do sintoma. Podemos, no entanto, traçar as linhas mestras que regulam esse processo. Parece-nos que a explicação da resistência ao abandono do sintoma está intimamente ligada à natureza da vivência que se seguiu ao uso inicial de uma determinada via de derivação. Em outras palavras, quando num momento dado da história do indivíduo se deu a repressão com um aumento do nível de catexes e esse excesso energético foi derivado por uma via determinada, pode ter havido, associada a essa derivação, uma vivência de

satisfação. Posteriormente os mecanismos de derivação utilizados tenderão a ser os mesmos que originalmente trouxeram a vivência de satisfação. Esse modo de derivação, já agora inadequado, caracteriza o sintoma e a tendência a repeti-lo constitui a resistência ao abandono do sintoma.<sup>25</sup> A resistência ao abandono do sintoma será evidentemente proporcional ao grau de estruturação do quadro neurótico, tal como descrevemos ao estudar o "segundo aspecto da defesa". Juntas, a resistência ao material reprimido e a resistência ao abandono do sintoma, quando dele se deriva vantagem secundária, compõem a resistência ao processo terapêutico, tal como é observada durante o tratamento psicanalítico. Terminando nosso estudo podemos passar agora ao esclarecimento de um último problema que é levantado por Freud e que se refere à fonte da resistência.

#### 4.3 - O ID, O EGO, O SUPER-EGO E A RESISTÊNCIA

No seu trabalho de 1926 intitulado "Inibição, Sintoma e Angústia",<sup>25</sup> na parte do apêndice que trata da resistência e das contracatexes, Freud introduziu a famosa classificação das resistências em resistências oriundas do Ego, do Id e do Super-Ego. Entre as resistências do Ego incluiu a resistência da repressão, a resistência da transferência e a resistência da vantagem da enfermidade. A resistência do Id fica ligada à compulsão de repetição e a resistência do Super-Ego provém da necessidade de castigo.

Essa classificação é insatisfatória como o próprio Freud deixou ver. No trabalho de 1937 "Análise Terminável e Interminável"<sup>28</sup> diz mesmo da inadequação de se falar de uma resistência do Id. Se analisarmos com cuidado a classificação de Freud poderemos perceber que seu interesse estava voltado para diversos critérios ao mesmo tempo. Dentro de uma análise metapsicológica estrita, no entanto, acreditamos poder sustentar a hipótese de que a resistência pode provir de diversas fontes. Isso transparece com clareza se levarmos em conta a obra freudiana no seu conjunto. A resistência do Ego

contra as forças mais primitivas do sistema Psi-pallium (o Id) é a mais clara de ser percebida e é dela que tratamos nessa última parte do nosso trabalho. Existe, no entanto, paralelamente à resistência do Ego, a resistência do Id que se torna tanto mais evidente quanto maior fôr o afluxo pulsional e quanto maior dificuldade houver para a descarga de catexes pelas vias propiciadoras da vivência de satisfação. Essa resistência do Id deve ser incluída na teoria psicanalítica ao lado da resistência do Ego. Do ponto de vista metapsicológico o Super-Ego, que é uma sub-estrutura do Ego, também é fonte de resistência. O Super-Ego entra no jogo de forças que determina a canalização do fluxo de catexes no aparelho psíquico. Queremos terminar nosso trabalho reafirmando que tanto o Id quanto o Ego e quanto o Super-Ego podem ser fontes de resistência. Esse modo de ver reintroduz, ao que nos parece, maior rigor científico nos estudos psicanalíticos e traz equilíbrio à metapsicologia como teoria coerente do aparelho psíquico proposto por Freud.

## CONCLUSÕES

Terminando o nosso trabalho gostaríamos de resumir as principais contribuições que fizemos, e acrescentar algumas observações que nos parecem relevantes e que foram se fazendo claras para nós na medida em que nos dedicamos ao estudo dos assuntos aqui tratados.

1) Em primeiro lugar gostaríamos de chamar a atenção para a importância do estudo metapsicológico. Parece-nos que é através do estabelecimento de uma sólida base metapsicológica que os estudos psicanalíticos podem aspirar a participação dentro do mundo científico. Em torno de uma metapsicologia bem elaborada as teorias de desenvolvimento, dos quadros psicopatológicos, da técnica psicoterapêutica ganham unidade e um novo sentido. Se temos um aparelho psíquico hipotético bem caracterizado a teoria do desenvolvimento deixa de ser uma mera enumeração de fenômenos observáveis dentro de uma determinada sequência. Teremos, pelo contrário, a possibilidade de encontrar a explicação para os dados evolutivos nos referindo àquele aparelho psíquico em desenvolvimento; a teoria dos quadros psicopatológicos, por outro lado, não será mais simplesmente a catalogação de fenômenos coincidentes no tempo e caracterizadores de quadros diferenciais. Com um conhecimento bastante detalhado do aparelho psíquico os diversos fenômenos e quadros psicopatológicos terão a possibilidade de serem unificados e explicados. A teoria da técnica terapêutica, finalmente, não se constituirá mais no simples acúmulo de regras, pragmaticamente validadas, mas terá nos estudos metapsicológicos a sua fonte de justificação. A constante referencia às hipóteses metapsicológicas dão unidade aos estudos psicanalíticos e possibilitam o uso do método científico, de elaboração teórica acompanhada das verificações empíricas, nessa área do conhecimento. Há então a possibilidade de um desenvolvimento crescente dos conhecimentos com a elaboração de hipóteses explicativas cada vez mais refinadas e a utilização de uma tecnologia derivada, paulatina

mente mais precisa.

No nosso trabalho pretendemos justamente encontrar a explicação metapsicológica para alguns conceitos constitutivos da teoria psicanalítica dos quadros psicopatológicos. Nossa intenção foi participar do esforço de reintegrar a psicanálise dentro do corpo de ciências verdadeiramente investigativas, pelo esclarecimento de suas teorias, tal como Barros propõe no final de seu artigo "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology"<sup>1</sup>

2) Estudamos, inicialmente, neste trabalho, o aparelho psíquico de forma a termos os elementos explicativos para abordarmos, depois, alguns fenômenos específicos. Reafirmamos a hipótese freudiana de um aparelho psíquico materialmente extenso, embora não localizado, cujo funcionamento poderia ser entendido através da utilização do modelo termodinâmico. Também como Freud, achamos conveniente fazer o estudo desse aparelho psíquico através de três pontos de vista complementares: o ponto de vista topográfico, focalizando a organização material de seus elementos; o ponto de vista dinâmico, tratando das forças que surgem nessa organização; e o ponto de vista econômico, se interessando pelos processos energéticos e as suas leis.

Dentro do estudo da topografia do aparelho psíquico indicamos as três formulações sucessivas de Freud procurando mostrar as correspondências e as diferenças entre elas. Indicamos como os sistemas Inc. e Prec. (Cc.) foram propostos e usados nos textos das duas primeiras décadas do século e foram depois abandonados. Mostramos como os estudos que delimitam o Id e o Ego, que substituem os sistemas Inc. e Prec. (Cc.), conferem a essas hipóteses características muito diversas, com ênfase especial nos processos primário e secundário. Tentamos então esclarecer a organização material do aparelho psíquico com base nos primeiros trabalhos de Freud e seguimos, para este fim, a sistematização apresentada por Barros no artigo já citado. Acrescentamos uma estrutura hipotética, que denominamos de "estrutura de comutação", que achamos útil para podermos explicar uma série de fenômenos como,

por exemplo, a evolução do afeto e da angústia que ficam substituídos pelo sinal de angústia; a recusa; a repressão; e o juízo de condenação. Do ponto de vista topográfico apresentamos o aparelho psíquico composto dos sistemas neurônicos Psi-pallium e Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Conectados ao aparelho psíquico propriamente dito estão o sistema Psi-nuclear e o sistema Phi. O sistema Phi se compõe simplesmente de neurônios interligados cuja única função é conduzir a corrente energética. O sistema Psi-nuclear contém barreiras de contacto, transformadoras de corrente em catexes. No sistema Psi-nuclear as catexes ficam acumuladas até determinado nível a partir do qual entra em funcionamento uma força que denominamos de urgência. O sistema Psi-pallium contém além das barreiras de contacto outras estruturas que chamamos de "estruturas interneurônicas de resistência variável" que têm suas resistências duradouramente diminuídas quando são vencidas por fortes catexes. Quando dois neurônios contíguos e separados por essa estrutura estão catetizados, a resistência fica temporariamente diminuída permitindo a passagem de catexes de um neurônio para outro, no sentido de condução da via de ligação. A facilitação duradoura se dá nas vivências de satisfação e de dor. A facilitação temporária se dá quando um grupo de neurônios do sistema Psi-pallium fica muito catetizado a partir dos neurônios secretores. Ligados ao sistema neurônico Psi-pallium estão os neurônios secretores que quando ativados aumentam o nível de catexes no aparelho psíquico. No nosso trabalho achamos muito conveniente tornar a fazer uso dessa hipótese que Freud deixou de lado depois do "Projeto"<sup>33</sup>. O sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego contém todas as estruturas anteriores além de um grupo aumentável de neurônios, fortemente associados entre si denominado ego e das "estruturas de comutação" situadas nos pontos de bifurcação das vias do sistema Psi-pallium e ativáveis pelas contracatexes do ego. A "estrutura interneurônica de resistência variável" é uma hipótese que está presente nos textos freudianos, embora não esteja explicitada com uma denominação própria como nós fizemos. A "estrutura de comutação" é



uma hipótese original nossa para explicar o funcionamento das contracatexes.

Dentro da dinâmica do aparelho psíquico isolamos cinco forças básicas. A primeira delas é a urgência, já presente no sistema Psi-nuclear e que aparece sempre que o acúmulo de carga ultrapassa o nível constante. Subdividimos a urgência em urgência<sub>1</sub>, ligada à descarga da energia pulsional através dos reflexos adequados, e urgência<sub>2</sub>, ligada à descarga do excesso energético através dos reflexos de fuga. O impulso-do-desejo e o impulso-do-bloqueio são duas outras forças que aparecem no sistema Psi-pallium. O impulso-do-desejo aparece sempre que o nível de catexes se eleva no Psi-pallium, sem no entanto ultrapassar o limiar em que aparece a angústia. O impulso-do-desejo visa a recatetização das memórias ligadas à experiência de satisfação. O impulso-do-bloqueio aparece quando o grupo de neurônios que é catetizado pelos neurônios secretores está com um nível de energia acumulada muito alto e visa a recatetização da memória do objeto hostil. Assim como a "estrutura interneurônica de valor variável", o impulso-do-bloqueio, simétrico ao impulso-do-desejo no sistema Psi-pallium, é uma hipótese presente nos textos freudianos mas não fica lá explicitada como nós o fizemos no corpo deste trabalho. As duas últimas forças básicas atuantes no aparelho psíquico são o impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego e o impulso-de-defesa que entram em ação no sistema Psi-pallium-inibido-pelo-ego. Essas duas forças aparecem quando o Ego já está bastante desenvolvido e é capaz de inibir a recatetização excessiva da memória ligada à vivência de satisfação, evitando, dessa forma, a alucinação, e é também capaz de inibir a ativação maciça dos neurônios secretores, que produziriam o desenvolvimento do afeto e do bloqueio. O impulso-do-desejo-inibido-pelo-ego e o impulso-de-defesa são responsáveis pela maior adaptação ao meio ambiente e garantem, dessa forma, a possibilidade de sobrevivência do organismo.

No aspecto econômico enumeramos as duas leis fundamentais que regulam os processos energéticos, ou seja, o princípio de conservação de energia, correspondente ao pri

meiro princípio da termodinâmica, e o princípio de constância de intensidade semelhante ao princípio de manutenção de equilíbrio.

3) No segundo capítulo do nosso trabalho estudamos a tensão. Freud desde seus primeiros escritos metapsicológicos apontou a relação entre o aumento de catexes no aparelho psíquico e a tensão. Dentro dos quadros explicativos apresentados são essenciais os conceitos de neurônio secretor, contracatexes do Ego e "estruturas de comutação". Tanto o afeto quanto a angústia e o sinal de angústia equivalem a um aumento de carga no aparelho psíquico, mas enquanto que no afeto o aumento de carga é muito grande, e na angústia é supraliminar, no sinal de angústia ele é limitado pelas contracatexes do Ego que atuam sobre as "estruturas de comutação". Chegamos a essa explicação do sinal de angústia depois de ampliar a hipótese de que a substituição do afeto e da angústia pelo sinal de angústia era feita unicamente em virtude da competição de facilitações. Essa ampliação foi feita com a introdução da hipótese das "estruturas de comutação". Outro ponto que ressaltamos foi a distinção entre dois processos radicalmente diferentes de aumento de catexes no aparelho psíquico. De um lado temos o caso do aumento brusco do nível de carga no aparelho psíquico a partir da ativação dos neurônios secretores. Dentro desse caso estão o afeto e o sinal de angústia. Do outro lado temos o desprazer como aumento lento e continuado do nível de catexes a partir das fontes somáticas. A angústia fica como o aumento supraliminar de tensão. Indicamos, seguindo as formulações de Freud, como tanto o aumento brusco de catexes a partir dos neurônios secretores quanto o aumento lento e continuado a partir das fontes somáticas trazem a descarga, fazendo voltar o nível energético ao seu ponto constante.

4) Distinguimos como processos gerais do aparelho psíquico dois grupos de mecanismos que caracterizamos como "mecanismos de proteção" e "mecanismos de satisfação". Nosso

trabalho se centralizou sobre os "mecanismos de proteção". Quanto aos "mecanismos de satisfação" dissemos apenas que eles são resultantes dos impulsos-do-desejo e do desejo-inibido-pelo-ego. Cabe nessas conclusões indicar como seria frutífero alargar os estudos metapsicológicos para encontrar a explicação dos "mecanismos de satisfação" paralela a que tentamos elaborar para os "mecanismos de proteção". A abordagem dos "mecanismos de satisfação" seria útil, até mesmo para esclarecer melhor certos pontos que focalizamos neste trabalho, já que ficaram lacunas na explicação de alguns fenômenos que se referem justamente às situações onde há fusão dos "mecanismos de proteção" com os de "satisfação", como é o caso do sintoma. Dentro do estudo dos "mecanismos de proteção" localizamos nos impulsos-do-bloqueio e de defesa as suas forças provocadoras e descrevemos com a denominação de "bloqueio" e defesa, as suas formas distintivas.

5) Analisamos detalhadamente a defesa subdividindo-a em dois aspectos complementares. O "primeiro aspecto" trata da interrupção do aumento progressivo de catexes a partir dos neurônios secretores. Indicamos como essa interrupção é executada pelas contracatexes do Ego que atuam sobre as "estruturas de comutação" desviando as catexes que iriam ativar mais e mais os neurônios secretores. Mostramos como essas contracatexes do Ego entram em funcionamento sobre as "estruturas de comutação" quando se dá o sinal de angústia. O "segundo aspecto da defesa" trata da derivação do excesso de energia já acumulada e indicamos, rapidamente, dois modos de derivação que seriam a somatização e o deslocamento.

6) Distinguimos dentro do "primeiro aspecto da defesa" vários processos, como a recusa, a repressão e o juízo de condenação, em função do ponto de atuação das contracatexes do Ego na via de condução das catexes, desde o término do sistema Phi sobre o aparelho psíquico até os neurônios secretores. As facilitações nessa via de condução são progressivamente maiores, na medida em que estão mais próximas dos neurônios secretores e a atuação das contracatexes do Ego é

hipotetizada como se situando no ponto mais próximo dos neurônios secretores em que ela é ainda eficaz para desviar o fluxo energético. Quanto mais forte for o Ego mais próximo dos neurônios secretores serão desviadas as catexes que se dirigiam originalmente para eles. Quando as catexes são desviadas antes de catetizarem a memória do objeto hostil temos a repressão. Quando o desvio da catexes é feito logo que ela entra no aparelho psíquico, a partir do sistema Phi, temos o caso da recusa. Quando o Ego está bastante forte para permitir a catetização de todas as memórias da via associada, são desviando as catexes quando forem ativar os neurônios secretores, temos o juízo de condenação.

7) Numa avaliação psicopatológica indicamos como a repressão está na base da defesa de natureza neurótica, colocando a de-negação e o isolamento como formas especiais da repressão. Mostramos como a recusa conduz a situações de natureza psicótica enquanto que no juízo de condenação está a defesa adequada, no que se refere ao primeiro aspecto dela. Hipotetizamos que a utilização do "bloqueio" ao invés da defesa, quando há um enfraquecimento muito grande do Ego, seria o fundamento da explicação da abolição perceptiva. Indicamos ainda a relação entre o tipo de distúrbio neurótico e o modo de derivação do excesso de catexes. Relacionamos a neurose de angústia com situações de tensão supraliminar e com a descarga por vias próprias, criando as modificações dos ritmos cardíaco, respiratório, etc, ou seja, os sinais clínicos de angústia. Na histeria o processo dominante seria a conversão e na neurose obsessiva teríamos o caso do deslocamento.

8) Tendo continuamente em vista o fator evolutivo, indicamos no decorrer do nosso trabalho a relação de dependência que existe entre os diversos fenômenos que analisamos e o grau de desenvolvimento do Ego. Dissemos que o Ego se fortalece, dentro de uma evolução normal, pela ampliação e diferenciação do grupo de neurônios extremamente facilitados entre si que o constitui. Quanto mais extenso e diferenciado

for esse grupo de neurônios maior quantidade de catexes estará aí acumulada. Temos então um Ego fortalecido que pode substituir o afeto e a angústia pelo sinal de angústia, o "bloqueio" pela defesa, a recusa pela repressão, e esta pelo juízo de condenação.

Queremos, também nesta conclusão, apontar como fomos parecendo cada vez mais importante pesquisar o processo de desenvolvimento do Ego, o motivo e o modo do seu enfraquecimento no caso dos quadros psicopatológicos e de seu fortalecimento no caso do processo terapêutico bem sucedido. Um trabalho que procurasse a explicação metapsicológica desses fenômenos seria, a nosso ver, de extraordinária importância para o progresso dos conhecimentos psicanalíticos.

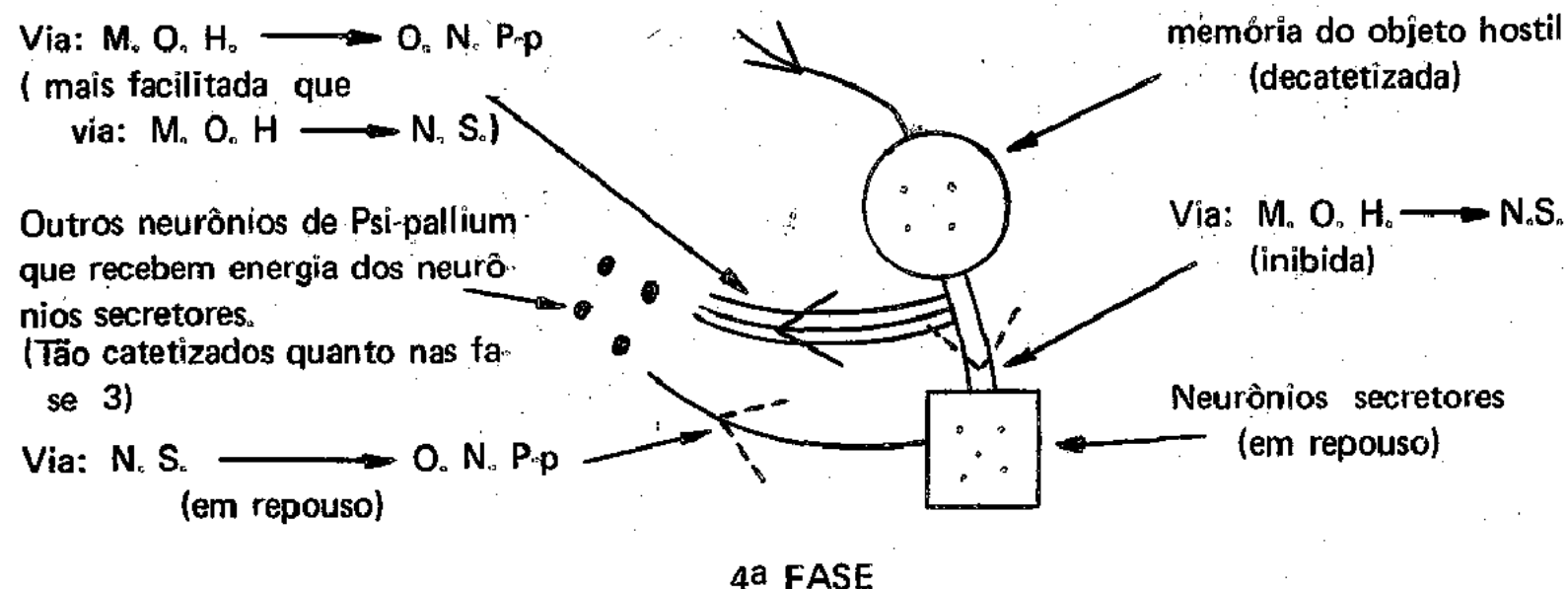
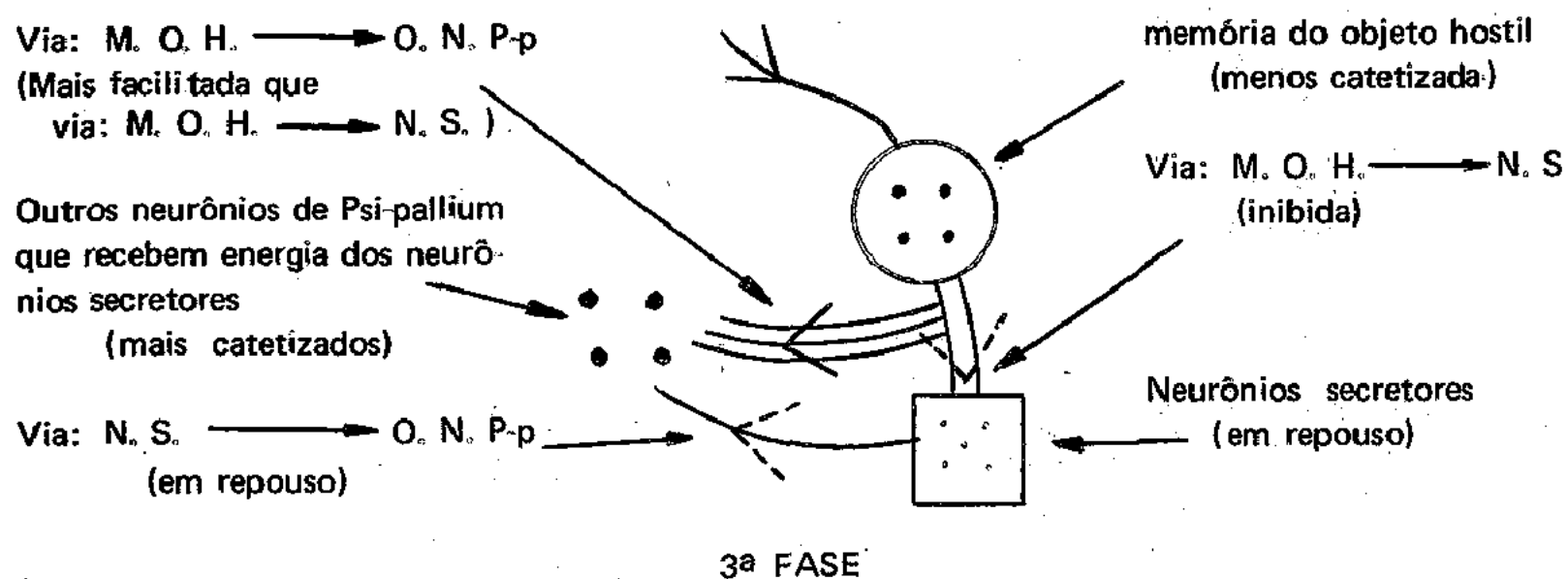
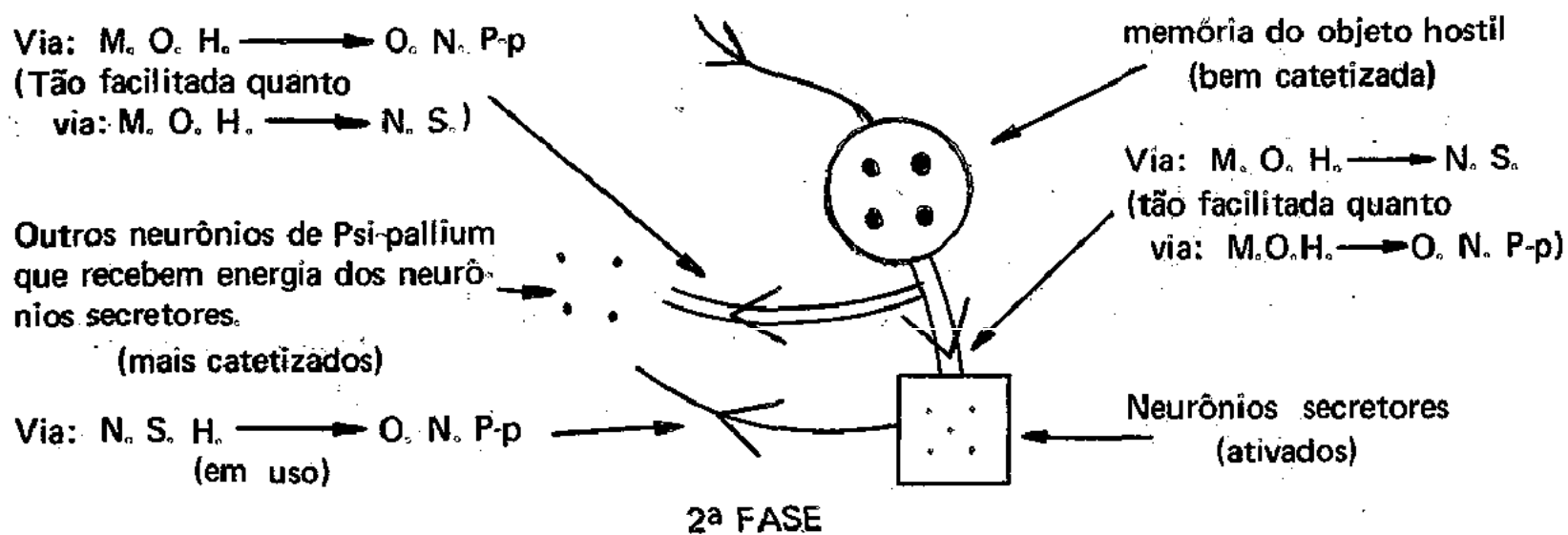
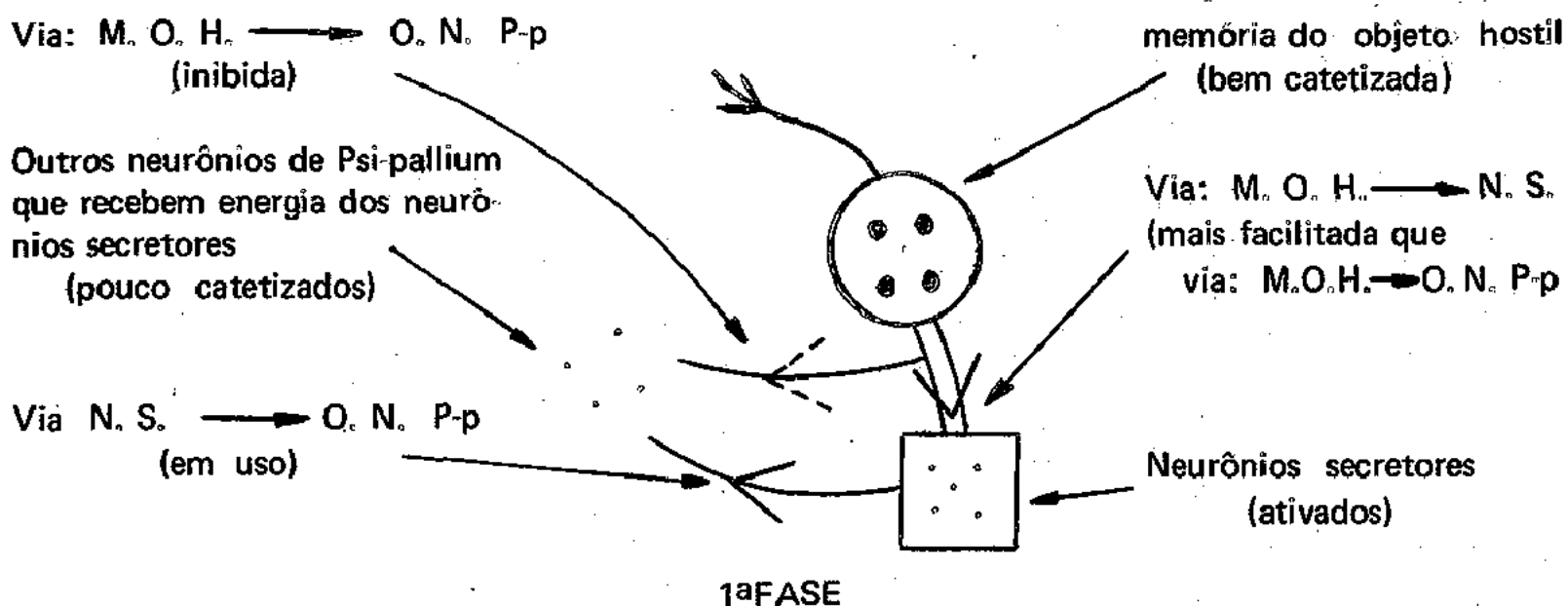
9) Em relação a repressão estudamos a natureza do material que sofre este processo. Indicamos como Freud encontrava regularmente, no seu trabalho terapêutico, que o material reprimido era de natureza sexual. A partir disso procurou alguma explicação para a coincidência e chegou a propor, na fase inicial dos seus trabalhos, a teoria do efeito póstumo das experiências sexuais infantis. No nosso modo de ver a teoria do efeito póstumo é insatisfatória e a observação mesma de que o material reprimido era sempre de natureza sexual não foi corroborada posteriormente. Através do uso das hipóteses metapsicológicas levantamos a suposição de que a natureza do material reprimido radica na forte associação de uma memória ligada à representação do objeto hostil, juntamente com outra memória ligada à experiência de satisfação. Indicamos como a mera memória do objeto hostil não exige contracatexes do Ego nas vias de acesso a ela já que as catexes não correm normalmente nessa direção mas sim na direção dos objetos ligados à experiência de satisfação. As memórias dos objetos de satisfação, por outro lado, também não exigem contracatexes já que a catetização delas não traz desenvolvimento posterior de afeto ou angústia. Somente quando a memória do objeto hostil fica extremamente bem associada à memória dos objetos ligados à experiência de satisfação é que se dão as condições da repressão. Aí teremos a situação de confli-

to. A frequência da natureza sexual das memórias reprimidas é fácil de ser explicada se nos lembrarmos como é comum que as experiências sexuais infantis venham acompanhadas de situações punitivas.

10) Ao estudarmos a resistência mostramos uma duplicidade de sentidos que é atribuída a esse termo, desde os primeiros escritos de Freud e, que se não é levada em conta, pode trazer dificuldades à explicação metapsicológica do fenômeno. Indicamos então a diferença que existe entre a resistência ao tratamento, ou seja, à superação das dificuldades e a resistência ao levantamento da repressão. A resistência ao tratamento é mais ampla e inclui, além da resistência ao levantamento da repressão a eventual resistência ao abandono do sintoma.

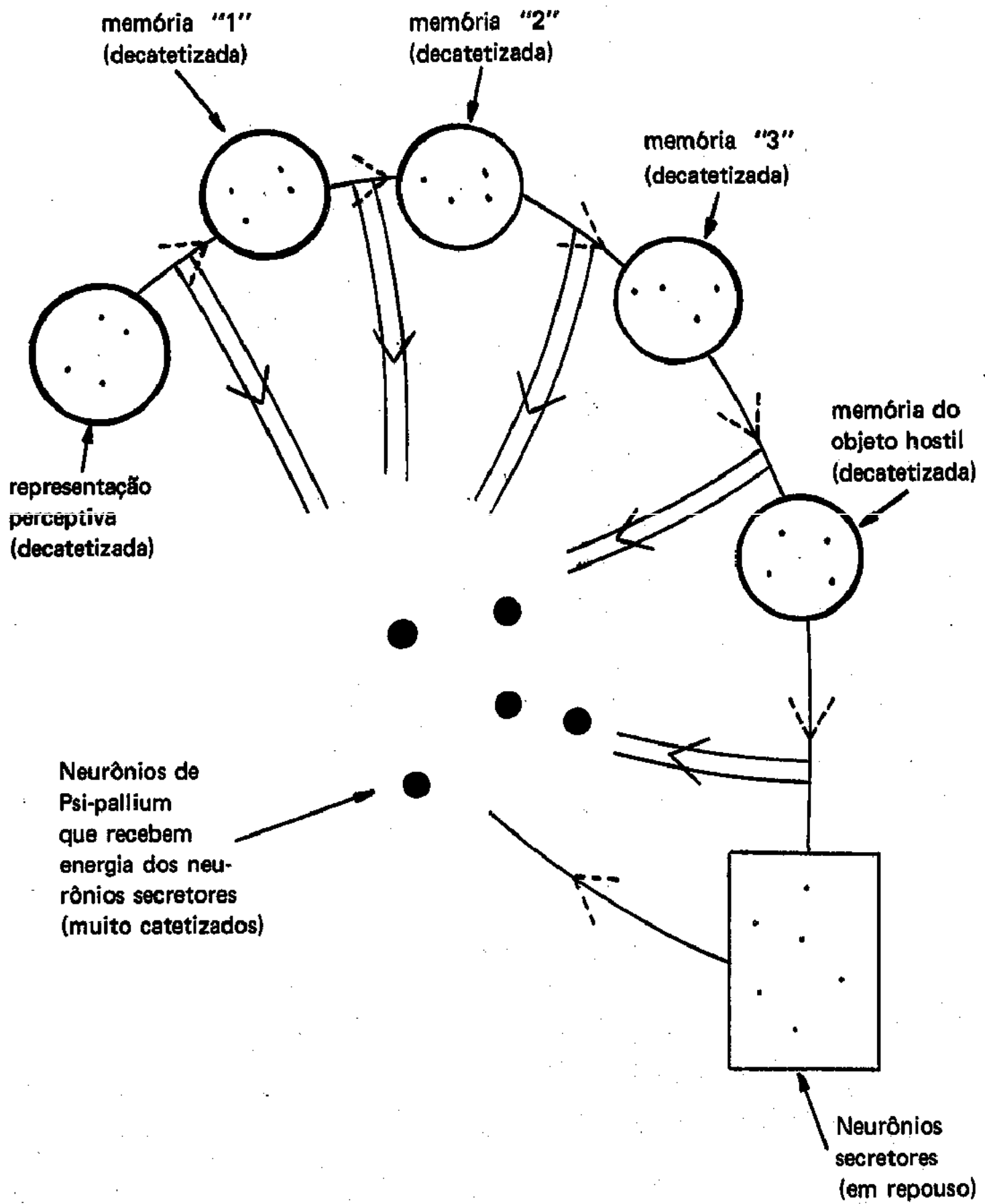
11) Ao estudarmos a resistência ao levantamento da repressão indicamos como sua explicação metapsicológica radica no funcionamento das contratexes do Ego que atuam sobre as "estruturas de comutação" impedindo que as catexes cheguem às memórias reprimidas. Indicamos nesse contexto a diferença entre a repressão e a resistência. Enquanto que a repressão só se dá uma vez, quando as memórias a serem reprimidas estão altamente catetizadas e são, portanto, conscientes, a resistência atua inúmeras vezes, desviando o fluxo das catexes sempre que elas se aproximam das memórias anteriormente reprimidas. Mostramos também que a resistência é um processo que evita a catetização elevada não só do material anteriormente reprimido como também do material recusado e do material condenado pelo juízo de condenação. Não há propriamente, portanto, uma resistência ao material reprimido, mas uma resistência ligada ao "primeiro aspecto da defesa". Da resistência ao "segundo aspecto da defesa" depende a dificuldade ao abandono do sintoma. Indicamos como o Ego pode eventualmente resistir ao abandono do sintoma em virtude do benefício secundário derivado dele. Esse processo só poderá ser melhor compreendido em função dos "mecanismos de satisfação" que não foram abordados diretamente no nosso trabalho.

12) Um último aspecto que queremos incluir nessas conclusões é o relativo à análise da fonte de resistência. Procuramos mostrar como a fonte de resistência pode ser o Ego, o Id ou o Super-Ego, apontando, no entanto, como o Super-Ego deve ser entendido como uma sub-estrutura do Ego. A resistência do Id se faz mais patente quando os caminhos de descarga de catexes pelas vias produtoras da vivência de satisfação estão inibidos, ou quando há um afluxo pulsional muito grande.

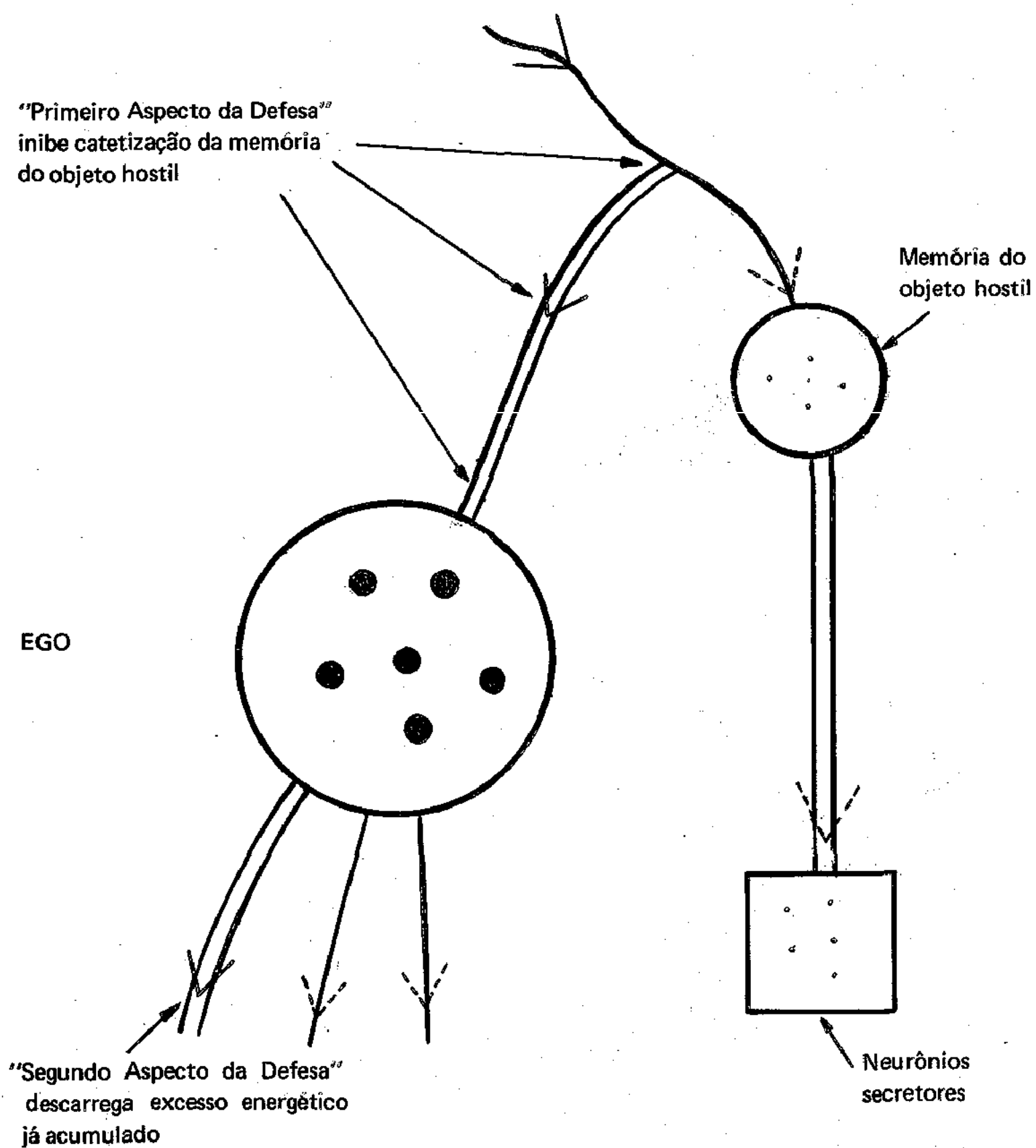




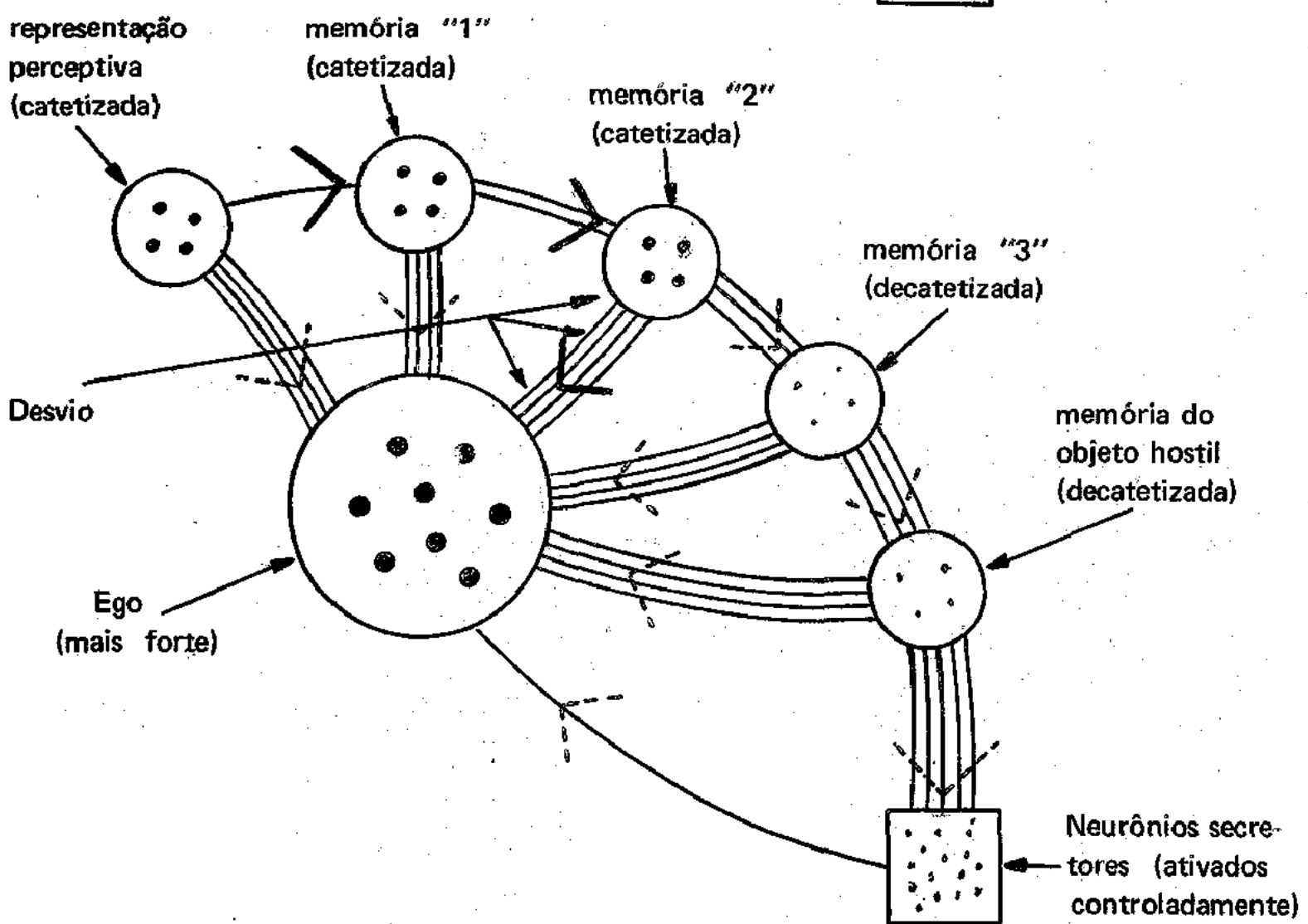
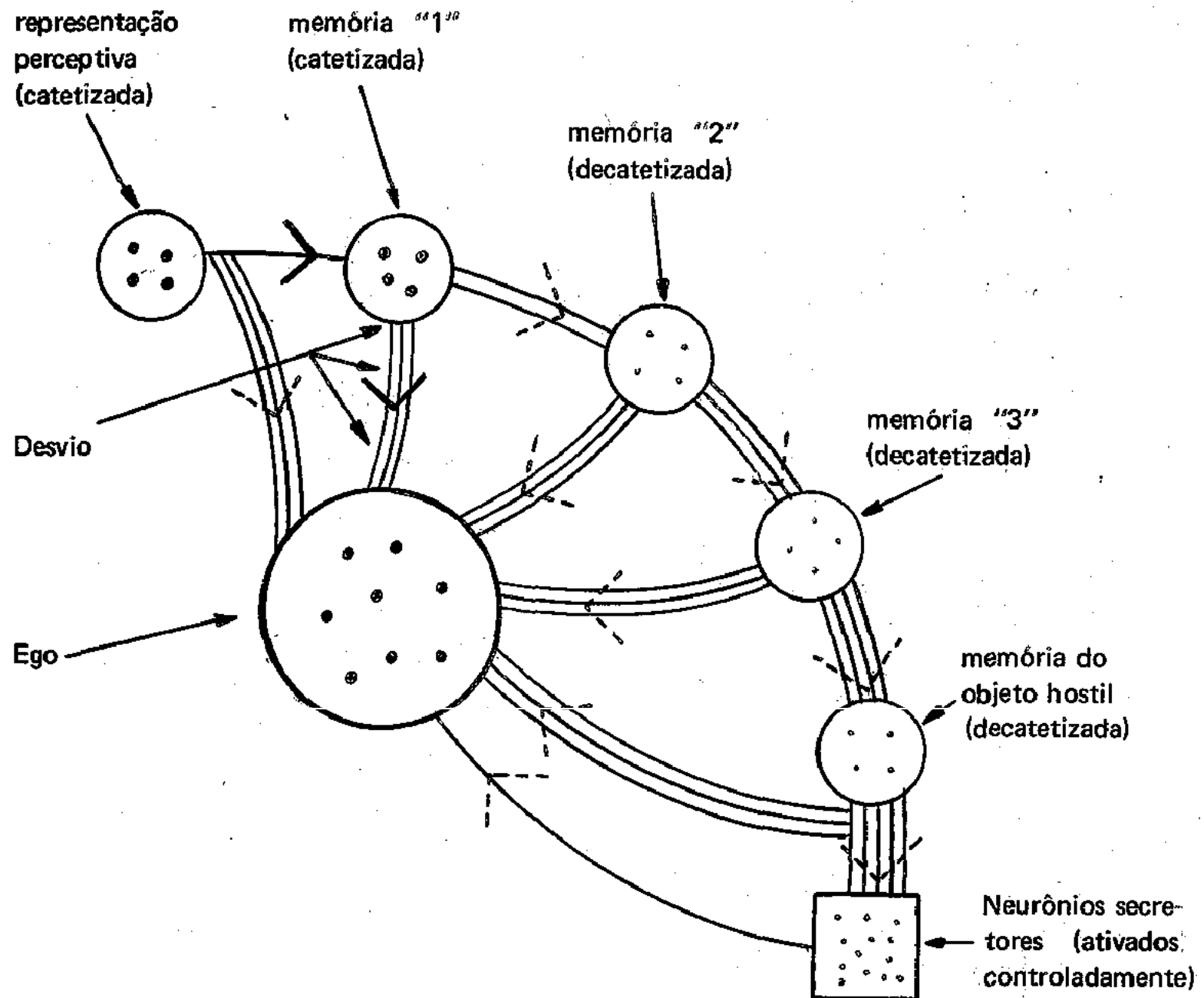
ESQUEMA 2 "A ABOLIÇÃO PERCEPTIVA" (p. 41)



ESQUEMA 3 "OS DOIS ASPECTOS DA DEFESA" (p. 44)



ESQUEMA 4 "O LUGAR DE ATUAÇÃO DO 'PRIMEIRO ASPECTO DA DEFESA' " (p. 45)



## BIBLIOGRAFIA

1. Barros, C.P. "Thermodynamic and Evolutionary Concepts in the Formal Structure of Freud's Metapsychology", in S. Arieti (ed.), *The World Biennial of Psychiatry and Psychotherapy*. New York: Basic Books, 1971. Vol. I, pp. 72-111.
2. Freud, S. "Las Neuropsicosis de Defensa: Ensayo de una Teoría Psicológica de la Histeria Adquirida, de Muchas Fobias y Representaciones Obsesivas y de Ciertas Psicosis Alucinatorias" (1894), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 173-179.
3. Freud, S. "Obsesiones y Fobias: Su Mecanismo Psíquico y Su Etiología" (1894), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 200-204.
4. Freud, S. "La Histeria" (1895), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 25 - 130.
5. Freud, S. "Nuevas Observaciones Sobre las Neuropsicosis de Defensa" (1896), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 219-229.
6. Freud, S. "La Interpretación de los Sueños" (1900), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 231-581.
7. Freud, S. "El Método Psicoanalítico de Freud" (1904), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 301-304.
8. Freud, S. "Sobre Psicoterapia" (1905), em *Obras Completas*. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 304-310.

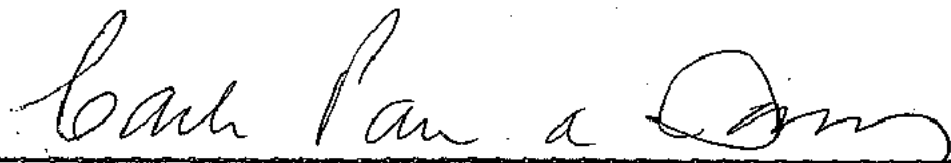
9. Freud, S. "El Psicoanálisis Silvestre" (1910), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 315-318.
10. Freud, S. "Consejos al Médico en el Tratamiento Psicoanalítico", en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 326-331.
11. Freud, S. "La Iniciación del Tratamiento" (1913), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948 Vol. II, pp. 334-345.
12. Freud, S. "Recuerdo, Repetición y Elaboración", en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 345-350.
13. Freud, S. "Los Dos Principios del Suceder Psíquico", (1911) en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 403-407.
14. Freud, S. "Algunas Observaciones Sobre el Concepto de lo Inconsciente en el Psicoanálisis" (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp 1023-1027.
15. Freud, S. "Los Instintos y Sus Destinos" (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1027-1037.
16. Freud, S. "La Represión" (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1037-1042.
17. Freud, S. "Lo Inconsciente" (1915), en Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1043-1060.

18. Freud, S; "Introducción al Psicoanálisis" (1916-1917), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 59-300.
19. Freud, S. "El 'Yo' y el 'Ello'" (1923), em Obras Completas, Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1191-1212.
20. Freud, S. "La Organización Genital Infantil" (1923), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948 Vol. I, pp. 1159-1190.
21. Freud, S. "Neurosis y Psicosis" (1924), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 407-409.
22. Freud, S. "La Pérdida de Realidad en la Neurosis y en la Psicosis" (1924), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 412-414.
23. Freud, S. "Esquema del Psicoanálisis" (1924), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 9-58.
24. Freud, S. "La Negación" (1925), em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. II, pp. 1042-1044.
25. Freud, S. "Inhibición, Sintoma y Angustia" (1926), em Obras Completas. Madrid; Editorial Biblioteca Nueva, 1948. Vol. I, pp. 1213-1254.
26. Freud, S. "Fetichismo" (1927), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1955. Vol. XXI, pp. 237-244.
27. Freud, S. "Nuevas Aportaciones Al Psicoanálisis" (1933), Em Obras Completas. Madrid: Editorial Biblioteca Nueva,

1948. Vol. II, pp. 787-874.


28. Freud, S. "Análisis Terminable e Interminable" (1937), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1955. Vol. XXI, pp. 353-366.
29. Freud, S. "Compendio Del Psicoanálisis" (1940), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1955. Vol. XXI, pp. 67-126.
30. Freud, S. "La Escisión del Yo en el Proceso Defensivo" (1940), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda 1955. Vol. XXI, pp.61-66.
31. Freud, S. "Manuscrito H: Paranoia" (1954), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 141-147.
32. Freud, S. "Manuscrito K: Las Neurosis de Defensa ("Um Cuento de Navidad")" (1954), em Obras Completas. Buenos Aires; Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 179-188.
33. Freud, S. "Proyecto de una Psicología para Neurólogos" (1950), em Obras Completas. Buenos Aires: Santiago Rueda, 1956. Vol. XXII, pp. 373-456.

Tese apresentada no Departamento de  
Psicologia da Pontifícia Universidade  
Católica do Rio de Janeiro, fazendo  
parte da Banca Examinadora os seguin-  
tes Professores:



---

Dr. Carlos Paes de Barros



---

Dra. Ângela B. Podkameni



---

Dr. Samuel Faro

Visto e permitida a impressão  
Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1973



---

Coordenador dos Programas de  
Pós-Graduação e Pesquisa  
do Centro de Teologia  
e Ciências Humanas